UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE MICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA DE FUNGOS

POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO DE *CANDIDA LIPOLYTICA* NA PRODUÇÃO DE BIOSSURFACTANTES, NOS PROCESSOS DE REMOÇÃO E BIOSSORÇÃO DO PIRENO (DERIVADO DO PETRÓLEO)

MABEL HANNA VANCE-HARROP

Recife

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE MICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA DE FUNGOS

POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO DE *CANDIDA LIPOLYTICA* NA PRODUÇÃO DE BIOSSURFACTANTES, NOS PROCESSOS DE REMOÇÃO E BIOSSORÇÃO DO PIRENO (DERIVADO DO PETRÓLEO)

Tese apresentada ao Curso de PósGraduação em Biologia de Fungos da Universidade Federal de Pernambuco,como parte dos requisitos, para obtenção do título de Doutor em Biologia de Fungos.
Área de Concentração: Micologia aplicada.

Autora: MABEL HANNA VANCE-HARROP

Orientadora: Profa. Dra. GALBA MARIA DE CAMPOS-TAKAKI

Recife, PE

2004

POTENCIAL BIOTECNOLÓGICO DE *CANDIDA LIPOLYTICA* NA PRODUÇÃO DE BIOSSURFACTANTES, NOS PROCESSOS DE REMOÇÃO E BIOSSORÇÃO DO PIRENO (DERIVADO DO PETRÓLEO)

Mabel Hanna Vance-Harrop

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Galba Maria de Campos-Takaki (Orientadora)

Departamento de Química - NPCIAMB/UNICAP, Recife, PE

Profa. Dra.Norma Buarque de Gusmão

Departamento de Antibióticos - UFPE, Recife, PE

Profa. Dra. Maria Aparecida de Resende

Departamento de Microbiologia, ICB - UFMG, Belo Horizonte, MG

Profa. Dra. Ana Lúcia Figueiredo Porto

Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal - UFRPE, Recife, PE

Profa. Dra. Kaoru Okada

Departamento de Biologia - NPCIAMB/UNICAP, Recife, PE

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas e Instituições contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste Curso. A todas agradeço pelo apoio nunca negado nos momentos difíceis:

- Ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – LAPA/Recife;

- Ao corpo docente do Curso de Pós-Graduação em Biologia de Fungos do Departamento de Micologia, Universidade Federal de Pernambuco, pelos conhecimentos transmitidos durante todo o curso.

- Ao Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, pelo acesso ao Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais (NPCIAMB);

- Ao CNPq, CNPq/CTPETRO, FINEP/CTPETRO, PRONEX, pelo financiamento dos experimentos realizados;

- À Professora Galba, pela orientação e principalmente, pelo incentivo e oportunidade de realizar este trabalho;

- Ao Professor Marcelo Magalhães, pelo incentivo e por todos os conhecimentos transmitidos durante a minha vida profissional;

- À Professora Norma Buarque de Gusmão, pela contribuição na realização deste trabalho;

- Ao Professor Benício Barros Neto, pelas análises estatísticas, e pela atenção com que sempre me tratou;

- À banca examinadora pelas valiosas sugestões;

- Aos secretários do curso de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Márcio Eustáquio e Luís Carlos, pela boa vontade e agilidade, quando precisei;

- Aos técnicos do NPCIAMB, Severino Humberto de Almeida, Salatiel Joaquim de Santana e Sonia Maria de Souza, pelo auxílio durante a fase experimental;

- Aos colegas de curso, Ubirany, Cíntia, Gladstone, Ana Cristina, Bereneuza e Eurípedes, pelo companheirismo em todas as etapas deste curso;

- Aos colegas de laboratório, Ricardo Kenji Shiosaki, Sandra Tereza Ambrósio, Luciana Franco, Mariluce Pereira Barbosa , Mabel Calina Paz e Clarissa Daisy de Albuquerque, pela convivência;

- Ao Professor, amigo e conselheiro Cláudio de Moraes Andrade, por todos os inestimáveis ensinamentos ministrados ao longo da minha vida acadêmica e profissional;

- À minha família, pelo seu apoio e compreensão em todos os momentos.

- A todos aqueles que posso ter esquecido de mencionar, mas que foram amigos e/ou ajudaram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS

REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

LISTA DE TABELAS

REVISÃO DA LITERATURA

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

RESUMO

Em prévios estudos, *Candida lipolytica* IA 1055,demonstrou excelente potencial na produção de biossurfactantes com habilidade de emulsificação, em meios de cultura de baixo custo. Considerando o potencial biotecnológico de *C. lipolytica*, novas investigações foram realizadas utilizando os meios de cultura de baixo custo, a base de água do mar, adicionados de óleo de babaçu e glicose como controle da fonte de carbono. Observou-se maior produção de biossurfactantes com os meios Yeast Salt Water-Babaçu (YSW-B^2) e Yeast-Salt Water-Babaçu (YSW-B^3) cujas moléculas produzidas apresentaram excelente capacidade de emulsificação, sendo consideradas como novos bioemulsificantes, constituídos quimicamente por carboidratos, proteínas e lipídeos. A partir dos meios selecionados foi realizado um planejamento fatorial de dois níveis com cinco fatores (extrato de levedura, sulfato de amônio, uréia, fosfato de potássio e óleo de babaçu), com a finalidade de testar a sua influência sobre a produção de biossurfactante, através dos efeitos estatisticamente combinados. Os resultados obtidos sugeriram maior produção com os níveis utilizados do extrato de levedura, fosfato e da uréia nos seus valores superiores, enquanto que o da amônia, foi fixado em seu valor inferior. Quanto a fonte de carbono, o óleo de babaçu, os níveis fracionários não indicaram um efeito significativo sobre a resposta, ou seja, o aumento da produção de biossurfactante. As condições dos meios de cultura selecionados pelo planejamento fatorial foram utilizadas para a realização de estudos com substratos mistos (solúvel e insolúvel) para os processos de remoção e biossorção do pireno (derivado do petróleo) em cinco diferentes meios de cultura. Os resultados das análises por Cromatografia Líquida de Alta Eficiência (CLAE), demonstraram uma alta taxa de remoção do pireno nos meios I e IV, com percentuais de 99,02% e 97,51%, respectivamente. Estudos subseqüentes, com a biossorção do pireno foram realizados utilizando a biomassa de *C. lipolytica* imobilizada em álcool polivinil, como matriz inerte. Várias concentrações de biomassa (100, 200 e 300 mg) foram imobilizadas e empacotadas em colunas para avaliação do processo de biossorção do pireno. Os eluentes (água e acetato de etila) e as frações obtidas foram analisados por CLAE. Os resultados obtidos sugerem que a biomassa imobilizada de *C. lipolytica* apresenta grande potencial nos processos de biossorção do pireno tendo em vista o baixo custo, da produção e da imobilização da biomassa. Estes resultados indicam que a capacidade máxima de biossorção do pireno foi de 86,91; 44,62 e 29,43 mg g^{-1} , respectivamente para as colunas com 100 mg, 200 mg e 300 mg de biomassa.

ABSTRACT

In previous studies *Candida lipolytica* IA1055 has shown excellent potential in biosurfactant production, demonstrating emulsifying ability in low-cost culture media. Taking that into consideration, investigations were performed utilizing low-cost culture media in basal seawater supplemented with babassu oil and glucose as control of carbon sources. The highest biosurfactant production was observed in media Yeast Salt Water – Babassu (YSW-B^2) and Yeast Salt Water – Babassu (YSW-B^3), in which the molecules produced showed excellent emulsification activity. These molecules were considered new bioemulsifiers, chemically consisting of carbohydrate, protein and lipid. After media selection, a two-level factorial design with five factors (yeast extract, ammonium sulfate, urea, potassium phosphate and babassu oil) was performed, in order to test their influence over biosurfactant production, through statistically combined effects. The results suggested that higher production occurred with yeast extract, urea and potassium phosphate in their highest levels, and ammonium in its lowest level. As for the carbon source (babassu oil), the results indicated that its level was independent to the biosurfactant production. The culture media conditions, selected by the factorial design, were used to perform studies with mixed substrates (soluble and insoluble) for the processes of removal and biosorption of pyrene (petroleum derivative) using five different culture media. The results of High Performance Liquid Chromatography (HPLC) analyses demonstrated a high removal rate of pyrene in media I and IV with 99.02% and 97.51% percentage, respectively. Subsequential studies were performed with the biosorption of pyrene utilizing *Candida lipolytica* immobilized biomass in polyvynil alcohol as inert matrix. Biomass concentrations (100, 200 and 300 mg) were immobilized and packed in columns for evaluation of pyrene biosorption process. The eluents (ethyl acetate and water) and the fractions obtained were analyzed by HPLC.The results obtained suggested that the *Candida lipolytica* immobilized biomass presented great potential in pyrene biosorption processes because of its low cost. The results indicated that the maximum biosorption capacity of pyrene was 86.91 , 44.62 and 29.43 mg l^{-1} respectively for the 100 mg, 200 mg and 300 mg colunms.

INTRODUÇÃO GERAL

Nas últimas décadas houve um aumento da população, gerando uma preocupação em torno dos potenciais efeitos adversos para a saúde do homem e também para a ecologia da produção, uso e distribuição de numerosas substâncias químicas resultantes do desenvolvimento industrial, das atividades na agricultura e dos resíduos gerados pelas atividades urbanas e domésticas. Portanto, a qualidade de vida está ligada intrinsecamente à qualidade total do meio ambiente em resposta ao crescimento populacional e ao aumento na demanda por reservas naturais de ar, água e solo, devendo-se uma atenção global para a descoberta de novas maneiras de sustentar e cuidar do meio ambiente (KOLPIN *et al.*, 2002).

Assim, devido ao aumento pronunciado da exploração de petróleo e outras fontes de energia relacionadas, a atenção pública tem sido direcionada para os efeitos ambientais dessa exploração, particularmente, para o potencial de contaminação do meio ambiente pelo petróleo e seus subprodutos (WALKER; COLWELL, 1976).

O petróleo é uma mistura viscosa líquida que contém milhares de componentes formados principalmente, por carbono e hidrogênio. Todos os subprodutos do petróleo são derivados do óleo cru, cujos principais constituintes são os hidrocarbonetos (ATLAS, 1981).

Os produtos derivados do petróleo são a principal fonte de energia para a indústria e a vida cotidiana. O petróleo é também a matéria-prima para muitos produtos químicos, como plásticos, tintas e cosméticos. O transporte de petróleo através do mundo é freqüente e a quantidade de estoques da substância nos países desenvolvidos é enorme, o que aumenta a possibilidade de acidentes como o derramamento (HARAYAMA *et al.*, 1999).

Uma vez que a primeira linha de defesa, por assim dizer, contra a poluição ambiental por óleos é a população microbiana, torna-se imperativo o conhecimento sobre esses microrganismos

degradadores, presentes na água e no solo (WALKER; COLWELL,1976). Uma estratégia biológica que pode facilitar o contato entre os microrganismos e os hidrocarbonetos insolúveis em água é a emulsificação dos hidrocarbonetos que induzem ao crescimento de microrganismos através da produção de surfactantes. Estes surfactantes auxiliam na dispersão do óleo, aumentam a área superficial para o crescimento e ajudam na separação do microrganismo das gotículas de óleo após o hidrocarboneto utilizável ter sido consumido. A ação dos biossurfactantes na biorremediação do petróleo geralmente ocorre no mínimo por dois processos; o aumento da área superficial dos substratos hidrofóbicos e o aumento da bio-acessibilidade destes compostos (RON, ROSENBERG, 2001).

No Brasil, resultados de trabalhos realizados principalmente por Wilcke *et al*. (2003) demonstraram a presença de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos em inúmeras fontes como solo, madeira e ninhos de cupim em diferentes regiões ecológicas do país.

A levedura Ascomycetes *Candida lipolytica* (*Yarrowia lipolytica*), utilizada para estudos de pesquisas fundamental e biotecnológica sobre a produção de biomoléculas, possui habilidade para degradar substratos insolúveis como fonte de carbono, entre os quais o querosene e a gasolina, em meios de cultura contendo componentes de petróleo como única fonte de energia (OKPOKWASILI; AMSCHUKWU, 1988; BARTH; GAILLARDIN, 1997).

Tendo em vista o potencial biotecnológico demonstrado por *Candida lipolytica* (UCP 00065), os objetivos deste trabalho foram desenvolvidos em etapas:

- Verificar a influência dos surfactantes produzidos por *Candida lipolytica* em meios de baixo custo na biodegradação de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos;
- Produzir novos bioemulsificantes por *Candida lipolytica* utilizando D-glicose e óleo de babaçu como fonte de carbono;

- Produzir surfactantes por *Candida lipolytica* em meios semidefinidos utilizando planejamento fracionário;
- Utilizar condições de co-metabolismo para a remoção do pireno por *Candida lipolytica*;
- Avaliar a adsorção de pireno por biomassa de *Candida lipolytica* imobilizada.

REVISÃO DA LITERATURA

1. Biossurfactantes

Em sistemas heterogêneos, os limites são de fundamental importância para o comportamento do sistema como um todo. Os biossurfactantes são substâncias que adsorvem e alteram as condições que prevalecem nas interfaces. São moléculas anfipáticas, compostas por uma porção hidrofílica e uma porção hidrofóbica, com capacidade para reduzir a tensão superficial e interfacial entre interfaces líquidas, sólidas e gasosas, permitindo a essas se misturarem ou dispersarem como emulsões em água ou outros líquidos (COOPER,1986).

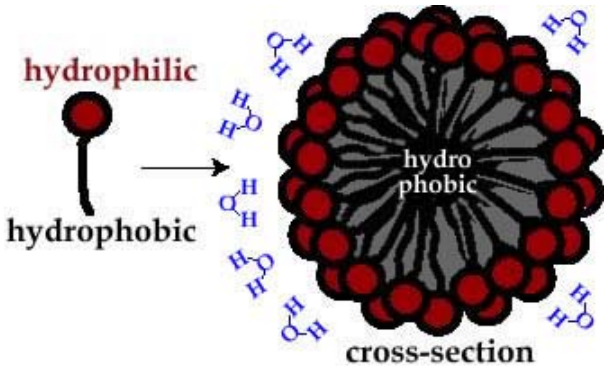


Figura 1. Molécula de um surfactante.

Fonte: http://www.virtuallaboratory.net

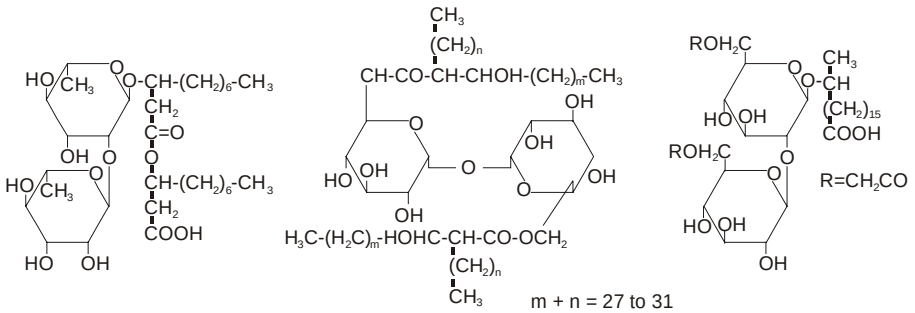
1. 1. Estrutura e origem microbiológica

Os biossurfactantes são classificados principalmente por sua composição química. Suas estruturas incluem uma porção hidrofílica, que consiste de aminoácidos ou peptídeos, mono, di ou polissacarídeos, e uma porção hidrofóbica de ácidos graxos, saturados ou insaturados. As principais classes de biossurfactantes são glicolipídeos, lipopeptídeos, lipoproteínas, fosfolipídeos, ácidos graxos e biossurfactantes poliméricos. Embora haja um grande número de relatos sobre a síntese de biossurfactantes por microrganismos que degradam hidrocarbonetos (CIRIGLIANO; CARMAN, 1984; NEU *et al*., 1992; BANAT, 1993), há também relatos sobre biossurfactantes produzidos por compostos solúveis em água, como carboidratos (COOPER; PADDOCK, 1984; JOHNSON *et al*., 1992; MOSCOVICI *et al*., 1996). Enfim, ocorre a produção de biossurfactantes com ambos os substratos, solúveis e insolúveis (CASAS; GARCIA-OCHOA, 1999; MACCAFFREY; COOPER, 1995; ZHOU; KOSARIK, 1995). Os microrganismos que produzem biossurfactantes estão distribuídos numa grande variedade de gêneros. Os principais tipos de biossurfactantes e sua origem microbiológica estão demonstrados na Tabela 1. Algumas estruturas típicas dos biossurfactantes podem ser observadas na Figura 2.

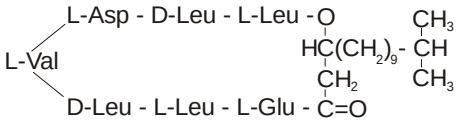
Tabela 1. Principais biossurfactantes e sua origem microbiológica

Biossurfactantes	Organismos
Glicolipídeos	
Rhamnolipídeos	*Pseudomonas aeruginosa*
	Pseudomonas sp.
Trealolipídeos	*Rhodococcus erythropolis*
	Nocardia erythropolis
	Mycobacterium sp.
Lipídeos sulfurosos	*Torulopsis bombicola*
	T. apicola
	T. petrophilum
Celobiolipídeos	*Ustilago zeae*
	U. maydis
Lipopeptídeos e lipoproteínas	
Peptídeo-lipídeo	*Bacillus licheniformis*
Viscosina	*P. fluorescens*
Surfactina	*B. subtilis*
Subtilisina	*B. subtilis*
Gramicidina	*B. brevis*
Polimixina	*B. polymyxa*
Ácidos graxos, lipídeos neutros e fosfolipídeos.	
Ácidos graxos	*Corynebacterium lepus*
Lipídeo neutro	*Nocardia erythropolis*
Fosfolipídeos.	*Thiobacillus thiooxidans*
Biossurfactantes poliméricos	
Emulsan	*Acinetobacter calcoaceticus*
Biodispersan	*A. calcoaceticus*
Proteína-manana-lipídeo	*Candida tropicalis*
Liposan	*C. lipolytica*
Carboidrato-proteína-lipídeo	*P. fluorescens*
	Debaryomyces polymorphis
Proteína PA	*P. aeruginosa*

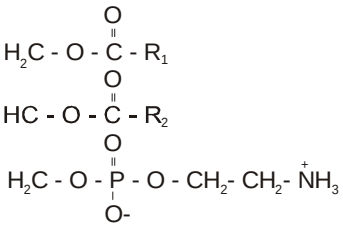
Fonte: Desai; Banat,1997.



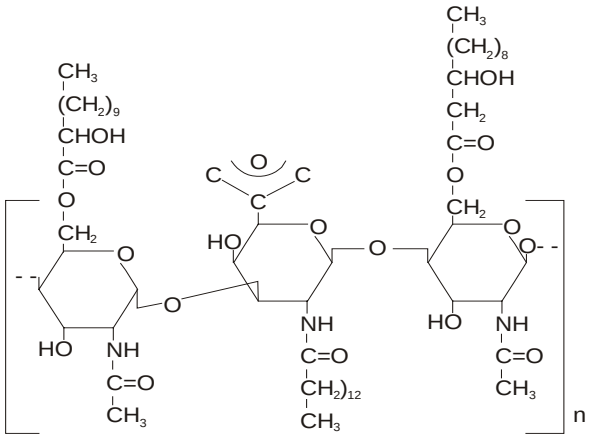
(A) RHAMNOLIPÍDEO (B) TREALOLIPÍDEO (C) LIPÍDEO SULFUROSO



(D) SURFACTINA



(E) FOSFATIDILETANOLAMINA



(F) EMULSAN

Figura 2. Estruturas químicas de biossurfactantes

Fonte: Desai; Banat,1997

1. 2. Propriedades

A propriedade mais importante da molécula do biossurfactante é a de reduzir a tensão superficial e interfacial entre sistemas de polaridades diferentes (COOPER, 1986). Além disso, essa molécula pode atuar como agente dispersante, estabilizante e espumante (GARTI, 1999), como também desestabilizar sistemas estáveis de surfactantes (NADARAJAH *et al*., 2002). Esta molécula apresenta ainda propriedades umidificantes (COOPER; ZAJIC, 1980) e atividades antimicrobianas (KITAMOTO *et al.,* 1993; YAKIMOV, 1995; VOLLENBROICH *et al*., 1997).

Os biossurfactantes apresentam várias vantagens em relação aos surfactantes químicos: baixa toxicidade, alta degradabilidade e melhor compatibilidade ambiental (DESAI; BANAT, 1997).

1. 3. Produção de biossurfactantes

1. 3. 1. Fisiologia e genética

O principal papel fisiológico dos biossurfactantes é dar acessibilidade aos microrganismos, de modo que eles cresçam em substratos insolúveis em água, pela redução da tensão superficial nas interfaces, o que deixa os substratos mais disponíveis para a absorção e o metabolismo. Os mecanismos moleculares envolvidos no processo de absorção desses substratos (ex.: alcanos), contudo, não foram totalmente esclarecidos (FIECHTER, 1992; DESAI; BANAT, 1997).

Os biossurfactantes são produzidos por uma grande variedade de microrganismos, que os secretam, extracelularmente ou ligados a partes das células, geralmente durante o seu crescimento em substratos insolúveis em água (ROSENBERG *et al*., 1979; KOCH *et al.,* 1991). Assim como em outras vias biossintéticas, uma valiosa abordagem no estudo da produção de biossurfactantes tem sido o uso de mutantes (naturais ou induzidos por transposição). Contudo, a escolha desses mutantes é difícil porque a perda da habilidade para produzir o emulsificante geralmente não resulta num fenótipo facilmente selecionável (RON; ROSENBERG, 2001).

A função do biossurfactante na célula microbiana não está esclarecida completamente, contudo, existem especulações acerca do seu envolvimento na emulsificação de substratos insolúveis em água (ZHANG; MILLER, 1995). O contato direto de células com gotas de hidrocarboneto e a interação dessas células com gotas emulsificadas já foram descritas por Rosenberg (1986). Esse mesmo autor, relatou que os biossurfactantes demonstraram envolvimento na aderência celular, promovendo o aumento da estabilidade da célula sob condições ambientais desfavoráveis.

1. 3. 2. Biossíntese

Devido à estrutura anfipática do biossurfactante, duas vias metabólicas primárias, isto é, o hidrocarboneto e o carboidrato, estão envolvidas na síntese de suas porções hidrofóbica e hidrofílica, respectivamente. As vias para a síntese desses dois precursores são diversas e utilizam conjuntos de enzimas específicas. As possibilidades para síntese das diferentes porções dos biossurfactantes e suas reações em cascata são as seguintes:

a) as porções hidrofílica e hidrofóbica são sintetizadas "de novo" por duas vias independentes;

b) a porção hidrofílica é sintetizada "de novo", enquanto a síntese da porção hidrofóbica é induzida pelo substrato;

c) a porção hidrofóbica é sintetizada "de novo", enquanto a síntese da porção hidrofílica é dependente do substrato;

d) a síntese de ambas as porções são dependentes do substrato (SYLDAK; WAGNER, 1987).

1. 3. 3. Regulação

Geralmente, três mecanismos funcionam na regulação da produção de biossurfactantes: a indução, a repressão e os íons nitrogênio e multivalentes (DESAI; BANAT, 1997).

A indução da síntese de trealolipídeos em *Rhodococcus erythropolis* pela adição de hidrocarbonetos foi relatada por Rapp et al. (1979). A indução parece ser também um mecanismo regulador usado para controlar o início da síntese da maioria dos biossurfactantes lipopeptídicos, de acordo com a literatura (KLUGE *et al*., 1988; ULLRICH *et al.,* 1991; BESSON; MICHEL, 1992).

A repressão da produção de biossurfactantes pela bactéria *Acinetobacter calcoaceticus* em substratos insolúveis como hidrocarbonetos foi observada com ácidos orgânicos (GÖBBERT *et al.,* 1984). Com a levedura *Candida lipolytica*, ocorreu a repressão da produção de Liposan quando glicose, acetato e ácidos tricarboxílicos foram adicionados (CIRIGLIANO; CARMAN, 1984). A regulação da síntese de biossurfactantes por fonte de nitrogênio e íons metálicos também merece registro. Guerra-Santos et al. (1984), relataram a influencia da fonte de

nitrogênio (amônia ou nitrato) e extrato de levedura sobre a produção de biossurfactantes. A melhor produção foi obtida com nitrato em comparação com as culturas nas quais a amônia foi utilizada como fonte de nitrogênio. Os resultados descritos por Ristau e Wagner (1983), demonstraram que a deficiência de nitrogênio produziu novos glicolipídeos em fermentação por batelada. Além destes resultados sob a regulação do nitrogênio, uma super produção dos novos glicolipídeos foi obtida pela limitação de íons de metais multivalentes. A síntese de rhamnolipídeos por *Pseudomonas aeruginosa* mostrou efeitos pronunciados pelos íons ferro, magnésio, cálcio, e pelas concentrações do sal de potássio: estes foram investigados com sucesso para o desenvolvimento de um meio de cultura definido (GUERRA-SANTOS et al., 1984; 1986). A limitação do ferro no estímulo à produção de biossurfactantes por *P. fluorescens* foi relatada por Persson et al. (1990), enquanto Cooper et al. (1981) referiram que a adição de sais de ferro e manganês induziram a produção de biossurfactantes por *Bacillus subtilis*.

1. 3. 4. Caracterização genética

Existem relatos sobre o isolamento de mutantes deficientes na produção de biossurfactantes, com a perda concomitante da habilidade para o crescimento em substratos insolúveis em água (SHABTAI; GUTNIK, 1986; RUSANSKY *et al*., 1987). O desenvolvimento recente de técnicas para detectar microrganismos que degradam os hidrocarbonetos acelerou significativamente o isolamento de microrganismos produtores de biossurfactantes. Entre as técnicas para detecção, estão o teste da gota colapso (JAIN *et al.,* 1991), a cromatografia de camada fina (MATSUYAMA *et al*., 1987) e os testes de detecção através de medição da hemólise (MULLIGAN *et al*., 1984).

1. 3. 5. Fatores que afetam a produção de biossurfactantes

Fontes de carbono

As fontes de carbono solúveis em água – como glicerol, glicose, manitol e etanol – foram utilizadas para produção de rhamnolipídeos por *Pseudomonas* sp. Não obstante, a produção de biossurfactante nesse caso foi inferior àquela obtida com substratos insolúveis em água, tais como n-alcanos e óleo de oliva (YAMAGUCHI *et al.,* 1976; ROBERT *et al*., 1989). Foi demonstrado por Edmonds e Cooney (1969) que, na produção de biossurfactante por *Pseudomonas* sp., utilizando-se distintas fontes de carbono com diferentes comprimentos de cadeias no meio de cultura, estas não exibiram efeitos sobre os comprimentos das cadeias de ácidos graxos da porção hidrofóbica da molécula, em glicolipídeos. Por outro lado, Finnerty e Singer (1985) evidenciaram que uma variação qualitativa ocorreu na produção de biossurfactantes por *Acinetobacter* sp. H13-A, refletindo-se sobre o número de carbonos do alcano.

Corynebacterium lepus produziu grande quantidade de biossurfactante extracelular quando cultivado em meio contendo hexadecano como fonte de carbono. O organismo, quando cultivado em glicose, produziu um biosurfactante ligado às células, o qual foi liberado quando tratado com hexadecano após o crescimento (DUVNJAK; KOSARIC, 1985). O trabalho desenvolvido por Banat, (1995) revelou que, quando as células cresceram em uma fonte de carbono solúvel em água (glicose), houve uma baixa produção de surfactante e somente quando toda a fonte de carbono solúvel foi consumida e o meio suplementado com uma fonte de carbono insolúvel em água (ácido oléico), o processo de produção foi iniciado. Glicolipídeos foram produzidos por *Torulopsis bombicola* ATCC 22214 (*Candida bombicola*) ao final da fase

exponencial do crescimento. Dois tipos de fontes de carbono foram utilizados, carboidrato e óleo vegetal, sendo ambos necessários para a obtenção de uma grande produção de surfactantes. A levedura cresceu na fonte de carbono solúvel, e após a fase exponencial, a fonte insolúvel foi adicionada a cultura, ocorrendo um aumento no processo de produção (COOPER; PADDOCK, 1984). Em face de tais evidências, conclui-se que a fonte de carbono disponível, particularmente o carboidrato utilizado, exerce grande influência sobre o tipo de biossurfactante produzido (LEE; KIM, 1993).

Fontes de nitrogênio

Os outros constituintes do meio, além das fontes de carbono, também afetam a produção de biossurfactantes. Entre as fontes de nitrogênio, os sais de amônia mostraram grande influência na produção de biossurfactante pela bactéria Gram-negativa PCB-106 quando utilizados como fonte de nitrogênio (PALEJWALA; DESAI, 1989). A uréia utilizada como fonte de nitrogênio adicional aumentou a produção de biossurfactantes por *Candida bombicola* (RAU *et al*., 1996). O nitrato promoveu a produção máxima por *P. aeruginosa* (GUERRA-SANTOS *et al.,* 1984; MACELWEE *et al*., 1990).

Robert *et al.* (1989) observaram que o nitrato foi a melhor fonte de nitrogênio para produção de biossurfactantes por *Pseudomonas* 44T1, cultivada em óleo de oliva. O efeito da fonte de nitrogênio sobre a produção de rhamnolipídeos por *Pseudomonas aeruginosa* foi observado em meios de cultura contendo proteose peptona e íons amônia e nitrato.A fonte de nitrogênio preferida pelo microrganismo foi o ácido glutâmico da peptona, ocorrendo um aumento simultâneo na produção e na atividade da glutamina sintetase e uma diminuição do crescimento celular (MULLIGAN; GIBBS, 1989). A produção de “lichenysin A”, um

biossurfactante lipopeptídico, foi aumentada em 2 e 4 vezes por *Bacillus licheniformis* BAS50, pela suplementação do meio com ácido glutâmico e L-asparagina, respectivamente (YAKIMOV *et al*., 1996). A limitação do nitrogênio também causou o aumento da produção de biossurfactantes por *Candida tropicalis* II-4 (SINGH *et al*., 1990) e *Nocardia* SFC-D (KOSARIC *et al*., 1990). Guerra-Santos *et al*., (1984; 1986) relataram que as células de *Pseudomonas aeruginosa* (Rsan-ver) alcançaram a produção máxima de rhamnolipídeos utilizando o nitrato como fonte de nitrogênio a uma taxa ótima de C:N de 18. Uma diminuição ou aumento na concentração de nitrogênio foi expressada em uma menor concentração de rhamnose na cultura. De acordo com Hommel *et al*. (1987), o que parece ser importante para a produção de uma biomassa ótima é a quantidade absoluta de nitrogênio, e não a sua concentração relativa. Por outro lado, a concentração da fonte de carbono hidrofílica determina a conversão do carbono disponível para o biossurfactante.

Fatores físico-químicos

Os fatores ambientais e as condições de crescimento, tais como pH, temperatura, agitação e aeração, também afetam a produção de biossurfactantes, através de seus efeitos sobre o crescimento e a atividade das células. O pH do meio desempenhou papel importante na produção de lipídeos sulfurosos por *Torulopsis bombicola* (GÖBBERT *et al*., 1984). *Candida lipolytica* IA 1055 produziu um bioemulsificante extracelular durante o crescimento em glicose, e a máxima produção foi verificada exatamente após o pH alcançar valores aproximados de 3.0 (SARUBBO *et al.,* 2001). Ainda, a atividade de emulsificação máxima produzida por essa levedura em meio de cultura com hexadecano como fonte de carbono foi obtida em valores de pH de 2 a 5 (CIRIGLIANO; CARMAN, 1984). A produção de biossurfactantes por uma amostra termofílica

de *Bacillus subtilis* foi demonstrada em cultivo com sacarose a 2% (m/v) como fonte de carbono, a uma temperatura de 45°C, com concentração de cloreto de sódio de 4% (m/v) na ampla faixa de pH 4,5 a 10,5 (MAKKAR; CAMEOTRA, 1997). Outra amostra de *Bacillus* sp. produziu surfactante sob a mesma temperatura e faixa de pH de 6,5 a 6,8, utilizando glicose e ácido oléico como fontes de carbono (BANAT, 1993). A concentração de cloreto de sódio também pode afetar a produção de biossurfactantes, dependendo do seu efeito sobre a atividade celular. Alguns biossurfactantes foram produzidos em salinidade de cerca de 13%, de água do mar natural sem contudo, serem afetados (VANCE-HARROP *et al*., 2003).

1. 3. 6. Produção de biossurfactantes por biotransformação

Nos últimos anos, uma considerável atenção tem sido voltada à produção de biossurfactantes através da via da biotransformação. Isso se deve principalmente à similaridade estrutural entre os ésteres de sacarose, um grupo de surfactantes comerciais, e os biossurfactantes glicolipídeos (SARNEY; VULFSON, 1995).

O principal impulso nessa direção tem sido o uso de cultura de microrganismos para obter diferentes porções hidrofílicas e hidrofóbicas dos biossurfactantes, as quais podem ser ligadas através de tratamentos enzimáticos para gerar surfactantes comerciais. Esses tratamentos enzimáticos são altamente específicos, e suas reações podem ser realizadas facilmente em condições normais de temperatura e pressão. A mais simples transformação relatada se deu através do uso de amostras de leveduras selecionadas para melhorar a qualidade do óleo pela dessaturação ou saturação dos ácidos graxos componentes do óleo (MONTET *et al.,* 1985). Em um sistema bifásico de D-sorbitol em água e ácido decanóico, a esterificação é catalisada por lipase de *Candida rugosa*. A conversão, a uma taxa de 6.8 $mmol.gl^{-1}.h^{-1}$ durante 24 horas,

ocorreu sem nenhuma redução significativa na taxa de produção alcançada (JANSSEN *et al*., 1990). Sarney e Vulfson (1995) apresentaram detalhes esclarecendo as perspectivas e limitações da síntese enzimática dos surfactantes. Segundo estes autores, o problema fundamental na síntese é a eficiência na solubilização dos constituintes hidrofílicos e lipofílicos na reação da mistura. Este processo oferece algumas vantagens básicas, incluindo uma grande flexibilidade quanto à variação da estrutura química dos produtos.

Isolamento dos biossurfactantes

Os processos de isolamento em muitos procedimentos biotecnológicos são responsáveis por até 60% do custo total da produção. O isolamento dos biossurfactantes depende principalmente da sua troca iônica, solubilidade em água e localização: intracelular, extracelular ou ligado à célula (DESAI; BANAT, 1997).

Entre as técnicas de isolamento de biossurfactantes mais comumente utilizadas estão as extrações com solventes orgânicos como: clorofórmio, metanol, diclorometano, entre outros. Trealolipídeos, produzidos por *Arthrobacter* sp. (LI *et al*., 1984); Liposan, produzido por *Candida lipolytica* (CIRIGLIANO; CARMAN, 1985); lipídeos sulfurosos, gerados por leveduras (RISTAU; WAGNER, 1993), são alguns resultados do isolamento por extração com solventes orgânicos. Os glicolipídeos produzidos por *Candida bombicola* (COOPER; PADDOCK, 1984; GÖBBERT *et al*., 1984) foram extraídos por acetato de etila gelado após adsorção por carvão. O método de precipitação por sulfato de amônio foi utilizado com sucesso no isolamento de emulsan (ROSENBERG *et al*., 1979), em biodispersan (ROSENBERG *et al*., 1988) e em um bioemulsificante produzido por uma bactéria Gram-negativa não identificada (PALEJWALA; DESAI, 1989). Um biossurfactante produzido em condições anaeróbicas por *Bacillus*

licheniformis JF-2 foi isolado pelo método de precipitação com ácido (JAVAHARI *et al.,* 1985). A remoção contínua do biossurfactante durante a fermentação foi desenvolvida por técnicas diferentes, tendo ocorrido um aumento da densidade celular no reator e a eliminação de produtos inibidores, resultando daí um acréscimo significativo no rendimento da produção (COOPER *et al.,* 1981). O método de precipitação por acetona foi empregado para isolamento de biossurfactante por ser rápido e também por permitir o monitoramento da produção máxima do biossurfactante (HEALY *et al.,* 1996). Outras técnicas de isolamento contínuas relatadas, envolvendo a adsorção em Amberlite XAD-2 seguida de purificação e liofilização, alcançaram um rendimento de 60% com 90% de pureza (REILING *et al*., 1986).

1. 4. Aplicações dos biossurfactantes

Na nova era global da industrialização, em que muitas indústrias clássicas estão sendo inovadas e redirecionadas para novas tecnologias, a biotecnologia tem um desafio que permite diversas oportunidades de pesquisa. Os rápidos desenvolvimentos na biotecnologia e o aumento da consciência ambiental entre os consumidores estão colocando os produtos biológicos na preferência do mercado (BANAT *et al*., 2000). O maior potencial de mercado para os biossurfactantes é a indústria petrolífera, tanto para a produção do petróleo quanto para a incorporação em formulações do óleo. Outras aplicações relacionadas à indústria do petróleo são a biorremediação/dispersão dos derramamentos de óleos, em terra e ao mar; e remoção/mobilização dos resíduos do óleo dos tanques de estocagem e no desenvolvimento do isolamento do petróleo (GEORGIOU *et al*., 1992; KHIRE; KHAN, 1994a, 1994b).

Recentemente, um experimento em larga escala demonstrou a eficácia, na biorremediação *in situ* no derramamento de óleo do Exxon Valdez (BRAGG *et al*., 1994). A eficiência dos

biossurfactantes na remediação de metais foi descrita por Herman *et al*. (1995), por um rhamnolipídeo com capacidade de remoção de cádmio, chumbo e zinco. A remoção de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos foi demonstrada por Providenti *et al*. (1995) e também de outros poluentes hidrofóbicos recalcitrantes de solo contaminado por Van Dyke *et al*. (1991).

A habilidade dos biossurfactantes para emulsificar misturas de hidrocarbonetos com água foi verificada através dos trabalhos descritos por Oberbremer *et al*. (1990) e Zhang; Miller, (1995). Esta propriedade aumenta significativamente a degradação de hidrocarbonetos sendo por isso, potencialmente vantajosa para o emprego nos derramamentos de óleos (BANAT, 1995).

Na indústria de alimentos os biossurfactantes são utilizados como emulsificantes para o processamento de matérias-prima. A emulsificação é muito importante na formação da consistência e textura e também na dispersão de fases em alimentos. Um emulsificante produzido por *Candida utilis* tem sido largamente utilizados em decoração de saladas (SHEPHERD *et al*. 1995).

Os biossurfactantes encontraram uma posição adequada no mercado de cuidados pessoais devido a suas propriedades de baixa umidade e compatibilidade com a pele (BROWN, 1991).

A mistura de lipídeos sulfurosos e propileno glicol possui uma excelente compatibilidade com a pele e são produzidos comercialmente como umectantes, demonstrando a importância destes biossurfactantes para a indústria de cosméticos (DESAI; BANAT, 1997). A produção de lipídeos sulfurosos foi demonstrada por *Candida bombicola* KSM-36 com rendimento de 100-150 gl^{-1} utilizando óleo de palmeira e glicose como fontes de carbono (ITO, 1987) e por *Candida apícola*, usando glicose e óleo de girassol como substrato (STUWER, *et al.* 1987). Os lipídeos sulfurosos são comercializados por Kao Chemical Corporation, Japão, como um umectante para produtos cosméticos com marca registrada como Sofina. Esta companhia desenvolveu processos fermentativos para a produção de lipídeos sulfurosos e após um processo de esterificação em

duas etapas, o produto encontrou aplicação em batons, hidratantes para a pele e produtos para o cabelo (DESAI; BANAT, 1997).

Os biossurfactantes têm algumas aplicações terapêuticas, o efeito de inibição do crescimento do vírus da imunodeficiência humana em leucócitos, tendo sido citada na literatura (KITAMOTO *et al.,* 1993). A deficiência do surfactante pulmonar, devido a formação de um complexo de proteína-fosfolipídeo tem sido responsável pela dificuldade de respiração em crianças prematuras. O isolamento de genes para as moléculas de proteínas deste surfactante e a clonagem destes, em bactérias tem tornado possível a produção pelo processo fermentativo para sua aplicação médica (WHITE *et al.* 1985).

Os biossurfactantes são também utilizados na agricultura, como agentes ativos de superfície, necessários para a facilitar a distribuição e homogeinização dos fertilizantes, nos solos. Stanghellini e Miller (1997), avaliaram o potencial de rhamnolipídeos no controle biológico. Outras áreas de potencial aplicação são as indústrias de polpa de papel (ROSENBERG *et al*. 1989); têxtil e cerâmica (HOROWITZ; CURRIE, 1990); e ainda na imunonutrição (BENGMARK,1998).

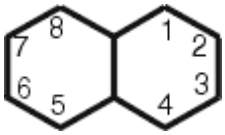
Embora as excelentes propriedades físico-químicas, como a redução da tensão superficial e atividades de emulsificação, indiquem o potencial para aplicações industriais dos biossurfactantes, os custos de produção parecem altos, cerca de 3 a 10 vezes quando comparados aos produtos sintetizados quimicamente sendo necessário maior incentivo para o estabelecimento de produtos mais econômicos.

2. Hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (HAPs): estrutura química e propriedades

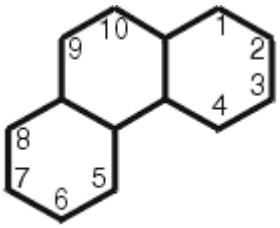
O hidrocarboneto é um dos compostos orgânicos mais simples e primitivos. É constituído somente por átomos de carbono e hidrogênio, os quais se ligam para formando estruturas lineares, cadeias ramificadas ou anéis. Os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos constituem uma classe de compostos formados de anéis aromáticos fundidos em várias configurações estruturais demonstradas na figura 3. O grupo desses hidrocarbonetos pode ser dividido em sistemas cata-condensados e peri-condensados, dependendo da configuração dos anéis benzênicos. A estabilidade química, indicada pelo tipo de ligação entre os anéis, e a baixa solubilidade em água são as duas características principais que contribuem para a persistência dos HAPs no meio ambiente (ZANDER, 1983).

2. 1. Origem dos HAPs

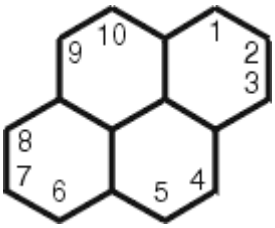
Os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos podem-se formar a partir da pirólise incompleta de materiais orgânicos encontrados em quantidades consideráveis, nos combustíveis fósseis, liberados através de processos de combustão. Os mecanismos de formação dos HAPs durante a combustão incompleta de material orgânico estão longe de um entendimento completo (LEE *et al*., 1981).



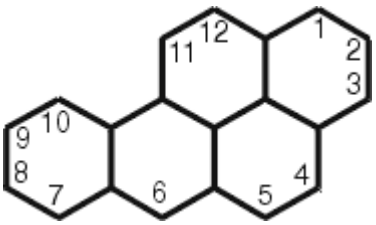
naftaleno



fenantreno



pireno



benzo[a]pireno

Figura 3. Estrutura de alguns hidrocarbonetos aromáticos policíclicos

Acredita-se que duas etapas de reações distintas estejam envolvidas no processo: a pirólise e a pirossíntese. Em altas temperaturas, os compostos orgânicos são parcialmente quebrados em moléculas menores e instáveis (pirólise), e a energia é liberada. Tais fragmentos, em sua maioria radicais, recombinam-se para produzir grandes hidrocarbonetos aromáticos relativamente estáveis (pirossíntese). No entanto, altas temperaturas e incêndios não são necessários para a aromatização da matéria orgânica. Por exemplo, os HAPs do petróleo foram formados durante milhões de anos em sedimentos que estavam sob temperaturas entre 100 e 150°C. (LEE *et al.,* 1981).

As fontes ambientais dos HAPs incluem usinas elétricas; sistemas de aquecimento doméstico à base de queima de óleo, carvão ou madeira, gasolina, máquinas a diesel, incineração de resíduos, atividades industriais diversas, fumaça de cigarro, incêndios florestais e queimadas em áreas agrícolas (FINLAYSON-PITTS; PITTS JR.,1997).

Em especial os processos de refinamento de petróleo contribuem para descargas localizadas de HAPs no ambiente, através de efluentes industriais de processamentos de liquefação e gaseificação de carvão e derramamentos acidentais de petróleo cru e refinado. Há também distribuição de HAPs a partir da atmosfera para a vegetação, o solo, a água e os sedimentos (CERNIGLIA, 1992).

Wagrowski e Hites (1997) relataram que o total de sobrecarga de HAPs nas amostras de vegetação da área rural foi em média 10 vezes menor do que nas amostras de vegetação da área urbana, confirmando que a carga de HAPs na atmosfera é maior nas regiões próximas às supostas fontes.

2. 2. Importância ambiental dos HAPs

Os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos são compostos hidrofóbicos. Sua persistência no meio ambiente deve-se principalmente à sua baixa solubilidade em água e alta estabilidade eletroquímica. Os HAPs de alto peso molecular exibem maior persistência ambiental do que os HAPs de peso molecular mais baixo, devido ao aumento na hidrofobicidade e na estabilização da ressonância em decorrência do aumento de massa. Evidências sugerem que a hidrofobicidade, persistência ambiental e genotoxicidade dos HAPs aumentam de acordo com o tamanho da molécula do composto, ou seja, de acordo com a quantidade de anéis benzênicos fundidos (CERNIGLIA, 1992).

A relação entre o aumento do número de anéis benzeno e a persistência ambiental dos HAPs é consistente com os estudos correlacionando a taxa de biodegradação e tamanho da molécula em resultados obtidos por Bossert; Bartha (1986) e Heitkamp; Cerniglia (1987).

Da combinação das inúmeras fontes naturais e antropogênicas de hidrocarbonetos com o fenômeno do transporte global resulta a distribuição mundial desses compostos. A concentração de HAPs em uma dada área pode variar amplamente, dependendo do nível de desenvolvimento industrial e dos processos de transporte observados no local (KANALY; HARAYAMA, 2000).

Cerniglia (1992) relatou que as concentrações de HAPs no solo variam de 0,005 mg/g em áreas em desenvolvimento a 1800 mg/g nas proximidades de uma refinaria.

A combustão envolvendo compostos químicos orgânicos pode produzir misturas complexas de poluentes orgânicos semivoláteis, inclusive HAPs (WHEATLEY *et al.,* 1993; MEHARG *et al*., 1998).

O potencial de dispersão desses poluentes e a deposição de fuligem gerada por grandes queimadas podem ser consideráveis (GHONIEM *et al*., 1993; MEHARG; OSBORNE, 1995).

O monitoramento atmosférico do meio ambiente para esses compostos orgânicos semivoláteis revela a dependência das propriedades físico-químicas de tais compostos com respeito a suas afinidades para fases gasosas e sólidas (HARRISON; JONES, 1995; TREMOLADA *et al.,* 1996).

A contaminação do solo, das colheitas e mudas, a partir da decomposição atmosférica, é a principal rota de entrada dos compostos semivoláteis liberados por acidentes na cadeia agrícola e de alimentos (LIJINSKI, 1991; MEHARG *et al*., 1998).

Portanto, a distribuição global dos HAPs depende de suas origens. No Brasil, estudos realizados nas proximidades de Manaus (AM) detectaram HAPs em altos níveis, originados de processos de combustão. A exploração econômica da floresta amazônica estimula a queimada de grandes áreas florestais para a fixação de culturas agrícolas, alterando a ecologia regional. A fumaça resultante dessas queimadas pode-se propagar por grandes extensões, espalhando compostos tóxicos como os HAPs (ABAS *et al*., 1995).

Wilcke *et al*. (2003) encontraram, no solo de diferentes regiões ecológicas brasileiras, como o cerrado, a Mata Atlântica e a caatinga, uma mistura de 20 diferentes HAPs, devido principalmente, à queima de matas. Os hidrocarbonetos naftaleno e perileno foram produzidos ou acumulados, respectivamente, em ninhos de cupins na região amazônica e na maioria dos ninhos em todo o Brasil.

2. 2. 1. Toxicidade

Diversos hidrocarbonetos aromáticos policíclicos apresentam propriedades tóxicas, mutagênicas e/ou carcinogênicas (MASTRANGELO *et al*., 1996; GOLDMAN *et al*., 2001).

O contaminação por HAPs através da inalação, ingestão ou contato com a pele de fuligem, gases, alcatrão, resíduos de petróleo, ar ou alimentos contaminados é especialmente preocupante devido à toxidade desses compostos. Vários estudos a respeito do potencial carcinogênico dos HAPs mostram que essas substâncias adquirem tal característica após a ativação do aceptor celular, mecanismo que pode ser observado no benzo[a]pireno: inicialmente, um epóxido areno é formado por uma mono-oxigenase do citocromo tipo P450; o epóxido é então hidrolisado por um epóxido hidrolase a um trans-diol; em seguida, outro epóxido é formado e catalisado novamente por uma enzima P450. Esse diol-epóxido é altamente reativo para substâncias nucleofilicas e tem habilidade para reagir com o DNA (MOORTHY *et al.,* 1994; STAGEMAN *et al*., 2001).

Além disso, muitos hidrocarbonetos aromáticos policíclicos são considerados poluentes ambientais, capazes de causar efeitos prejudiciais sobre a flora e fauna, ou mesmo afetar os *habitats*. O dano ambiental causado pelos HAPs resulta da absorção e acumulação de produtos químicos tóxicos pela cadeia alimentar, o que gera problemas sérios de saúde e/ou defeitos genéticos no homem. Conseqüentemente, a Agência Americana de Proteção Ambiental (EPA) listou dezesseis HAPs como poluentes prioritários para remediação (LIU *et al*., 2001; DONKIN *et al*., 2003).

O naftaleno, com seus dois anéis de benzeno, é o composto mais simples do grupo dos HAPs. É considerado um micropoluente comum na água potável. Sua toxicidade e atividade teratogênica foram relatadas em animais de laboratório. Alterações dermatológicas e

oftalmológicas foram observadas em trabalhadores ocupacionalmente expostos ao naftaleno (MASTRANGELO *et al*., 1996; GOLDMAN *et al*., 2001).

O fenantreno é um HAP constituído por três anéis aromáticos fundidos. Esse HAP é tido como fotossensibilizante para a pele humana. Sob condições específicas, pode ser mutagênico para bactérias (MASTRANGELO *et al*., 1996).

O pireno, com quatro anéis aromáticos é o HAP mais abundante no meio ambiente. Embora não seja genotóxico, é utilizado como indicador no monitoramento de sítios contaminados, visto que sua estrutura molecular é encontrada em HAPs potencialmente carcinogênicos (SACK *et al*., 1997).

O benzo[a]pireno é um HAP que tem sido estudado extensivamente por muitos anos, devido à sua potente genotoxidade (SUTHERLAND *et al.,* 1995) e propriedades imunotóxicas (DAVILA, 1999).

Por tudo isso, existe um grande interesse em se determinar o destino dos HAPs no meio ambiente. Os objetivos das pesquisas científicas nesse sentido tem sido avaliar o risco da exposição do homem a esses compostos (ANGERER *et al*., 1997) e reduzir eficientemente os elevados níveis de HAPs em sítios contaminados.

2. 3. Degradação microbiológica

Microrganismos são utilizados para degradar compostos perigosos em substâncias inofensivas, tais como dióxido de carbono e água. As reações de transformação microbiológica são mediadas por fungos e bactérias, responsáveis pela grande maioria dos processos de transformação biológica. Esses microrganismos podem ser responsáveis pelo desaparecimento de contaminantes orgânicos do meio ambiente. A primeira etapa na degradação microbiológica dos

HAPs envolve a ação de enzimas chamadas oxigenases, produzidas pelos microrganismos que catalisam as reações de fixação do oxigênio. Há dois grupos de oxigenases: as mono-oxigenases e as di-oxigenases. Os fungos e os mamíferos geralmente produzem mono-oxigenases, as quais incorporam um átomo de oxigênio a cada dois átomos de carbono, resultando daí a formação de intermediários (WILSON; JONES, 1993).

No caso das bactérias, a etapa inicial ocorre via oxidação do hidrocarboneto para um di-idrodiol, através de um sistema de componentes multienzimáticos. Esses intermediários di-idroxilato podem então ser processados por uma ou outra via de clivagem (orto ou meta-clivagem), produzindo intermediários principais, como o protocatecuato e catecol, os quais se convertem em intermediários do ciclo do ácido tricarboxílico (KANALY; HARAYAMA, 2000). A habilidade dos microrganismos (bactérias, fungos) em utilizar hidrocarbonetos como única fonte de energia em seu metabolismo foi relatada por Zobell (1946) e Bushnell e Haas (1940). Na última década, as pesquisas sobre a biodegradação da HAPs constituídos por mais de três anéis têm avançado significativamente.

Vinte e um anos após a revisão clássica realizada por Zobell, um acidente com navio petroleiro provocou derramamento de óleo e atraiu a atenção da comunidade científica para os problemas da poluição ambiental (ATLAS, 1981).

- Microrganismos que degradam hidrocarbonetos aromáticos policíclicos com dois anéis aromáticos por exemplo, o naftaleno:

Bactérias

Existe um grande número de bactérias que degradam o naftaleno e que já foram estudados. Duas amostras de bactérias com habilidade para utilizar naftaleno como única fonte de

carbono e energia foram isoladas de sedimento contaminado com creosoto. Essas amostras foram incubadas com HAP em meio de cultura com água do mar artificial. As bactérias foram identificadas como pertencentes ao gênero *Pseudomonas* e *Burkholderia* (HEDLUND *et al.,* 1999).

Mais de cem amostras de bactérias com capacidade para utilizar naftaleno como fonte de carbono foram isoladas de sedimentos marinhos de uma área poluída. A maioria dessas amostras pertence ao gênero *Pseudomonas*. Sete isolados apresentaram novos biovares pertencentes às espécies *Pseudomonas testoteroni* e *P. stutzeri*, que degradam hidrocarbonetos aromáticos (GARCIA-VALDÉS *et al*., 1988).

Fungos

Cunninghamella elegans foi cultivada em caldo Sabouraud dextrose na presença de naftaleno, produzindo seis metabólitos os quais foram isolados e identificados por técnicas químicas convencionais. Os resultados sugerem que esse fungo oxida naftaleno através de uma seqüência de reações similares às que ocorrem no metabolismo desse hidrocarboneto pelos mamíferos (CERNIGLIA; GIBSON, 1977).

Seis espécies de leveduras foram examinadas em sua habilidade para metabolizar naftaleno, bifenil e benzo[a]pireno. Todos os organismos testados oxidaram esses compostos aromáticos. As culturas testadas foram das leveduras *Debaryomyces hansenii*, *Candida tropicalis*, *C. maltosa*, *C. guilliermondii*, além de duas amostras de *C. lipolytica*, 37-1 e 78-003. *C. lipolytica* oxidou os HAPs em grande extensão, por isso foi o organismo escolhido para estudos posteriores (CERNIGLIA; CROW, 1981).

- Microrganismos que degradam hidrocarbonetos aromáticos policíclicos com três anéis aromáticos por exemplo, o fenantreno:

Bactérias

O isolamento de bactérias degradadoras de fenantreno de sedimentos de zona portuária em Boston resultou num total de 423 isolados em um estudo de mais de dois anos. Essas bactérias foram caracterizadas, fenotipicamente, nos gêneros *Pseudomonas*, *Burkolderia*, *Sphingomonas*, *Flavobacter*, *Vibrio* e *Mycobacterium*. Técnicas moleculares revelaram que a comunidade dessas bactérias degradadoras de fenantreno nos sedimentos é bastante diversificada, e que a sua estrutura sofreu modificações significativas no decorrer do tempo. Além disso, os genes predominantes que regulavam a degradação do fenantreno na comunidade não estavam bem caracterizados (BERARDESCO *et al.,* 1998).

Boldrin et al. (1993) isolaram uma amostra de *Mycobacterium* sp. amostra BBI de um antigo local de gaseificação de carvão. Essa amostra mostrou habilidade para utilizar fenantreno, pireno ou fluoranteno como única fonte de carbono e energia. As taxas de crescimento foram de 0,069, 0,056 e 0,040 h^{-1}, respectivamente.

Bactérias com capacidade para degradar fenantreno foram isoladas em amostras de água e solo contaminadas com creosoto e óleo diesel. Nesse estudo, modificou-se a técnica de isolamento em placas com agarose resfriado: adicionaram-se bactérias e partículas finas de fenantreno, que foram distribuídas sobre a superfície do ágar anteriormente solidificado. As bactérias degradadoras mostraram halos ao redor das colônias, demonstrando o desaparecimento do fenantreno (BOGART; HEMMINGSEN, 1992).

Fungos

O potencial dos fungos na oxidação dos HAPs já é bem conhecido. *Cunninghamella elegans*, estudada em trabalhos realizados por Cerniglia *et al.* (1985), e o fungo da podridão branca *Pleorotus ostreatus*, que metabolizou 94% do fenantreno adicionado ao meio rico para basidiomycetos, após 11 dias de crescimento (BEZALEL *et al.*, 1996).

Sack *et al*. (1997) realizaram um estudo com cinco diferentes fungos da podridão da madeira na degradação do fenantreno e do pireno, tendo sido os fungos cultivados em um substrato natural. Os HAPs foram adsorvidos em palha de trigo. *Trametes versicolor* e *Kuehneromyces mutabilis* mineralizaram respectivamente o fenantreno 15,5 e 5,0% em 63 dias. *Laetiporus sulphureus* e *Agrocybe aegerita* mineralizaram 10,7 e 3,7% do fenantreno, respectivamente. Com o fungo *Flammulina velutipes* não foi detectada mineralização.

Amostra de *Aspergillus niger* isolado de solo contaminando com HAPs foi examinada em seu potencial para degradar fenantreno e pireno. Essa amostra metabolizou ambos os compostos, produzindo metabólicos menores: 1-fenantrol, 2-fenantrol e 1-pirenol (SACK *et al*., 1997).

- Microrganismos que degradam hidrocarbonetos aromáticos policíclicos com quatro anéis aromáticos por exemplo, o pireno:

Bactérias

A degradação de três HAPs – pireno, benzo[a]antraceno e benzo[a]pireno – foi relatada por Schneider *et al*., em 1996. Utilizou-se no estudo a bactéria *Mycobacterium* sp. amostra RJGII-135, isolada do solo de um sítio abandonado contaminado por carvão, através de técnicas

de enriquecimento. As vias de degradação destes três compostos pela bactéria, confirmam os processos enzimáticos de di-oxigenases descritos previamente, para outra bactérias.

A investigação da degradação e mineralização de HAPs de alto peso molecular, tais como pireno, criseno, benzo[a]pireno e benzo[a]antraceno e dibenzo[a, h] antraceno, foi realizada por Boonchan *et al.* (2000), através da utilização de um consórcio da bactéria *Stenotrophomonas maltophilia* e do fungo *Penicillium janthinellum*.

Fungos

Estudo realizado para isolamento de fungos com habilidade para degradar pireno foi realizado em sedimentos contaminados com HAPs. Foram isolados dez fungos degradadores do pireno, nove deles ainda não relatados pela literatura: Zygomycetes – *Mucor racemosus*, *M. racemosus var. sphaerosporus*; Deuteromycetes – *Gliocladium virens*, *Penicillium simplicissimum*, *P. janthinellum*, *Phialophora alba*, *P. hoffmannii*, *Trichoderma harzianum;* Dematiaceae – *Scopulariopsis brumptii*, e o Sphaeropsidale *Coniothyrium fuckelii* (RAVELET *et al*., 2000). O fungo da podridão branca *Cariolopsis gallica* (UAMH 8260) produziu a enzima lacase, que metabolizou o pireno (PICKARD *et al*, 1999).

A habilidade de diferentes espécies e amostras do gênero *Crinipellis*, *Marasmius* e *Marasmiellus* para metabolizar o pireno foi investigada. Foram detectados, nesse trabalho, vários metabólicos dependentes do meio de cultura utilizado e de cada amostra específica de diferentes espécies de Basidiomycetes (LANGE *et al*., 1996).

- Microrganismos que degradam hidrocarbonetos aromáticos policíclicos com cinco anéis aromáticos por exemplo, o benzo[a]pireno:

Bactérias

Na literatura, poucos são os relatos que descrevem a degradação de benzo[a]pireno por cultura de bactérias puras ou mistas (TRZESICKA-MLYNARZ; WARD, 1995; SCHNEIDER *et al.*, 1996; JUHASZ *et al*., 1997). Além disso, existem muito poucos trabalhos a respeito da extensiva mineralização do benzo[a]pireno por bactérias. Ye *et al.* (1996) demonstraram que uma suspensão por células de *Sphingomonas paucimobilis* (EPA 505) converteu co-metabolicamente 10.mg l^{-1} de [7-^{14}C] benzo[a]pireno a 28% $^{14}CO_2$ em 48 horas. Recentemente, Boonchan *et al.* (2000) descreveram uma cultura mista de bactéria-fungo que mineralizou co-metabolicamente 50.mg l^{-1} de [7-^{14}C] benzo[a]pireno a 58,1% de CO_2 em 56 dias, na presença de 250 mg.l^{-1} de pireno. Ainda mais notável foi a mineralização desse composto em 25,5% pelo consórcio de fungo-bactéria, como única fonte de carbono e energia sob as mesmas condições.

Fungos

O metabolismo de benzo[a]pireno por culturas de fungos da podridão branca já foi demonstrado previamente (HAEMMERLI *et al*., 1986). O benzo[a]pireno foi rapidamente oxidado em compostos polares solúveis em água pelo fungo da podridão branca *Bjerkandera* sp. (SBOS55). A maioria desses metabólicos foi mineralizada pela comunidade microbiana nativa não adaptada a HAPs, sob condições aeróbicas (KOTERMANN *et al*., 1998).

O benzo[a]pireno pode ser removido do meio ambiente através da ação de fungos. Vários estudos realizados nos últimos cinco anos descreveram a biodegradação desse composto por fungos da podridão branca, através do sistema enzimático ligninolítico extracelular (lignina peroxidase e manganês peroxidase). *Trametes versicolor* oxidou *in vitro*, por meio da isoenzima

lacase, os HAPs benzo[a]pireno e antraceno (COLLINS *et al*., 1996). *Stropharia coronilla*, um Basidiomycete que decompõe matéria orgânica, mostrou capacidade para metabolizar e mineralizar benzo[a]pireno em cultura líquida, suplementada com íons manganês (Mn^{2+}), o que estimulou consideravelmente o efeito da enzima ligninolítica manganês peroxidase (STEFFEN *et al*., 2003).

2. 3. 1. Biorremediação

Durante a última década, muitos microrganismos foram isolados e caracterizados conforme a sua habilidade para degradar diferentes HAPs. Assim, novas vias de degradação foram elucidadas. Para melhorar a biodegradação de compostos tóxicos no meio ambiente, diferentes estratégias podem ser consideradas, como, por exemplo, a quimiotaxia (GRIM; HARWOOD, 1999). Outra estratégia seria a utilização de microrganismos geneticamente modificados embora os relatos sobre esse assunto ainda sejam escassos, estudos têm sido realizados, visando o melhoramento nas taxas de mineralização. A caracterização genética dos genes *phn* da amostra *Burkholderia* sp. RP 007 levou ao entendimento do processo da degradação de HAPs por bactérias (TAKIZAWA *et al*., 1999).

Recentemente, os genes da dioxigenase de *Mycobacterium* sp. amostra PYR-1 foram clonados, subclonados e superexpressados em *Escherichia coli*, através do sistema pBAD/ThioFusion. A funcionalidade dos genes para degradação do hidrocarboneto foi confirmada em um clone do fago contendo os dois genes que codificam as subunidades di-oxigenases (KHAN *et al*., 2001).

As pesquisas sobre biorremediação de HAPs e outros compostos similares no meio ambiente têm sido discutidas. Os HAPs podem ser degradados através de uma grande

diversidade de bactérias que existem naturalmente no solo, e que provaram ser eficientes no campo (WILSON; JONES, 1993). A biorremediação por intermédio de microrganismos naturais foi o principal mecanismo de remoção do óleo derramado pelo Exxon Valdez no Alasca (SUGAI *et al*., 1997).

Um consórcio de cinco amostras selvagens de bactérias foi selecionado para ser aplicado em sítios contaminados por HAPs em uma refinaria na Índia. Nesse estudo, foram avaliados os níveis de inóculo e as taxas de sobrevivência dos microrganismos introduzidos com e sem a suplementação com nutrientes. A aplicação do consórcio de bactérias e nutrientes, resultaram em máxima biodegradação de hidrocarbonetos derivados do petróleo (MISHRA *et al*., 2001).

A remediação microbiana de HAPs em solos contaminados por petróleo é uma tecnologia emergente, envolvendo a aplicação de biossurfactantes. A adição do biossurfactante estimula a população de microrganismos selvagens a degradarem os hidrocarbonetos em altas taxas, maiores do que as alcançadas através da adição somente de nutrientes (BANAT, 1993, 1995).

Vários trabalhos têm demonstrado os efeitos benéficos dos biossurfactantes sobre a taxa de oxidação dos hidrocarbonetos, devido ao aumento da bio-acessibilidade destes aos microrganismos (NOORDMAN *et al*., 1998; DOONG, LEI, 2003). Pesquisas adicionais ainda serão necessárias para explorar as interações microbiológicas dentro dos consórcios que degradam os HAPs, os mecanismos regulatórios da degradação dos HAPs com vários anéis em sua estrutura, bem como a biodegradação co-metabólica dos HAPs. Novas abordagens e recentes avanços na biologia molecular, poderão auxiliar na detecção de microrganismos degradadores de amostras ambientais (TIMMIS; PIEPER, 1999).

A biorremediação é considerada ainda uma tecnologia em desenvolvimento (WATANABE, 2001). Por conseguinte, são essenciais o levantamento de informações sobre as populações microbianas degradadoras, o auxílio de propostas moleculares ecológicas e o

conhecimento da fisiologia e genética desses microorganismos, a fim de que se estabeleçam projetos de biorremediação ambientalmente seguros.

3. Biossorção

O processo de sorção consiste no acúmulo de substâncias químicas na superfície (adsorção) ou no interior (absorção) da célula microbiana (ALEXANDER, 1994). A biossorção é a absorção ou acumulação de produtos químicos pela massa microbiana. A biossorção envolve a combinação de mecanismos de transporte ativo e passivo, iniciando-se com a difusão do componente adsorvido pela superfície da célula. Quando o componente se difunde na superfície celular, ele se liga a sítios que exibem algumas afinidades químicas para o componente. Geralmente, tal adsorção é rápida, reversível, não constituindo fator limitante na cinética da biorremoção quando processada com células dispersas. A biossorção é freqüentemente seguida de um processo de ligação lento, no qual componentes adicionais são ligados, em regra irreversivelmente (AKSU; TEZER, 2000).

A sorção é considerada um dos processos mais significativos para remoção dos contaminantes orgânicos em tratamentos de sistemas de resíduos, juntamente com a biodegradação e a destruição (JACOBSON *et al*., 1993). Existem alguns estudos de sorção de poluentes orgânicos em solos ou sedimentos, mas pouquíssimos experimentos foram realizados com biomassa microbiana (BELL; TSEZOS, 1988). Muitos poluentes orgânicos perigosos têm sido identificados nos efluentes e lodos dos serviços de tratamento de resíduos industriais. Esses poluentes são, na maioria das vezes, recalcitrantes e provenientes de instalações industriais. A biodegradação poderia ser um processo viável para remover alguns desses compostos, entretanto os produtos derivados da degradação podem ser também perigosos. Outro mecanismo de

remoção seria a acumulação das substâncias químicas através de biomassa microbiana (BELL; TSEZOS, 1988).

Existem vários mecanismos distintos que podem promover a acumulação de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos em resíduos biológicos. Dentre esses mecanismos, incluem-se a absorção dentro das estruturas lipídicas de bactérias, a sorção sobre as estruturas polissacarídicas localizadas no exterior da célula e a ligação química com as proteínas e ácidos nucléicos da bactéria (MORETTI; NEUFELD, 1989).

O processo de biossorção está sendo bastante desenvolvido para várias aplicações nas diversas áreas de biorremediação, a fim de que se identifiquem adsorventes biológicos eficientes e de baixo custo. Os adsorventes biológicos oferecem viabilidade técnica e são economicamente atrativos (AKSU; DÖNMEZ, 2003). A capacidade de adsorção de diversos microrganismos como algas, bactérias e fungos está bem relatada na literatura, o que pode ser potencialmente explorado na biotecnologia ambiental (WHITE; GADD, 2000). Fungos são microrganismos que crescem com facilidade, produzem alto rendimento de biomassa e ao mesmo tempo podem ser manipulados genética e morfologicamente. Esses organismos são largamente utilizados em uma grande variedade de processos industriais de grande escala. Sua biomassa poderia ser usada como subproduto de baixo custo em quantidades substanciais (KAPOOR; VIRARAGHAVAN, 1995). Alternativamente, poderia também ser cultivada utilizando-se processos fermentativos simples e meios de cultura de baixo custo (KUYUCAK, 1990).

A levedura Ascomycetes *Candida lipolytica* é um dos organismos mais extensivamente estudados, sendo considerada uma levedura "não convencional" (BARTH; GAILLARDIN, 1997). Tem demonstrado alta capacidade de acumulação e adsorção de compostos orgânicos tóxicos, como metais pesados e corantes (DÖNMEZ; AKSU, 2001; AKSU; DÖNMEZ, 2003).

A biossorção de 1, 2, 3, 4-tetraclorodibenzo-p-dioxina, dibenzofurano e policlorados pela bactéria *Bacillus pumilus* foi investigada em trabalho que visava determinar a importância do microrganismo como potencial agente na transferência de moléculas no ambiente. Os resultados do estudo indicaram que a biomassa morta dessa bactéria removeu moléculas do meio ambiente mais efetivamente que as células vivas (HONG *et al.,* 2000). Dando prosseguimento a essa análise, os pesquisadores focalizaram a sorção de poluentes aromáticos halogenados por compostos biológicos liberados por *Bacillus pumilus*. Quando essa bactéria é exposta a alta temperatura, libera uma proteína e carboidratos, exclusivamente. Observou-se que os poluentes foram adsorvidos consideravelmente não somente pelas células, mas também pela proteína liberada. Os resultados obtidos nesse estudo são consistentes com adsorção via mecanismo físico-químico passivo (CHOI *et al*., 2003).

A eficiência de sete espécies de microalgas na remoção do pireno foi relatada por Lei *et al.* (2002). Para todas as espécies estudadas, a remoção foi muito rápida, ocorrendo no intervalo entre as 3 e 6 horas iniciais do tratamento. Não foi observada diferença significativa entre células vivas e mortas de três espécies, o que indica que a remoção inicial deveu-se a biossorção físico-química passiva. Demonstrou-se ainda que mais de 65% do pireno adsorvido estavam ligados a materiais da parede celular de *Selenastrum capricornutum*, o que sugere que o principal sítio de ligação localizou-se na parede celular. A remoção do pireno foi também dependente da concentração da biomassa da alga utilizada. Por outro lado, a biossorção do pireno ocorreu ainda por acumulação e transformação dentro das células vivas. Após sete dias de cultivo de *S. capricornutum*, o pireno não foi mais detectado no meio de cultura e nem nas células da alga, o que sugere que o composto deve ter sido completamente transformado por essa espécie.

A levedura *Trichosporon cutaneum* (R57) mostrou habilidade para crescer e utilizar alguns compostos tóxicos, como fenol, acetofenona, acetona, α-metilestireno, ácido benzóico,

dimetilcarbinol, metanol e isopropilbenzeno. Estudo foi realizado com uma solução-modelo, que incluía todos os contaminantes mencionados acima, além de células em suspensão e imobilizadas. Os resultados do estudo – comparados com curvas de crescimento em dois tipos de resíduos de uma estação de purificação com lodo ativado e águas tratadas de uma refinaria de petróleo (incluindo resíduos de uma indústria de produção de fenol) – revelaram que *Trichosporon cutaneum* (R57) pode utilizar uma larga escala de compostos tóxicos simultaneamente. Por sua vez, as células imobilizadas mostraram uma alta habilidade em degradar, se comparadas às células em suspensão (GODJEVARGOVA *et al*., 2003).

A biomassa de *Aspergillus niger* foi estudada para uso na remoção de fenol em solução aquosa. Cinco tipos de biomassa não viável pré-tratada foram utilizados como biossorventes. A dessorção do fenol em água destilada deionizada atingiu um percentual de 5%, sugerindo uma forte biossorção pela biomassa. Os resultados deixaram claro que 66% do fenol foram removidos, através do funcionamento da coluna de polisulfona em uma concentração inicial de 1000 $\mu g\ l^{-1}$ do fenol (RAO; VIRARAGHAVAN, 2002).

A degradação microbiana de fenol (300–1300mg/l^{-1}), p-nitrofenol (50–300 mg/l^{-1}) e fenantreno (50–300 mg/l^{-1}) adsorvidos em carvão ativado foi estudada. A combinação de sorção física e degradação biológica no carbono ativado foi comparada com o desempenho da degradação de uma suspensão mista de bactérias isoladas de solo contaminado com resíduos de pesticidas. Os perfis de degradação quase iguais foram obtidos nas culturas com carvão ativado para os três compostos citados. Contudo, nas concentrações mais altas, a degradação foi inibida ou cessou completamente, embora culturas de bactérias mistas especializadas, adaptadas a altas concentrações de compostos tóxicos, tenham sido usadas em cada caso. Os autores desse estudo focalizam a aplicabilidade do carbono ativado em processos contínuos com bactérias especializadas, para tratamento de produtos químicos tóxicos (ABU-SALAH *et al*., 1996).

O objetivo do trabalho realizado por Stringfellow e Alvarez-Cohen (1999) foi investigar a sorção de HAP por biomassa bacteriana e examinar a relação entre biossorção e biodegradação de HAP. Nesse estudo, o fenantreno foi utilizado como modelo de HAP para a biossorção, enquanto o pireno e o fluorantreno foram empregados como compostos modelares nos estudos de biodegradação. Observou-se que a biossorção do fenantreno variou de acordo com o gênero e a espécie da bactéria. As capacidades de sorção medidas eram reproduzíveis e aparentemente representaram a sorção superficial, fundamentada na evidente competição entre naftaleno e fenantreno por sítios de sorção. Os resultados desse estudo sugerem que, embora a biossorção possa diminuir a taxa de biodegradação de HAP em curto prazo, ela pode também resultar na remoção de HAP dos resíduos e na retenção do composto no sistema de tratamento, onde finalmente ele será biodegradado.

Nos últimos anos, numerosos estudos focalizaram, sobretudo, a remoção de metais e diversos tipos de corantes por meio de biomassa fúngica, viva ou morta, com ou sem pré-tratamento químico ou físico. Tais estudos geraram um aumento de interesse no potencial da biomassa de fungos como biossorventes. Em um estudo comparativo utilizando nove espécies de leveduras, *Candida lipolytica* promoveu a taxa mais alta na remoção de corantes tóxicos (AKSU; DÖNMEZ, 2003). No entanto, ainda são poucas as publicações a respeito da interação dessa biomassa com tóxicos orgânicos. Neste trabalho, a utilização de *Candida lipolytica* se justifica pela sua comprovada habilidade de biossorção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABAS, M.R-b., SIMONEIT, B. R. T., ELIAS, W. CABRAL, J. A., CARDOSO, J. N. Composition of Higher Molecular Weight Organic Matter in Smoke Aerosol from Biomass Combustion in Amazonia. **Chemosphere** 30, 995 –1015, 1995.

ABU-SALAD, K., SHELEF, G., LEVANON, D., ARMON, R., DOSORETZ, C. G. Microbial degradation of aromatic and polyaromatic toxic compounds adsorbed on powdered activated carbon. **Journal of Biotechnology** 51, 265-272, 1996.

AKSU, Z., TESER, S. Equilibrium and kinetic modeling of biosorption of Remazol Black B by *Rhizopus arrhizus* in a batch system; effect of temperature. **Process Biochemistry** 36, 431- 439, 2000.

AKSU, Z.. DÖNMEZ, G. A comparative study on the biosorption characteristics of some yeasts for Remazol Blue reactive dyes. **Chemosphere** 50, 1075- 1083, 2003.

ALEXANDER, M. **Biodegradation and Bioremediation**. Academic Press. p. 302. 1994.

ANGERER, J., MANNSCHRECK, C., GÜNDEL, J. Biological monitoring and biochemical effect monitoring of exposure to polycyclic aromatic hydrocarbons. **International Archives of Ocupational and Environmental Health** 70, 365- 377, 1997.

ATLAS, R. M. Microbial Degradation of Petroleum Hydrocarbons: an Environmental Perspective. **Microbiological Reviews** 45, 180- 290, 1981.

BANAT, I. M. Biosurfactants Production and Possible Uses in Microbial Enhanced Oil Recovery and Oil Pollution Remediation: A Review. **Bioresource Technology** 51, 1- 12, 1995.

BANAT, I. M. The Isolation of a Thermophilic Biosurfactant Producing *Bacillus* sp. **Biotechnology Letters** 15, 591- 594, 1993.

BANAT, I. M. Characterization of Biosurfactants and their use in Pollution Removal- State of the Art (Review). **Acta Biotechnologica** 15, 251- 267, 1995.

BANAT, I. M., MAKKAR, R.S., CAMEOTRA, S.S. Potential commercial applications of microbial surfactants. **Applied Microbiology and Biotechnology** 53, 495- 508, 2000.

BARTH, G., GAILLARDIN, C. Physiology and genetics of the dimorphic fungus *Yarrowia lipolytica*. **FEMS Microbiology Reviews** 19, 291- 237, 1997.

BELAZEL, L.; HADAR, Y., FU, P. P., FREEMAN, J. P., CERNIGLIA, C. E. Metabolism of Phenanthrene by the White Rot Fungus *Pleurotus ostreatus*. **Applied and Environmental Microbiology** 62, 2547- 2553, 1996.

BELL, J. P., TSEZOS, M. The selectivity of biosorption of hazardous organics by microbial biomass. **Water Research** 10, 1245- 1251, 1988.

BENGMARK, S. Immunonutrition: Role of Biosurfactants, Fiber, and Probiotic Bacteria. **Nutrition** 14, 585- 594, 1998.

BERARDESCO, G., DYHRMAN, S., GALLAGHER, E. SHIARIS, M. Spatial and Temporal Variation of Phenanthrene-Degrading Bacteria in Intertidal Sediments. **Applied and Environmental Microbiology** 64, 2560- 2565, 1998.

BESSON, F., MICHEL, G. Biosynthesis of Iturin and Surfactin by *Bacillus subtilis*. Evidence for Amino Acid Activating Enzymes. **Biotechnology Letters** 14, 1013- 1018, 1992.

BOGART, A. H., HEMMINGSEN, B. B. Enumeration of Phenanthene- Degrading Bacteria by an Overlayer Technique and its Use in Evaluation of Petroleum- Contaminated Sites. **Applied and Environmental Microbiology** 58, 2579 - 2582, 1992.

BOLDRIN, B., TIEHM, A., FRITZSHCHE, C. Degradation of Phenanthrene, Fluorene, Fluoranthene, and Pyrene by a *Mycobacterium* sp**. Applied and Environmental Microbiology** 59, 1927- 1930, 1993.

BOONCHAN, S., BRITZ, M. L., STANLEY, G. A. Degradation and Mineralization of High-Molecular-Weight Polycyclic Aromatic Hydrocarbons by Defined Fungal-Bacterial Cocultures. **Applied and Environmental Microbiology** 66, 1007-1019, 2000.

BOSSET, I. D., BARTHA, R. Structure biodegradability relationships of Polycyclic Aromatic Hydrocarbons in soil. **Bulletin Environmental Contaminants and Toxicology** 37, 490 - 495, 1986.

BRAGG, J.R., PRINCE, R.C., HARNER, E.J., Atlas, R. M. Effectiveness of bioremediation for the Exxon Valdez oil spill. **Nature** 368, 413- 418, 1994.

BROWN, M. J. Biosurfactants for Cosmetic Applications. **International Journal of Cosmetic Science** 13, 61- 64, 1991.

BUSHNELL, L. D., HAAS, H. F. The utilization of certain Hydrocarbons by microorganisms. **Journal of Bacteriology** 41, 653- 673, 1940.

CASAS, J. A., GARCIA-OCHOA, F. Sophorolipid Production by *Candida bombicola:* Medium Composition and Culture Methods. **Journal of Bioscience and Bioengineering** 88, 488- 494, 1999.

CERNIGLIA, C. E., CROW, S. A. Metabolism of Aromatic Hydrocarbons by Yeasts. **Archives of Microbiology** 129, 9- 13, 1981.

CERNIGLIA, C. E., GIBSON, D. T. Metabolism of Naphthalene by *Cunninghamella elegans*. **Applied and Environmental Microbiology** 34, 363- 370, 1977.

CERNIGLIA, C. E. Biodegradation of polycyclic aromatic hydrocarbons. **Biodegradation** 3, 351-368, 1992.

CERNIGLIA, C. E.; WHITE, G, L., HEFLICH, R. H. Fungal metabolism and detoxification of polycyclic aromatic hydrocarbons. **Archives of Microbiology** 143, 105- 110, 1985.

CHOI, S-D., HONG, H-B., CHANG, Y-S. Adsorption of halogenated aromatic pollutants by a protein released from *Bacillus pumilus.* **Water Research** 37, 4004- 4010, 2003.

CIRIGLIANO, M. C., CARMAN, G. M. Isolation of a Bioemulsifier from *Candida lipolytica*. **Applied and Environmental Microbiology** 48, 747- 750, 1984.

CIRIGLIANO, M. C., CARMAN, G. M. Purification and Characterization of Liposan, a Bioemulsifier from *Candida lipolytica*. **Applied and Environmental Microbiology** 50, 846- 850, 1985.

COLLINS, P. J., KOTTERMAN, M. J .J.; FIELD, J. A.; DOBSON, A. D. W. Oxidation of Anthracene and Benzo[a]pyrene by Laccases from *Trametes versicolor.* **Applied and Environmental Microbiology** 62, 4563 – 4567, 1996.

COOPER, D. G. Biosurfactants. **Microbiological Sciences** 3, 145- 149, 1986.

COOPER, D. G., MACDONALD, C. R., DUFF, S. J. B., KOSARIC, N. Enhanced Production of Surfactin from *Bacillus subtilis* by Continuous Product Removal and Metal Cation Addictions. **Applied and Environmental Microbiology** 42, 408- 412, 1981.

COOPER, D. G., PADDOCK, D. A. Production of a Biosurfactant from *Torulopsis bombicola.* **Applied and Environmental Microbiology** 47, 173- 176, 1984.

COOPER D. G., ZAJIC, J. E. Surface-Active Compounds from Microorganisms. **Advances in Applied Microbiology** 26, 229- 253, 1980.

DAVILA, D. R. Protein Tyrosine Kinase activation by Polycyclic Aromatic Hydrocarbons in Human HPB -ALL T Cells**. Journal of Toxicology and Environmental Health**, Part A 56, 249- 261, 1999.

DESAI, J. D., BANAT, I. M. Microbial Production of Surfactants and Their Commercial Potential. **Microbiology and Molecular Biology Reviews** 61, 47- 64, 1997.

DONKIN P., SMITH, E. L., ROWLAND, S. J. Toxic Effects of Unresolved Complex Mistures of Aromatic Hydrocarbons Accumulated by Mussels, *Mytilus edulis*, from contaminated Field Sites. **Environmental Science & Technology** 37, 4825- 4830, 2003.

DÖNMEZ, G., AKSU, Z. Bioaccumulation of Copper (II) and Nickel (II) by the non-adapted and adapted growing *Candida* sp. **Water Research** 35, 1425- 1434, 2001.

DOONG, R-a., LEI,W-g. Solubilization and mineralization of polycyclic aromatic hydrocarbons by *Pseudomonas putida* in the presence of surfactant. **Journal of Hazardous Materials** B96, 15- 27, 2003.

DUVNJAK, Z., KOSARIC, N. Production and Released of Surfactant by *Corynebacterium lepus* in Hydrocarbon and Glucose Media. **Biotechnology Letters** 7, 793- 796, 1985.

EDMONDS, P., COONEY, J. J.Lipids of *Pseudomonas aeruginosa* Cells Grown on Hydrocarbon and on Trypticase Soybean Broth. Journal of Bacteriology 98, 16- 22, 1969.

FIECHTER, A. Biosurfactants: moving towards industrial application. **Trends in Biotechnology** 10, 208- 217, 1992.

FINLAYSON-PITTS, B. J., PITTS,J. N. Jr. Tropospheric Air Pollution: Ozone, Airborne Toxics, Polycyclic Aromatics Hydrocarbons and Particles. **Science** 276, 1045 – 1052, 1997.

FINNERTY, W. R., SINGER, M.E. A microbial biosurfactant - physiology, biochemistry and applications. **Developments in Industrial Microbiology** 25, 31- 46, 1985.

GARCIA-VALDÉS, E., COZAR, E., ROTGER, R., LA LUCAT, J., URSING, J. New Naphthalene-Degrading Marine *Pseudomonas* Strains. **Applied and Environmental Microbiology** 54, 2478 – 2485, 1988.

GARTI, N. What can nature offer from an emulsufier point of view: trends and progress? **Colloids and Surfaces A:** Physicochemical and Engineering Aspects 152, 125-146, 1999.

GEORGIOU, G., LIN, S. C., SHARMA, M. M. Surface-active compounds from microorganisms. **Biotechnology** 10, 60- 65, 1992.

GHONIEM, A. F., ZHANG, X., KNIO, O., BAUM, H. R., REHM, R. G. Dispersion and depositon of smoke plumes generated in massive fires. **Journal of Hazardous Material** 33, 275- 293, 1993.

GÖBBERT, U., LANG, S., WAGNER, F. Sophorose Lipid by Resting Cells of *Torulopsis bombicola*. **Biotechnology Letters** 6, 225- 230, 1984.

GODJEVARGOVA, T., IVANOVA, D., ALEXIEVA, Z., DIMOVA, N. Biodegradation of toxic organic components from industrial phenol production waste water by free and immobilized Trichosporon cutaneum R57. **Process Biochemistry** 38, 915- 920, 2003.

GOLDMAN, R., ENEWOLD, L., PELLIZZARI, E., BEACH, J.B., BOWMAN, E.D., KRISHNAN, S. S., SHIELDS P. G. Smoking Increases Carcinogenic Polycyclic Aromatic Hydrocarbons in Human Lung Tissue. **Cancer Research** 61, 6367- 3371, 2001.

GRIMM, A. C., HARWOOD, C. S. Nah Y, a Catabolic Plasmid-Encoded Receptor Required for Chemostaxis of *Pseudomonas putida* to the Aromatic Hydrocarbon Naphthalene. **Journal of Bacteriology** 181, 3310- 3316, 1999.

GUERRA-SANTOS, L. H., KÄPPELI, O., FIECHTER, A. *Pseudomonas aeruginosa* Biosurfactant Production in Continuous Culture with Glucose as Carbon Source. **Applied and Environmental Microbiology** 48, 301- 305, 1984.

GUERRA-SANTOS, L. H., KÄPPELI, O., FIECHTER, A. Dependence of *Pseudomonas aeruginosa* continuous culture biosurfactant production on nutritional and environmental factors. **Applied Microbiology and Biotechnology** 24, 443- 448, 1986.

HAEMMERLI, S. D., LEISOLA, M. S. A., SANGLARD, D. FIECHTER, A. Oxidation of Benzo[a]pyrene by Extracellular Ligninases of *Phanerochaete chrysosporium*. **The Journal of Biological Chemistry** 261, 6900- 6903, 1986.

HARAYAMA, S., KISHIRA, H., KASAI, Y., SHUTSUBO, K. Petroleum Biodegradation in Marine Environments. **Journal Molecular Microbiology and Biotechnology** 1, 63-70, 1999.

HARRISON, R. M., JONES, M. The Chemical composition of airbone particles in the UK atmosphere. **The Science of the Total Environmental** 168, 195- 214, 1995.

HEALY, M. G., DEVINE, C. M., MURPHY, R. Microbial production of biosurfactants. **Resources, Conservation and Recycling** 18, 41- 57, 1996.

HEDLUND, B. P., GEISELBRECHT, A. D., BAIR, T. J., STANLEY, J. TPolycyclic Aromatic Hydrocarbon Degradation, by a new Marine Bacterium, *Neptunomonas naphthovorans* gen. nov., sp. nov. **Applied and Environmental Microbiology** 65, 251- 259, 1999.

HEITKAMP, M. A., CERNIGLIA, C. E. The effects of chemical structure and exposure on the microbial degradation of polycyclic aromatic hydrocarbons in freshwater and estuarine ecosystems. **Environmental Toxicology Chemistry** 6, 535- 546, 1987.

HERMAN, D. C., ARTIOLA, J. F., MILLER, R. M. Removal of Cadmium, Lead, and Zinc from Soil by a Rhamnolipid Biosurfactant. **Environmental Science and Technology** 29, 2280- 2285, 1995.

HOMMEL, R. K., STUWER, O., STUBER, W., HAFERBURG, D., KLEBER, H.P. Production of water-soluble surface-active exolipids by *Torulopsis apicola*. **Applied Microbiology and Biotechnology** 26, 199-205, 1987.

HONG, H-B., HWANG, S-H., CHANG, Y-S. Biosorption of 1,2,3,4-Tetrachlorodibenzo-p-dioxin and Polychlorinated Dibenzofurans by *Bacillus pumilus*. **Water Research** 34, 349- 353, 2000.

HOROWITZ, S., CURRIE, J. K. Novel Dispersants of Silicon Carbide and Aluminum Nitride. **Journal of Dispersion Science and Technology** 11, 637- 659, 1990.

ITO, S. Biosurfactants in Cosmetic Applications. **Fat Science and Technology** 89, 470- 473. 1987.

JACOBSEN, B. N., NYHOLM, N., PEDERSON, B. M., POULSEN, O., ØSTFELD, P. Removal of organic micropollutans in laboratory activated sludge reactions under various operating conditions: sorption. **Water Research** 10, 1505- 1510, 1993.

JAIN, D. K., COLLINS-THOMPSON, D. L., LEE, H. TREVORS, J. T. A drop-collapsing test for screening surfactant-producing microorganisms. **Journal of Microbiological Methods** 13, 271- 279, 1991.

JANSSEN, A. E. M., LEFFERTS, A. G., RIET, K. VAN't. Enzymatic Synthesis of Carbohydrate Esters in Aqueous Media. **Biotechnology Letters** 12, 711- 716, 1990.

JAVAHARI, M., JENNEMAN, G. E., MacINNERNEY M. J., KNAPP, R. M. Anaerobic Production of a Biosurfactant by Bacillus *licheniformis* JF-2. **Applied and Environmental Microbiology** 50, 698-700, 1985.

JOHNSON, V., SINGH, M., SAINI, V. Bioemulsifier Production by an Oleaginous Yeast *Rhodotorula glutinis IIP*-30. **Biotechnology Letters** 14, 487- 490, 1992.

JUHASZ, A. L., BRITZ, M. L., STANLEY, G. A. Degradation of fluoranthene, pyrene, benz[a]anthracene and dibenz[a,h]anthracene by *Burkholderia cepacia*. **Journal of Applied Microbiology** 83, 189- 198, 1997.

KANALY, R. A., HARAYAMA, S. Biodegradation of High Molecular-Weight Polycyclic Aromatic Hydrocarbons by Bacteria. **Journal of Bacteriology** 182, 2059- 2067, 2000.

KAPOOR, A., VIRARAGHAVAN, T. Fungal Biosorption- An Alternative Treatment Option for Heavy Metal Bearing Wastewaters:A Review. **Bioresource Technology** 53, 195- 206, 1995.

KHAN, A. A.,WANG, R, F., CAO, W-W., DOERGE, D. R.; WENNERSTROM, D., CERNIGLIA, C. E. Molecular Cloning, Nucleotide Sequence, and Expression of Genes Encoding a Polycyclic Aromatic Ring Dioxygenase from Mycobacterium sp. Strain PYR-1**. Applied and Environmental Microbiology** 67, 3577- 3585, 2001.

KHIRE, J.M., KHAN, M. I. Microbially enhanced oil recovery (MEOR). Part 1. Importance and mechanism of MEOR. **Enzyme Microbiology Technology** 16, 170- 172. 1994a.

KHIRE, J.M., KHAN, M. I. Microbially enhanced oil recovery (MEOR). Part 2. Microbes and the subsurface environment for MEOR. **Enzyme Microbiology Technology** 16, 258-259, 1994b.

KITAMOTO, D., YANAGISHITA, H., SHINBO, T., NAKANE, T., KAMISAWA, C., NAKAHARA, T. Surface active properties and antimicrobial activities of mannossylerythritol lipids as biosurfactants produced by *Candida antarctica*. **Journal of Biotechnology** 29, 91-96,1993.

KLUGE, B., VATER, J., SALNIKOV, J., ECKART, K. Studies on the biosynthesis of surfactin, a lipopeptide antibiotic from *Bacillus subtilis ATCC* 21332. **FEBS Letters** 231, 107- 110, 1988.

KOCH, A. K., KÄPELLI, O., FIECHTER, A., REISER, J. Hydrocarbons Assimilation and Biosurfactant Production in *Pseudomonas aeruginosa* mutants. **Journal of Bacteriology** 173, 4212- 4219, 1991.

KOLPIN, D. W., FURLONG, E. T., MEYER, M. T., THURMAN, E. M., ZAUGG, S. D., BARBER, L. B., BUXTON, H. T. Pharmaceuticals, Hormones, and Other Organic Wastewater Contaminants in U.S. Streams, 1999- 2000: A National Reconnaissance. **Environmental Science & Technology** 36, 1202 –1211. 2002.

KOSARIC, N., CHOI, H.Y., BHASZCZYK, R. Biosurfactant Production from *Nocardia* SFC-D. **Tenside Surfactants Detergents** 27, 294- 297, 1990.

KOTTERMAN, M.J.J., VIS, E. H., FIELD, J. A. Sucessive Mineralization and Detoxification of Benzo[a] pyrene by the White Rot Fungus *Bjerkandera* sp. Strain BOS 55 and Indigenous Microflora. **Applied and Environmental Microbiology** 64, 2853- 2858, 1998.

KUYUCAK, N. Feasibility of biosorbents application. In **Biosorption of Heavy Metals**, ed. B. Volesky. CRC Press, Boca Raton, Florida. 1990.

LANGE, B., KREMER, S., STERNER, O., ANKE, H. Metabolism of pyrene by basiodiomycetous fungi of the genera *Crinipellis, Marasmius,* and *Marasmiellus*. **Canadian Journal of Microbiology** 42, 1179- 1183, 1996.

LEE, K. H., KIM, J. H. Distribution of Substrates Carbon in Sophorose Lipid Production by *Torulopsis bombicola.* **Biotechnology Letters** 15, 263- 266, 1993.

LEE, M. L., NOVOTNY, M. V., BARTLE, K. D., **Analytical Chemistry of Polycyclic Aromatic Hydrocarbons**, Academic Press, Inc. New York, NY. 1981.

LEI, A. P., WONG, Y. S., TAM, N. F. Y. Removal of pyrene by different microalgal species. **Water Science & Technology** 46, 195- 201, 2002.

LI, Z.-Y., LANG, S., WAGNER, F., WITTE, L., WRAY, V. Formation and Identification of Interfacial-Active Glycolipids from Resting Microbial Cells. **Applied and Environmental Microbiology** 48, 610- 617, 1984.

LIJINSKY, W. The formation and occurrence of polynuclear aromatic hydrocarbons associated with food. **Mutation Research** 259, 251- 261, 1991.

LIU, K.; HAN, W., PAN, W-P., RILEY, J.T. Polycyclic aromatic hydrocarbon (PAH) emissions from a coal-fired pilot. F.B.C. system. **Journal of Hazardous Materials** 384, 175- 188, 2001.

MacELWEE, C. G., LEE, H., TREVORS, J. T. Production of extracelular emulsifying agent by *Pseudomonas aeruginosa* UG-1. **Journal of Industrial Microbiology** 5, 25- 52, 1990.

MAKKAR, R. S., CAMEOTRA, S. S. Biosurfactant production by a thermophilic *Bacillus subtilis* strain. **Journal of Industrial Microbiology & Biotechnology** 18, 37- 42, 1997.

MASTRANGELO, G., FADDA E., MARZIA, V. Polycyclic Aromatic Hydrocarbons and Cancer in Man. **Environmental Health Perspectives** 104 , 1166- 1170, 1996.

MATSUYAMA, T., SOGAWA, M., YANO, I. Direct Colony Thin-Layer Chromatography and Rapid Characterization of *Serratia marcescens* Mutants Defective in Production of Wetting Agents. **Applied and Environmental Microbiology** 53, 1186- 1188, 1987.

McCAFFREY, W. C., COOPER, D. G. Sophorolipids Production by *Candida bombicola* Using Self-Cycling Fermentation. **Journal of Fermentation and Bioengineering** 79, 146- 151, 1995.

MEHARG, A. A., WRIGHT, J., DYKE, H., OSBORN, D. Polycyclic aromatic hydrocarbon (PAH) dispersion and deposition to vegetation and soil following a large scale chemical fire. **Environmental Pollution** 99, 29- 36, 1998.

MEHARG, A. A., OSBORN, D. Dioxins released from chemical accidents. **Nature** 375, 353-354, 1995.

MISHRA, S., JYOT, J., KUHAD, R. C., LAL, B. Evaluation of Inoculum Addition to Stimulate In Situ Bioremediation of Oily-sludge-Contaminated Soil. **Applied and Environmental Microbiology** 67, 1675- 1681, 2001.

MONTET, D., RATOMAHENINA, R., GALZY, P. A Study of Influence of the Growth Media on the Fatty Acid Composition in *Candida lipolytica* Diddens and Lodder. **Biotechnology Letters** 7, 733- 736, 1985.

MOORTHY, B., SRIRAM, P., RANDERATH, K. Chemical Structure-and Time-Dependent Effects of Polycyclic Aromatic Hydrocarbon-Type Inducers on Rat Liver Cytochrome P450, DNA Adducts, and I-Compounds. **Fundamental and Applied Toxicology** 22,549-560, 1994.

MORETTI, C. J., NEUFELD, R. D. PAH partitioning mechanisms with activated sludge. **Water Research** 23, 93- 102, 1989.

MOSCOVICI, M., IONESCU, C., ONISCU, C., FOTEA, O. PROTOPOPESCU, P., HANGURU, L. D. Improved Exopolysaccharide Production in Fed-Batch Fermentation of *Aureobasidium pullulans*, with Increased Impeller Speed. **Biotechnology Letters** 18, 787- 790, 1996.

MULLIGAN, C. N., COOPER, D. G., NEUFELD, R. J. Selection of microbes producing biosurfactants in media without hydrocarbons. **Journal of Fermentation and Technology** 62, 311-314, 1984.

MULLIGAN, C. N., GIBBS, B. F. Correlation of Nitrogen Metabolism with Biosurfactant Production by *Pseudomonas aeruginosa.* **Applied and Environmental Microbiology** 55, 3016-3019, 1989.

NADARAJAH, N., SINGH, A., WARD, O. P. De-emulsification of petroleum oil emulsion by a mixed bacterial culture. **Process Biochemistry** 37, 1135- 1141, 2002.

NEU, T. R., DENGLER, T., JANN, B., PORRALA, K. Structural studies of an emulsion-stabilizing exopolysaccharide produced by an adhesive, hydrophobic Rhodococcus strain. **Journal of General Microbiology** 138, 2531- 2537, 1992.

NOORDMAN, W. H., JI, W., BRUSSEAU, M. L., JANSSEN, D. B. Effects of Rhamnolipid Biosurfactants on Removal of Phenanthrenefrom Soils. **Environmental Science & Technology** 32, 1806-1812, 1998.

OBERBREMER, A., MÜLLER-HURTIG, R., WAGNER, F. Effect of the addition of microbial surfactants on hydrocarbon degradation in a soil population in a stirred reactor. **Applied Microbiology and Biotechnology** 32, 485- 489, 1990.

OKPOKWASILI, G. C., AMANCHUKWU, S. C. Petroleum Hydrocarbon Degradation by *Candida* Species. **Environment International** 14, 243- 247, 1988.

PALEJWALA, S., DESAI, J. D. Production of an Extracellular Emulsifier by a Gram Negative Bacterium. **Biotechnology Letters** 11, 115- 118, 1989.

PERSSON, A., MOLIN, G., WEIBULL, C. Physiological and Morphological Changes Induced by Nutrient Limitation of *Pseudomonas fluorescens* 378 in Continuous Culture. **Applied and Environmental Microbiology** 56, 686- 692, 1990.

PICARD, M. A., ROMAN, R., TINOCO, R., VAZQUEZ-DUHALT, R. Polycyclic Aromatic Hydrocarbon Metabolism by Write Rot Fungi and Oxidation by *Coriolopsis gallica* VAMH 8260, Laccase. **Applied and Environmental Microbiology** 65, 3805- 3809, 1999.

PROVIDENTI, M. A., FLEMMING, C. A., LEE, H., TREVORS, J. T. Effect of addition of rhamnolipid biosurfactants or rhamnolipid-producing *Pseudomonas aeruginosa* on phenanthrene mineralization in soil slurries. **FEMS Microbiology Ecology** 17, 15- 26, 1995.

RAO, J. R., VIRARAGHAVAN, T. Biosorption of phenol from an aqueous solution by *Aspergillus niger* biomass. **Bioresource Technology** 85, 165- 171, 2002
.

RAPP, P., BOCK, H., WRAY, V., WAGNER, F. Formation, Isolation and Characterization of Trehalose Dimycolates from *Rhodococcus erythropolis* Grown on n-Alkanes. **Journal of General Microbiology** 115, 491- 503, 1979.

RAU, U., MANZKE, C., WAGNER, F. Influence of Substrate Supply on the Production of Sophorose Lipids by *Candida bombicola* ATCC 22214. **Biotechnology Letters** 18, 149- 154, 1996.

RAVELET, C., KRIVOBOK, S., SAGE, L., STEIMAN, R. Biodegradation of pyrene by sediment fungi. **Chemosphere** 40, 557- 563, 2000.

REILING, H. E., THANEI-WYSS, U., GUERRA-SANTOS, L. H., HIRT, R., KÄPPELI, O., FIECHTER, A. Pilot Plant Production of Rhamnolipid Biosurfactant by *Pseudomonas aeruginosa*. **Applied and Environmental Microbiology** 51, 985- 989, 1986.

RISTAU, E., WAGNER, F. Formation of Novel Anionic Trehalosetetraesters from *Rhodococcus erythropolis under* Growth Limiting Conditions. **Biotechnology Letters** 5, 95- 100, 1983.

ROBERT, M., MERCADÉ, M. E., BOSCH, M. P., PARRA, J. L., ESPUNY, M. J., MANRESA, M. A., GUINEA, J. Effect of the Carbon Source on Biosurfactant Production by *Pseudomonas aeruginosa* 44T1. **Biotechnology Letters** 11, 871- 874, 1989.

RON, E. Z., ROSENBERG, E. Natural roles of biosurfactants. **Environmental Microbiology** 3, 229- 236, 2001.

ROSENBERG, E., PERRY, A., GIBSON, D. T., GUTNIK, D. L. Emulsifier of *Arthrobacter* RAG-1: Specificity of Hydrocarbon Substrate. **Applied and Environmental Microbiology** 37, 409- 413, 1979.

ROSENBERG, E., RUBINIVITZ, C., GOTTLIEB, A., ROSENHAK, S., RON, E. Z. **Applied and Environmental Microbiology** 54, 317- 322, 1988.

ROSENBERG, E., SCHWARTZ, Z., TENENBAUM, A., RUBINOVITZ, C., LEGMANN, R., RON, E. Z. A microbial polymer that changes the surface properties of limestone: Effect of biodispersan in grinding limestone and making paper. **Journal of Dispersion Science and Technology** 10, 241- 250, 1989.

ROSENBERG, E., ZUCKERBERG, A., RUBINOVITZ, C., GUTNIK, D. L. Emulsifier of *Arthrobacter* RAG-1: Isolation and Emulsifier Properties. **Applied and Environmental Microbiology** 37, 402- 408, 1979.

ROSENBERG, M. Basic and Applied Aspects of Microbial Adhesion at the Hydrocarbon: Water Interface. **Critical Reviews in Microbiology** 18, 159- 173, 1986.

RUSANSKY, S., AVIGAD, R., MICHAELI, S., GUTNIK, D. L. Involvement of a Plasmid in Growth on and Dispersion of Crude Oil by *Acinetobacter calcoaceticus* RA57. **Applied and Environmental Microbiology** 53, 1918- 1923, 1987.

SACK, U., HEINZE, T. M., DECK, J., CERNIGLIA, C. R., CAZAU, M. C. FRITSCHE, W. Novel Metabolites in Phenanthrene and Pyrene Transformation by *Aspergillus niger*. **Applied and Environmental Microbiology** 63, 2906- 2909, 1997.

SACK, V., HEINZE, T. M., DECK, J., CERNIGLIA, C. E., MARTENS, R., ZADRAZIL, F., FRITSCHE, W. Comparison of Phenanthrene and Pyrene Degradation by Different Wood-Decaying Fungi. **Applied and Environmental Microbiology** 63, 3919- 3925, 1997.

SARNEY, D. B., VULFSON, E. N. Application of enzymes to the synthesis of surfactants. **Trends in Biotechnology** 13, 164- 172, 1995.

SARUBBO, L. A., MARÇAL, M. C. R., NEVES, M. L. C., SILVA, M. P. C., PORTO, A.L.F., CAMPOS-TAKAKI, G. M. Bioemulsifier production in batch culture using glucose as carbon source by *Candida lipolytica*. **Applied Biochemistry and Biotechnology** 95, 59- 67, 2001.

SCHNEIDER, J., GROSSER, R., JAYASIMHULU, K., XUE, W., WARSHAWSKY, D. Degradation of Pyrene, Benzo[a]antharacene, and Benzo[a]pyrene by *Mycobacterium* sp. Strain RJGII-135, Isolated from a Former Coal Gasification Site. **Applied and Environmental Microbiology** 62, 13- 19, 1996.

SHABTAI, Y., GUTNIK, D. L. Enhanced Emulsan Production in Mutants of *Acinetobacter calcoaceticus* RAG-1 Selected for Resistance to Cetyltrimethylammonium Bromide. **Applied and Environmental Microbiology** 52, 146- 151, 1986.

SHEPHERD, R., ROCKEY, J., SUTHERLAND, I. W., ROLLER, S. Novel bioemulsifiers from microorganisms for use in foods. **Journal of Biotechnology** 40, 207- 217, 1995.

SINGH, M., SAINI, V. S., ADHIKARI, D. K., DESAI, J. D., SISTA, V. R. Production of Bioemulsifier by a SCP-Producing Strain of *Candida tropicalis* during Hydrocarbon Fermentation. **Biotechnology Letters** 12, 743- 746, 1990.

STAGEMAN, J. J., SCHLEZINGER, J. J., CRADDOCK, J. E., TILLITT, D. E. Cytochrome P450 1A Expression in Midwater Fishes: Potential Effects of Chemical Contaminants in Remote Oceanic Zones. **Environmental Science and Technolology** 35, 54- 62, 2001.

STANGHELLINI, M. E., MILLER, R. M. Biosurfactants. Their identity and potential efficacy in the biological control of zoosporic plant pathogens. **Plant Disease** 81, 4- 12, 1997.

STEFFEN, K. T., HATAKKA, A., HOFRICHTER, M. Degradation of Benzo[a]pyrene by a Litter -Decomposing Basidiomycete *Stropharia coronilla*: Role of Manganese Peroxidase. **Applied and Environmental Microbiology** 69, 3757- 3964, 2003.

STRINGFELLOW, W. T., ALVAREZ-COHEN, L. Evaluation the Relationship between the Sorption of PAHs to Bacterial Biomass and Biodegradation. **Water Research** 33, 2535- 2544, 1999.

STUWER, O. HOMMEL, R., HAFERBERG, D., KLEBER, H. P. Production of crystalline surface-active glycolipids by a strain of *Torulopsis apicola*. **Journal of Biotechnology** 6, 263- 269, 1987.

SUGAI, S. F., LINDSTROM, J. E., BRADDOCK, J. F. Environmental Influences on the Microbial Degradation of Exxon Valdez Oil on the Shore lines of Prince William Sound, Alaska. **Environmental Science & Technology** 31, 1564- 1572, 1997.

SUTHERLAND, J. B., RAFIC F., KHAN, A. A.; CERNIGLIA, C, E. **Mechanism of Polycyclic Aromatic Hydrocarbon Degradation**, p. 269- 300. In L.Y. Young and C.E. Cerniglia (ed) Microbial Transformation and Degradation of Toxic Organic Chemicals, Wiley-Liss, New York, NY. 1995.

SYLDAK, C., WAGNER, F. Production of biosurfactants. p. 89-120. In N. Kosaric, W.L. Cairns, N.C.C. Gray (ed.), **Biosurfactants and Biotechnology**, Marcel Dekker, Inc., New York. 1987.

TAKIZAWA, N., IIDA T., SAWADA, T., YAMAUCHI, K., WANG, Y. W., FUKUDA, M., KIYOHARA, H. Nucleotide Sequences and Characterization of Genes Encoding Naphthalene Upper Pathway of *Pseudomonas aeruginosa* Pak 1 and *Pseudomonas putida* OUS 82. **Journal of Bioscience and Bioengineering** 87, 721- 731, 1999.

TIMMIS, K. N., PIEPER, D. H. Bacteria designed for bioremediaton. **Trends in Biotechnology** 17, 201 -204, 1999.

TREMOLADA, P., BURNETT, V., CALAMARI, D., JONES, K. C. Spatial Distribution of PASs, in U.K. Atmosphere Using Pine Needles. **Environmental Science and Technology** 30, 3570 – 3577, 1996.

TRZESICKA-MLYNARDZ, D., WARD, O. P. Degradation of polycyclic aromatic hydrocarbons (PAHs) by a mixed culture and its component pure cultures obtained from PAH-contaminated soil. **Canadian Journal of Microbiology** 41, 470- 476, 1995.

ULLRICH, C., KLUGE, B., PALACZ, Z., VATER, J. Cell-Free Biosynthesis of Surfactin, a Cyclic Lipopeptide Produced by *Bacillus subtilis*. **Biochemistry** 30, 6503- 6508, 1991.

VAN DYKE, M. I., LEE, H., TREVORS, J. T. Applications of Microbial Surfactants. **Biotechnology Advances** 9, 241- 352, 1991.

VANCE-HARROP, M. H., GUSMÃO, N. B., CAMPOS-TAKAKI, G. M. New Bioemulsifier Produced by *Candida lipolytica* using D-Glucose and Babassu Oil as Carbon Sources. **Brazilian Journal of Microbiology** 34, 120-123, 2003.

VOLLENBROICH, D., PAULI, G., ÖZEL, M., VATER, J. Antimycoplasma Properties and Application in Cell Culture of Surfactin, a Lipopeptide Antibiotic from *Bacillus subtilis*. **Applied and Environmental Microbiology** 63, 44- 49, 1997.

WAGROWSKI, D. M., HITES, R. A. Polycyclic Aromatic Hydrocarbon Acumulation in Urban, Suburban, and Rural Vegetation. **Environmental Science and Technology** 31, 279 –282, 1997.

WALKER, J. D., COLWELL, R. R. Enumeration of Petroleum Degrading Microrganisms. **Applied and Environmental Microbiology** 31, 198 – 207, 1976.

WATANABE, K. Microorganisms relevant to bioremediation. **Current Opinion in Biotechnology** 12, 237- 241, 2001.

WHEATLEY, L., LEVENDLS, Y., VOUROS, P. Exploratory Study on the Combustion and PAH Emissions of Selected Municipal Waste Plastics. **Environmental Science and Technology** 27, 2885- 2895, 1993.

WHITE, C., GADD, G.M. Copper accumulation by sulphate-reducing bacterial biofilms. **FEMS Microbiology Letters** 183, 313- 318, 2000.

WHITE, R. T., DAMM, D., MILLER, J., SPRATT, K., SCHILLING, J., HOWGOOD, S., BENSON, B., CORDELL, B. Isolation and Characterisation of the Human Pulmonary Surfactant Apoprotein Gene. **Nature** 317, 316- 320, 1985.

WILCKE, W., AMELUNG, W., KRAUSS, M., MARTIUS, C., BANDEIRA, A., GARCIA, M. Polycyclic Aromatic Hydrocarbon (PAH) patterns in climatically different ecological zones of Brazil. **Organic Geochemistry** 34, 1405- 1417, 2003.

WILSON, S. C., JONES, K. C. Bioremediation of soil contaminated with polynuclear aromatic hydrocarbons (PAHs): a Review. **Environmental Pollution** 81, 229 – 249, 1993.

YAKIMOV, M. M., FREDRICKSON, H. L., TIMMIS, K. N. Effect of heterogeneity of hydrophobic moieties on surface activity of lichenysin A, a lipopeptide biosurfactant from *Bacillus licheniformis* BAS50. **Biotechnology Applied Biochemistry** 23, 13- 18, 1996.

YAKIMOV, M. M., TIMMIS, K. N., WRAY, V., FREDRICKSON, H. L. Characterization of a New Lipopeptide Surfactant produced by Thermotolerant and Halotolerant Subsurface *Bacillus licheniformis* BAS50.**Applied and Environmental** Microbiology 61, 1706- 1713, 1995.

YAMAGUCHI, M., SATO, A., YUKUYAMA, A. Microbial production of sugar lipids. **Chemistry and Industry** 17, 741- 742, 1976.

YE, D., SIDDIQI, M. A., MACCUBBIN, A. E., KUMAR, S., SIKKA, H .C. Degradation of Polynuclear Aromatic Hydrocarbons by *Sphingomonas paucimobilis*. **Environmental Science and Technology** 30, 126- 142, 1996.

ZANDER, M. Physical and chemical properties of polycyclic aromatic hydrocarbons. 1-26. In A. Bj∅rseth ed. **Handbook of Polycyclic Aromatic Hydrocarbons**. Marcel Dekker, Inc., New York. 1983.

ZHANG, Y., MILLER, R. M. Effect of Rhamnolipid (Biosurfactant) Structure on Solubilization and Biodegradation of n-Alkanes. **Applied and Environmental Microbiology** 61, 2247- 2251, 1995.

ZHOU, Q-H., KOSARIC, N. Utilization of Canola oil and Lactose to Produce Biosurfactant with *Candida bombicola.* **Journal American Oil Company Society** 72, 67- 71, 1995.

ZOBELL, C.E. Action of Microorganismos on Hydrocarbons. **Bacteriological Reviews** 10, 1- 49, 1946.

CAPÍTULO I

New Bioemulsifiers Produced by *Candida lipolytica* using D-Glucose and Babassu Oil as Carbon Sources

Manuscrito publicado no:

Brazilian Journal of Microbiology (2003) 34, 120-123.

Brazilian Journal of Microbiology (2003) 34:120-123
ISSN 1517-8382

NEW BIOEMULSIFIERS PRODUCED BY *CANDIDA LIPOLYTICA* USING D-GLUCOSE AND BABASSU OIL AS CARBON SOURCES

Mabel H. Vance-Harrop[1,2]; Norma B. de Gusmão[2,3]; Galba Maria de Campos-Takaki[2,4,5]*

[1]Laboratório de Apoio Animal, Ministério da Agricultura Pecuária e do Abastecimento; [2]Doutorado em Biologia de Fungos, Universidade Federal de Pernambuco; [3]Departamento de Antibióticos, Universidade Federal de Pernambuco; [4]Departamento de Química, [5]Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Submitted: June 20, 2001; Returned to authors for corrections: April 17, 2001; Approved: May 06, 2003

ABSTRACT

Candida lipolytica IA 1055 produced extracellular biosurfactants with emulsification activity by fermentation using babassu oil and D-glucose as carbon sources. Natural seawater diluted at 50% supplemented with urea, ammonium sulfate, and phosphate was used as economic basal medium. The best results were achieved with the **YSW-B_2** medium, which contained urea, ammonium sulfate, and babassu oil and with **YSW-B_3** medium, which contained urea, ammonium sulfate, phosphate, and babassu oil, kept under fed batch fermentation for 60 hours with 5% of babassu oil. For the two media, the maximum specific growth rates were 0.02 h^{-1} and 0.04 h^{-1}; the generation times were 34.6 h^{-1} and 17.3 h^{-1}, and the emulsification activities were 0.666 and 0.158 units, respectively. The molecules of these new bioemulsifiers were contituted of carbohydrates, proteins and lipids.

Keywords: Bioemulsifier, *Candida lipolytica*, seawater, babassu oil

Biosurfactants are amphiphilic molecules consisting of a hydrophilic and a hydrophobic domains. These compounds are capable of reducing surface and interfacial tension between liquids, solids and gases, allowing them to mix or disperse readily as emulsions in water or other liquids. Microbial compounds that are capable to exhibit particularly high surface activity and emulsifying activity are classified as biosurfactants (1). A number of microorganisms are excellent sources of potentially useful amphipatic biopolymers, for instance *Acinetobacter radioresistens* (5); *Candida bombicola* (9,13), and *Yarrowia lipolytica* (14).

Bioemulsifiers are biodegradable and can be produced from renewable and cheap subtracts. Native vegetable oils have been used as carbon source and seawater as media component for production of biosurfactants by *Candida lipolytica*. This paper reports the results attained on bioemulsifier production through the use of economic subtracts in seawater media supplemented with babassu oil, and D-glucose as control.

Candida lipolytica IA 1055 was obtained from the culture collection of the Departamento of Antibióticos of Universidade Federal de Pernambuco. Stock cultures of the organism were maintained at 4ºC on Yeast Mold Agar slants containing yeast extract (0.3%); malt extract (0.3%); D-glucose (1.0%); tryptone (0.5%); and agar (1.5%).

Carbon sources utilized throughout the study were 5% babassu oil and 1% D-glucose, added to a basal medium called Yeast Salt Water (YSW). Growth media were prepared as follows: **YSW-G** – ammonium sulfate 0.1gl^{-1}, D-glucose 1gl^{-1}; **YSW-G_1** – ammonium sulfate 0.1gl^{-1}, urea 0.1gl^{-1}, D-glucose 1gl^{-1}; **YSW-B_2** –urea 0.25gl^{-1}; acid phosphate of potassium 1.36gl^{-1}, babassu oil 5 ml^{-1}; and **YSW-B_3** – ammonium sulfate 0.1gl^{-1}, urea 0.25gl^{-1}, and acid phosphate of potassium 1.36gl^{-1}, and babassu oil 5 ml^{-1}.

The media were diluted 1:1 (v/v) in distilled water and natural seawater (NaCl final concentration 13%); the pH was set to 5.3±0.2, followed by sterilization at 121ºC for 15 minutes. The seawater used as basal medium was collected in Boa Viagem

* Corresponding author. Mailing address: Departamento de Química, Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais, Universidade Católica de Pernambuco. Rua Nunes Machado, 42, Boa-Vista. 500050-590, Recife, PE, Brasil. E-mail: takaki@unicap.br

beach, and the salinity was determined by the Mohr-Knudsen method as described in Strickland and Parsons (11).

Cells grown in Yeast Mold Broth were used as inoculum (1%, v/v). The fermentation process was carried out in 1000ml-Erlenmeyer flasks, containing 300ml of medium. The flasks were incubated at 28ºC on an orbital shaker at 150 rpm for 240 hours. After 60 hours of fermentation, 5% of babassu oil was added to the medium.

Aliquots of 7 ml of the culture were collected every 24 hours for pH measurement using a potentiometer and for counts of viable cells, determined by spreading 0.1ml of the appropriate dilution onto Yeast Mold Agar. Colony counts were performed after incubation at 28ºC for 48 hours.

The specific growth rate was measured according to Pirt (8).

In order to determine the emulsification activity, aliquots of 2 ml of the cultures submitted to filtration through a 0.22 µm Millipore membrane filter were mixed with 2ml of 0.1M sodium acetate buffer (pH 3.0) and 1ml of n-hexadecane in a screw-capped tube. The mixture was then homogeneized in a vortex for 2 minutes at 25ºC. After 10 minutes, the absorbance was measured at 540nm in a spectrophotometer. The blank consisted in 2ml of sterile YSW medium. One unit of emulsification activity was defined as the amount of emulsifier that resulted in an absorbance of 1.0 at 540nm (2).

For partial purification of the bioemulsifier, yeasts cells were removed from bioemulsifier-containing media, by filtration through a Whatman n° 1 paper and then through a 0.22 µm Millipore membrane filter.

The cell-free filtrate was dialyzed against deionized water, (five changes) and then concentrated by lyophilization. The concentrate was treated twice with chloroform-methanol (2:1, v/v) at 25ºC. The solvents were removed by evaporation. The white precipitate formed in the aqueous phase was collected in Whatman no. 42 filter paper and dried. The dry material was redissolved in ultra pure water for analytical determinations.

The bioemulsifiers produced by *C. lipolytica* were submitted to determination of the total amount of carbohydrates, proteins and lipids, using colorimetric methods (LABTEST Diagnostic®-Brazil).

After 41 hours, the cell concentration in YSW-G medium was $1.0x10^6$ CFU/ml. After 50 hours, a diauxic behavior was observed. The number of cells after 89 hours decreased to $3.2x10^2$ CFU/ml and the specific growth rate was $\mu_{max}=0.04h^{-1}$. During fermentation course, the pH dropped from 4.8 after 17 hours to 2.7 at the end of the growth, suggesting that fermentation is controlled by pH (Fig. A). The cell concentration in YSW-G_1 medium, which corresponds to YSW-G medium plus 1% urea, after 23 hours of cultivation was $1.1x10^6$ CFU/ml. The peak was obtained after 168 hours of fermentation, with $6.0x10^6$ CFU/ml. There was a growth decrease after 192 hours. The kinetics parameters were a maximum specific growth rate of $\mu_{max}=0.05h^{-1}$ and generation time of 13.8 hours. After 23 hours of fermentation the pH was 8.04, and 7.04 in the end of the process, and the emulsification activities were 0.030, and 1.717 units, respectively (Fig. 1B).

The growth decrease of *C. lipolytica* was probably due to the addition of urea, which increased the pH of the medium. Cooper and Paddock (3) observed that *Torulopsis bombicola* growth decreased when urea was used instead of yeast extract in media with glucose and vegetable oils. Other microbial emulsifiers (sophorose lipids) have been synthesized by degradation of insoluble substrates such as vegetable oils or soluble substrates, like carbohydrates, as carbon sources, utilizing inexpensive media (6,12,13).

In this study, the YSW-G medium was the most effective for growth of *Candida lipolytica*. This result with the medium YSW supplemented with glucose without urea is corroborated by Cooper and Paddock (3,10).

After 48 hours of cultivation, $3.1x10^2$ viable cells were observed in YSW-B_2 medium. The maximum number of cells was attained after 144 hours, with $1.8x10^7$ CFU/ml. The pH was 7.5 in the first stage (48 h) of the fermentation, and decreased to 5.6 in the end. The maximum specific growth rate was $\mu_{max}=0.02h^{-1}$, the generation time was 34.6 h^{-1}, and the emulsification activity was 0.666 units (Fig. 1C).

After 64 hours of fermentation *C. lipolytica* cultivated in the medium YSW-B_3 showed $2.8x10^5$ CFU/ml. The maximum number of viable cells occurred after 168 of cultivation. At the beginning of the process (24 h), the pH was 6.4, decreasing to 5.9 after 168 hours. A maximum specific growth rate of $\mu_{max}=0.04h^{-1}$, generation time of 17.3 h^{-1}, and 0.158 units of emulsification activity were observed (Fig. 1D).

Johnson (4) reported that the maximum emulsification activity in *Rhodotorula glutinis* was achieved in the presence of KNO_3, followed by ammonium salt and urea. Our study with *C. lipolytica* showed that urea as an additional nitrogen source in the two tested media did not cause any decrease in growth rate when batch fermentation at exponential phase was used. These results suggested a decrease in the interfacial tension of babassu oil-containing YSW-B_2 and YSW-B_3 media caused by *C. lipolytica*, presumably due to release of fatty acids in the initial stages of fermentation. The production of fatty acids declines after 60 h of fermentation, but the interfacial tension continues.

The bioemulsifiers obtained from YSW-G and YSW-B_3 media were composed by proteins (54.3 and 43.0% w/v respectively), carbohydrates (35.5 and 40.0% w/v respectively) and lipids (8.4 and 16.0% w/v respectively).

The high production of emulsifiers in both media was probably caused by the presence of potassium phosphate. Palejwala and Desai (7) observed the influence of phosphate anions in the medium on the production of emulsifiers. It should be noticed that emulsifiers were produced in the two examined media (YSW-B_2 and YSW-B_3) using low-cost substrates (babassu oil and seawater), which can be used for bioemulsifier production by *Candida lipolytica*.

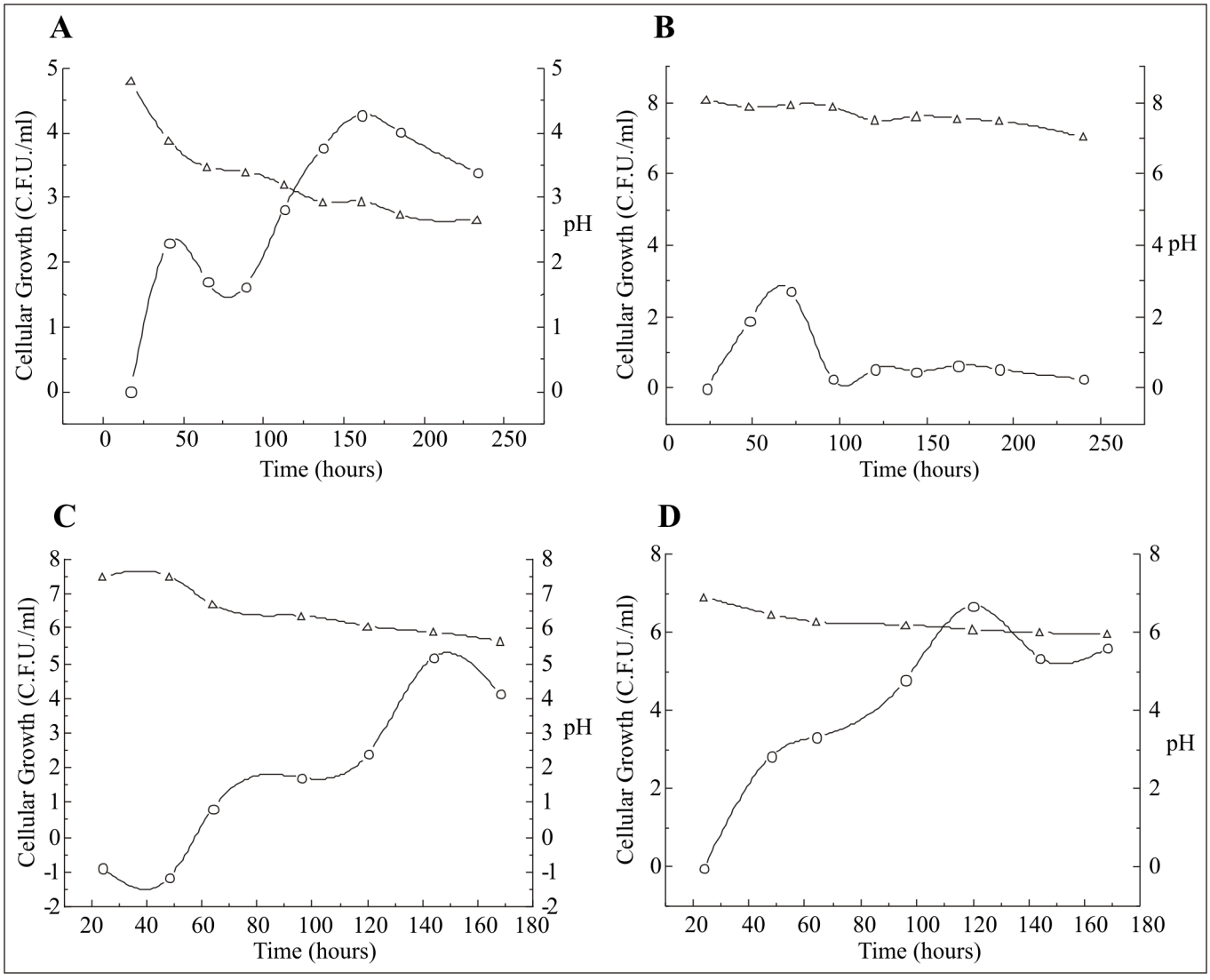


Figure 1. Growth (❍) of *Candida lipolytica* and pH (△) of YSW-G (A), YSW-G_1 (B), YSW-B_2 (C) and YSW-B_3 (D) media incubated at 28ºC for 240 hours, 150 rpm.

ACKNOWLEDGEMENTS

Study supported by grants from CNPq, PRONEX, FINEP/ CETPETRO and UNICAP.

RESUMO

Novos bioemulsificantes produzidos por *Candida lipolytica* usando D-glicose e óleo de babaçu como fontes de carbono

Candida lipolytica IA 1055 produziu biosurfactantes extracelulares com atividade de emulsificação, através de fermentação utilizando óleo de babaçu e D-glicose como fontes de carbono. A água do mar diluída a 50% suplementada com uréia, sulfato de amônio e fosfato foi usada como meio basal. Os melhores resultados foram atingidos com os meios YSW-B_2 (contendo uréia, sulfato de amônio e óleo de babaçu) e YSW-B_3 (contendo uréia, sulfato de amônio, fosfato e óleo de babaçu), através de fermentação em batelada alimentada com 5% de óleo de babaçu. A velocidade específica de crescimento foi de 0,02 h^{-1} e 0,04 h^{-1}; tempo de geração de 34,6 h^{-1} e 17,3 h^{-1} e atividade de emulsificação igual a 0,666 e 0,158 unidades, respectivamente. As moléculas dos novos bioemulsificantes demonstraram ser constituídas por carboidratos, proteínas e lipídeos.

Palavras-chave: Bioemulsificante; *Candida lipolytica*; óleo de babaçu, água do mar

REFERENCES

1. Banat, I.M.; Makkar, R.S.; Cameotra, S.S. Potential commercial applications of microbial surfactants. *Appl. Microbiol. Biotechnol*., 53: 495-508, 2000.
2. Cirigliano, M.C.; Carman, G.M.. Isolation of a Bioemulsifier from *Candida lipolytica*. *Appl. Environ. Microbiol*., 48: 747-750, 1984.
3. Cooper, D.G.; Paddock, D.A. Production of a Biosurfactant from *Torulopsis bombicola*. *Appl.Environ. Microbiol*., 47: 173-176, 1984.
4. Johnson, V.; Singh, M.; Saini, V.S. Bioemulsifier Production by an Oleaginous Yeast *Rhodotorula glutinis* IIP-30. *Biotechnol. Lett*., 14: 487-490, 1992.
5. Navon-Venezia, S.; Zosim, Z.; Gottlieb, A.; Legmann, R.; Carmeli, S.; Ron, E.Z.; Rosenberg, E. Alasan a New Bioemulsifier from *Acinetobacter radioresistens*. *Appl. Environ. Microbiol*., 61: 3240-3244, 1995.
6. Noordman, W.H.; Wachter, J.H.J.; Boer, G.J.; Janssen, D.B. The enhancement by surfactants of hexadecane degradation by *Pseudomonas aeruginosa* varies with substrate availability. *J. Biotechnol*., 94(2): 195-212, 2002.
7. Palejwala, S.; Desai, J.D. Production of an Extracellular Emulsifier by a Gram Negative Bacterium. *Biotechnol. Lett*., 2: 115-118, 1989.
8. Pirt, S.J. *Principles of Microbe and cell cultivation*. London, Blackwell Scientific Publications, 1975.
9. Rau, U.; Manzke, C.; Wagner, F. Influence of Substrate Supply on the production of sophrose lipids by *Candida lipolytica* ATCC 22214. *Biotechnol. Lett.*, 18: 149-154, 1996.
10. Sarubbo, L.A.; Marçal, M.C.; Neves, M.L.; Porto, A.L.; Campos-Takaki, G.M. Bioemulsifier production in batch culture using glucose as carbon source by *Candida lipolytica*. *Appl. Biochem. Biotechnol.*, 95(1): 59-67, 2001.
11. Strickland, J.D.H.; Parsons, T.R. *A Manual of Sea Water Analysis* Canada, Bulletin Fisheries Research Board, 1965.
12. Zhou, Q.H.; Kosaric, N. Effect of Lactose and Olive Oil on Intra and Extracellular lipids of *Torulopsis bombicola*. *Biotechnol. Lett*., 15: 477-482, 1993.
13. Zhou, Q.H.; Kosaric, N. Utilization of Canola Oil and Lactose to produce Biosurfactant with *Candida bombicola*. *JAOCS*., 72: 67-71, 1995.
14. Zinjarde, S.; Chinnathambi, S.; Lachke, A.H.; Pant, A. Isolation of an Emulsifier from *Yarrowia lipolytica* NCIM 3589 using a Modified Mini Isoelectric Focusing Unit. *Lett. Appl. Microbiol.*, 24: 117-121, 1997.

CAPÍTULO II

Evaluation of a Semidefined Medium for the Production of Biosurfactant by *Candida lipolytica* Using a Factorial Design

Manuscrito submetido ao:
Bioresource Technology

Evaluation of a Semidefined Medium for the Production of Biosurfactant by *Candida lipolytica* Using a Factorial Design

Vance-Harrop , M.H[1].; Barros-Neto, B.[2] & Campos-Takaki, G.M[3].

[1]Doutorado em Biologia de Fungos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brazil

[1] LAPA/Recife, Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento.

[2] Departamento de Química Fundamental, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brazil

[3] Departamento de Química e Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais,
Universidade Católica de Pernambuco, 50050-590 Recife-Pernambuco, Brazil

Abstract.

The composition of culture media for biosurfactant production in batch cultures of *Candida lipolytica* by a fractional factorial design has been studied. A set of 16 experiments with centre points in duplicate, utilizing five factors (yeast extract, urea, ammonium sulfate, potassium phosphate and babassu oil) at two levels were statistically combined. The results show that all the factors studied were found to influence biosurfactant production, and that higher biosurfactant synthesis is obtained when yeast extract, urea, and potassium phosphate are at a high level. However, with ammonium sulfate at a lower level and babassu oil, the level is independent of the response (biosurfactant production).

Keywords: Biosurfactant, Factorial design, Medium optimization, *Candida lipolytica.*

Introduction

Surfactants are those chemicals which are produced by microorganisms but whose amphipatic molecules have both clearly defined hydrophobic and hydrophilic groups. These moieties partition preferentially at the interface between fluid phases with different degrees of polarity, such as oil-water or air-water interfaces (Healy et al. 1996). These compounds have the property of reducing surface and interfacial tension in both aqueous solutions and hydrocarbon mixtures, and thereby have potential applications in the recovery of oil, and the pharmaceutical and food industries (Banat et al. 2000).

The biosurfactants have many different chemical structures. Microorganisms can produce surfactants when grown on many different substrates, ranging from carbohydrates to hydrocarbons. Changing the substrate often alters the structure of the molecule, in turn, altering its surfactant properties (Cooper, 1986). Biosurfactants have several advantages over their chemical counterparts, such as lower toxicity, higher biodegradability, better environmental compatibility and the ability to be synthesized from renewable feedstocks (Fiechter, 1992).

Currently, worldwide synthetic surfactant production exceeds three million tons per year and is expected to rise annually.

Most of the commercially available surfactants are chemical surfactants, mainly petroleum-derived. However, rapid advances in biotechnology and increased environmental awareness on the part of consumers, combined with expected new legislation in many countries, has provided further impetus for serious consideration of biological surfactants as possible alternatives to synthetic ones (Banat et al.2000). Surfactants have long been among the most versatile of process chemicals. The market for them is extremely competitive and this gives rise to a demand to expand the stock by developing new products. In this regard, biosurfactants are promising

candidates. However, the cost of biosurfactant production is about three to ten times higher than that of their chemical counterparts. Thus, future biosurfactant applications will be governed mainly by the overall economic gain of production versus application. The fermentation process holds the key to improving the overall process economics in biosurfactant production. Generally, biosurfactants are produced by growth on hydrocarbons which are usually expensive and therefore increase the overall process cost (Desai & Banat, 1997).

In the search for cheaper raw materials for production of these compounds, the use of agro-industrial by-products and industrial effluents such olive oil mill effluent and other edible vegetable oils have recently shown great promise (Mercadé et al.1993; Cooper& Paddock, 1984).

A number of attempts have been made to increase biosurfactant productivity by manipulating fermentation conditions and medium composition. (McCaffrey & Cooper 1995; Casas et al. 1997). Rao et al. (2000) performed a study to achieve high product yields by statistical optimization of medium for the production of recombinant hirudin from *Saccharomyces cerevisiae* using a response surface methodology.

The combined effects of initial xylose concentration and inoculum level on xyllitol production by *Candida guilliermondii* from rice straw hydrolysate were studied using a 2^2 full-factorial central composite design for experimental design and analysis of results (Silva and Roberto, 2001). Optimization using factorial design and response surface analysis specifically meets the requirement that optimal experimental conditions be determined.

The Ascomycetous yeast *Candida lipolytica* is currently used as a model organism for fundamental studies and also for biotechnological applications of the ability to produce surface-active molecules during growth on water-immiscible substrates (Barth & Gaillardin, 1997). During the fermentative processes, in the particular case of secondary metabolites, the interaction

between growth metabolism and product secretion is critically influenced by growth-limiting nutrient concentrations.

Experimental design techniques are very useful tools for this purpose, providing evidence of the relative influence of various factors studied and determining the optimal concentration calculated for a given target such as maximal growth or maximal metabolite production. In a previous study of biosurfactant production from *C. lipolytica*, this yeast demonstrated the ability to produce molecules with surfactant properties in culture media containing natural sea water and distilled water in the liquid phase. The solid phase used ammonium sulfate, urea, potassium phosphate and babassu oil, an edible oil used in the North region of Brazil, as a carbon source. (Vance-Harrop, et al. 2003).

The influence of some selected nutrients - babassu oil as a carbon source; ammonium sulfate, urea and potassium phosphate as a nitrogen source and the yeast extract essential for the growth - was tested using a factorial design and analysis of experiments in three stages. The purpose of this was to determine the best concentrations in a semi-defined medium for the growth and biosurfactant production by the yeast *C. lipolytica.*

MATERIALS AND METHODS

Microorganism *Candida lipolytica*- Harrison (Diddens & Lodder) IA 1055, belonging to the culture collection of the Departamento de Antibióticos - Universidade Federal de Pernambuco, was used in this study. The strain was grown on a Yeast Mold Agar (YMA) medium and was maintained at 4°C, at the Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais – UNICAP (UCP 00065).

Culture Conditions The media used for the experiments consisted of the following: yeast extract, ammonium sulfate, urea, potassium phosphate, and babassu oil. Distilled water and natural seawater were added at the liquid phase (Table 1). The pH of the media was adjusted to 5.3.

The inocula were prepared in an Erlenmeyer flask containing 50 ml of Yeast Mold Broth (YMB) and were inoculated using a microbial loop, incubated in an orbital shaker at 250 rpm and 28°C for 24h. All fermentations were conducted in Erlenmeyer flasks with a capacity of 1000 ml containing 300 ml of growth media (Table 1). Immediately after the inoculation of 5% of 10^7 cells/ml, the flasks were incubated for 96 hours at 28°C in an orbital shaker at 150 rpm. The growth profile was accompanied by biomass and pH determination, and emulsification activity.

Assay of emulsification activity. Emulsification activity was determined using the method developed by Cirigliano & Carman, 1984. An aliquot of cultures was filter sterilized using a Millipore 0.22μm membrane filter. This sample (2 ml) was diluted with 2 ml of 0.1 M sodium acetate buffer (pH 3.0) and 1 ml of n-hexadecane was added. The mixture was shaken in a vortex for 2 minutes and allowed to stand for 10 min. The turbidity (measure of oil dispersion) was

measured spectrophotometrically at 540 nm. The absorbance was multiplied by the dilution and expressed as emulsification activity (AE).

Determination of the dry weight of the culture Culture samples (10 ml) were filtered through previously weighed nitrocellulose filters (0.22 μm-pore-size). After removal of the medium, the filters were washed with demineralized water, dried in an oven at 70°C for 24 h, cooled in a desiccator and weighed. They were then repeatedly re-weighed until a constant dry weight was obtained. Duplicate determinations gave results that varied by < 1%.

pH measurement Samples were taken from the cultures when fermentation had ceased. When the samples had been brought to a uniform temperature of 25°C, the pH of the supernatants was measured using an Orion, model 310, pHmeter.

Factorial design The factorial design used was developed in the course of three assays. Factorial design 1- a $2^{(5-1)}$ fractional factorial design based on five experimental factors at two levels, augmented with a center point run in quadruplicate, was used to evaluate culture conditions for biosurfactant production (the variable response). The real and coded values of the factors involved in this design are shown in Tables 1 and 2, respectively. Factorial design 2 - a full 2^4 factorial design based on four of the five variables in Table 1 was used for a follow-up study. The level combinations for this design are given in Table 3. Finally, factorial design 3 - a full 2^3 factorial with centre points in duplicate was performed to assess the effect of a lack of urea on the culture medium (Table 4).

Statistical analysis All data were analyzed using the Statistica software package (StatSoft Inc., 1996). The statistical significance of the results was established at the $p< 0.05$ level.

RESULTS AND DISCUSSION

The yeast *C. lipolytica* produces biosurfactants when it grows in water-insoluble substrates (Vance-Harrop et al. 2003). An experimental design was used to determine the best concentrations of the media components that have previously been used. This study was accomplished in three consecutive steps: first, a fractional factorial design in a set of 16 experiments with two center points, in duplicate, was performed to determine the variables that could affect biosurfactant production. Then a 2^4 design was performed to evaluate medium performance in the absence of the nitrogen source, ammonium sulfate, which showed a negative effect on production, in the initial analysis. Finally, a 2^3 design was performed under the same conditions, but with the further exclusion of urea, to evaluate the effect of the remaining three factors on biosurfactant production.

In the first (2^{5-1}) design, the best responses were obtained at runs 8, 10, 13, 14, with 5.060, 4.950, 4.932 and 4.844 of absorbance at 540nm, respectively (Figure 1). The contrasts associated with the main effects of the five factors (yeast extract, urea, sulfate, phosphate and babassu oil) were calculated, and the main effects of phosphate, yeast extract, urea and babassu oil were all found to be positive, while that of ammonium sulfate proved negative, as shown in the Pareto plot in Figure 2. Thus, an interesting conclusion of the first part of this study was that for the best conditions for biosurfactant production yeast extract, phosphate, and urea should be used at +1 levels and ammonium at the -1 level (Table 5). The most significant effects were found with the water-insoluble carbon source, and the phosphate, linked by the energy production routes of the cell metabolism (Casas et al. 1997). Indeed, the carbon source is very important in the

biosurfactant production process, especially the immiscible ones (Cooper and Paddock, 1984). The importance of phosphate in the same process is also related by Reisfeld et al.(1972), suggesting that more rapid dispersion of oil in seawater took place in buffered sea water, catalyzed by phosphate.

A 2^4 factorial design, excluding ammonium sulfate, was subsequently carried out to determine the influence of the other four factors: yeast extract, urea, potassium phosphate and babassu oil, at the same levels. The responses obtained using this design are plotted in Figure 3. Babassu oil and yeast extract were found to have significant ($P<0.05$) effects on the response. The best conditions for biosurfactant production were those of run 12 (Figure 3). Among the four variables investigated, the factors babassu oil and yeast extract had the most important effect on biosurfactant production (Figure 4). Babassu oil has previously furnished good results in this process, and yeast extract was found to be essential for cell growth. The analysis shows that significant interactions between factors occurred for babassu oil x yeast extract, yeast extract x phosphate and yeast extract x urea (Figure 5), basically replicating the conclusions reached using the first design.

In the final 2^3 design, the most significant biosurfactant production occurred in run 8, as indicated by the high absorbance, the parameter used to detect the emulsification activity (AE) (Figure 6). The significance of the carbon source is shown in Figure 7. The only nitrogen source in this experiment is yeast extract, which contains organic growth nutrients to supply some vitamins, Scioli and Vollaro, (1997), and mineral salts contained in sea water, an ingredient of the liquid phase medium. A positive interaction between phosphate and babassu oil can also be seen in Figure 7. The other interactions do not appear to be statistically significant. In the two last

designs, the biomass and pH were also determined at the end of fermentation (Table 3 and 4). The economics of the production of biosurfactants must be worked out, if they are to compete with their chemical counterparts. The choice of inexpensive and renewable raw materials is important for the overall economic viability of the process, because these account for fifty percent of the final production cost (Zhou and Kosaric, 1995). In our study, babassu oil was used as an inexpensive and plentiful source of carbon for biosurfactant production. Babassu oil is of edible standard, does not contain preservative oils, and is used for cooking in the North region of Brazil. The relationship between metabolite production and the growth of the strain producer has been observed by Leal-Sánchez et al. (2002). They have shown that there is no clear-cut correlation between maximal Bacteriocin production and the numbers of *Lactobacillus plantarum* LPCO10 cells at the same points. These results are similar to ours. This may have been because the nutrients were consumed by cells for biosurfactant biosynthesis rather than for the growth. On the other hand, Kimmel et al. (1998) showed in their results that a profile of the fermentation conducted under optimal conditions for exopolysaccharide (EPS) production was growth-associated. Growth associated with the production does not occur with some other EPS-producing strains, such as *Xanthomonas* and *Alcaligenes spp*. (Sutherland, 1990). As expected, the capacity to sustain the large fluxes of carbon and energy required for rapid metabolite production appears to be inversely related to the growth efficiency of microorganisms, principally in the case of metabolites like biosurfactants, which are composed of moieties with significantly different oxidation states (Linton, 1991). This observation has been previously related by Rosenberg et al. (1979), whose fermentation studies using oils as a carbon source demonstrated that growth rate can be limited by the interfacial surface area between water and oil. Other studies

confirm that biosurfactant production is related to slowly growing cells (Guerra-Santos et al.1984; Reiling et al.1986).

In conclusion, these results show that all the factors studied (yeast extract, urea, ammonium sulfate, potassium phosphate and babassu oil) appear to influence biosurfactant production, and higher biosurfactant synthesis is obtained when yeast extract, urea, potassium phosphate are at higher levels, while ammonium sulfate is at a lower level. For babassu oil, the level selected is of no consequence for the range studied here. This indicates that the combined effect of all the independent variables significantly contributes to the enhancement of biosurfactant production. These conclusions are interesting from an economic point of view, since with high substrate concentrations it is possible to optimize biosurfactant production. Based on the experimental results it can be concluded that *Candida lipolytica* is able to use babassu oil as an insoluble carbon source as a substrate for producing biosurfactant. Therefore, it is feasible to use relatively inexpensive and renewable substrates for biosurfactant production.

Acknowledgements- The authors are grateful to the Brazilian agencies CNPq, CNPq/CTPETRO, FINEP/CTPETRO UNICAP and LAPA for financial support.

References

Banat, I., M. Makkar, R. S., Cameotra, S. S. 2000. Potential commercial applications of microbial surfactants. Applied Microbiology Biotechnology 53, 495-508.

Barth, G., Gaillardin, C. 1997. Physiology and genetics of the dimorphic fungus *Yarrowia lipolytica.* FEMS Microbiology Reviews 19, 291-237.

Casas, J. A., Garcia de Lara, S.,Garcia-Ochoa, F. 1997. Optimization of a synthetic medium for *Candida bombicola* growth using factorial design of experiments**.** Enzyme and Microbial Technology 21, 221-229.

Cirigliano, M.C., Carman, G.M. Isolation of a Bioemulsifier from *Candida lipolytica*. Applied Environmental Microbiology, vol.48, pp. 747-750. 1984.

Cooper D.G. 1986. Biosurfactants. Microbiological Sciences 3, 145-149.

Cooper, D. G.,Paddock, D. A. 1984. Production of a Biosurfactant from *Torulopsis bombicola***.** Applied Environmental Microbiology, 47, 173-176.

Desai, J. D., Banat, I. M. 1997. Microbial Production of Surfactants and Their Commercial Potential. Microbiology and Molecular Biology Reviews 61, 47- 64.

Fiechter, A. 1992. Biosurfactants: moving towards industrial application. Trends in Biotechnology 10, 208- 217.

Guerra-Santos, L. H., Käppeli, O., Fiechter, A. 1984**.** *Pseudomonas aeruginosa* Biosurfactant Production in Continuous Culture with Glucose as Carbon Source. Applied and Environmental Microbiology 48, 301 –305.

Healy M. G.; Devine, C.M., Murphy, R. 1996. Microbial production of biosurfactants. Resources, Conservation and Recycling 18, 41- 57.

Kimmel, S. A., Roberts, R. F., Ziegler, G. R. 1998. Optimization of Exopolysaccharide Production by *Lactobacillus delbrueckii* subsp. *bulgaricus* RR Growth in a Semidefined Medium. Applied and Environmental Microbiology 64, 659- 664.

Leal-Sánchez, M. V., Jiménez-Díaz, R. Maldonado-Barragán, A., Garrido-Fernández, A., Ruiz-Barba, J. R. 2002. Optimization of Bacteriocin by Batch Fermentation of *Lactobacillus plantarum* LPCO10. .Applied and Environmental Microbiology 68, 4465- 4471.

Linton, J. D. 1991 Metabolite production and growth efficiency. Antoine van Leeuwenhoek 60, 293-311.

McCaffrey, W.C., Cooper, D.G. 1995. Sophorolipids production by *Candida bombicola* using self-cycling fermentation. Journal of Fermentation and Bioengineering 79, 146-151.

Mercadé, M. E., Manresa, M. A., Robert, M., Espuny, M. J.; de Andrés, C., Guinea, J. 1993. Olive oil mill effluent (OOME). New substrate for biosufactant production. Bioresource Technology. .43, 1- 6.

Rao, K. J., Kim, C-H., Rhee, S-K. 2000. Statistica optimization of medium for the production of recombinant hirudin from *Saccharomyces cerevisiae* using response surface methodology. Process Biochemistry 35, 639 – 647.

Reiling, H. E., Thanei-Wyss, U., Guerra-Santos, L. H., Hirt, R., Käppeli, O., Fiechter, A. 1986. Pilot Plant Production of Rhamnolipid Biosurfactant by *Pseudomonas aeruginosa* . Applied and Environmental Microbiology 51, 985 - 989.

Reisfeld, A., Rosenberg, E., Gutnik, D. 1972. Microbial Degradation of Crude Oil: Factors Affecting the Dispersion in Sea Water by Mixed and Pure Cultures. Applied and Environmental Microbiology 24, 363- 368.

Rosenberg, E., Perry, A., Gibson, D. T., Gutnik, D. L. 1979. Emulsifier of *Arthrobacter* RAG-1: Specificity of Hydrocarbon Substrate. Applied and Environmental Microbiology 37, 409-413.

Scioli, C., Vollaro, L. 1997. The use of *Yarrowia lipolytica* to reduce pollution in olive mill wastewaters. Water Research 31, 2520-2524.

Silva, C. J. S. M., Roberto, I. C. 2001. Optimization of xylitol production by *Candida guilliermondii* FTI 20037 using response surface methodology. Process Biochemistry 36, 1119 – 1124.

StatSoft Inc., 1996. Statistica for Windows (Computer Program Manual). Tulsa, OK.

Sutherland, I. W. 1990. Physiology and industrial production.70- 88. In I.W. Sutherland (ed) Biotechnology of microbial exopolysaccharides. Cambridge University Press. Cambridge. England.

Vance-Harrop, M. H., Gusmão, N. B., Campos-Takaki, G. M. 2003. New Bioemulsifiers produced by *Candida lipolytica* using D-Glucose and Babassu Oil as Carbon Sources. Brazilian Journal of Microbiology 34, 120-123.

Zhou, Q-H., Kosaric, N. 1995. Utilization of Canola oil and Lactose to Produce Biosurfactant with *Candida bombicola.* Journal American Oil Company Society 72, 67- 71.

Table 1. Concentration levels of surfactant culture media for surfactant production.

Compound	Concentration (g/100ml) -1	(g/100ml) +1
Yeast extract	0,1	1
Ammonium sulfate	0,1	1
Urea	0,25	0,5
Potassium phosphate	0,1	1
Babassu oil	5	7,5

Table 2. Fractional factorial 2^{5-1} design (in the coded values specified in Table 1) used to evaluate biosurfactant production by *Candida lipolytica*.

	Factor level					Response[a]
Run	Yeast extract	Ammonium	Urea	Phosphate	Babassu	AE (540nm)
1	-1	-1	-1	-1	+1	4.804
2	+1	-1	-1	-1	-1	4.044
3	-1	+1	-1	-1	-1	4.056
4	+1	+1	-1	-1	+1	4.142
5	-1	-1	+1	-1	-1	4.034
6	+1	-1	+1	-1	+1	4.732
7	-1	+1	+1	-1	+1	4.344
8	+1	+1	+1	-1	-1	5.060
9	-1	-1	-1	+1	-1	4.584
10	+1	-1	-1	+1	+1	4.950
11	-1	+1	-1	+1	+1	4.280
12	+1	+1	-1	+1	-1	4.576
13	-1	-1	+1	+1	+1	4.932
14	+1	-1	+1	+1	-1	4.844
15	-1	+1	+1	+1	-1	4.240
16	+1	+1	+1	+1	+1	4.580
17 (C)	0	0	0	0	0	4.530
17 (C)	0	0	0	0	0	4.532
17 (C)	0	0	0	0	0	4.500
17 (C)	0	0	0	0	0	4.438

[a] Responses obtained with each run are shown as Emulsification Activity (AE) estimated at an absorbance rate of 540 nm.

Table 3. Full 2^4 follow-up design, excluding ammonium sulfate from the culture media for biosurfactant production. Coding as given in Table 1

	Factor level				Response[a]		
Run	Yeast extract	Urea	Phosphate	Babassu	AE (540nm)	Biomass[b]	pH
1	-1	-1	-1	-1	1.476	4.81	5.51
2	+1	-1	-1	-1	1.728	6.16	5.52
3	-1	+1	-1	-1	4.716	6.13	5.49
4	+1	+1	-1	-1	3.120	5.09	5.59
5	-1	-1	+1	-1	2.270	8.94	5.48
6	+1	-1	+1	-1	1.872	7.96	5.61
7	-1	+1	+1	-1	1.860	4.60	5.68
8	+1	+1	+1	-1	4.884	7.55	5.79
9	-1	-1	-1	+1	2.264	5.69	5.36
10	+1	-1	-1	+1	4.528	6.07	5.36
11	-1	+1	-1	+1	4.700	4.83	5.72
12	+1	+1	-1	+1	5.180	6.21	5.53
13	-1	-1	+1	+1	4.636	6.16	5.49
14	+1	-1	+1	+1	4.802	7.13	5.47
15	-1	+1	+1	+1	1.286	6.86	5.82
16	+1	+1	+1	+1	4.986	5.72	5.65
17 (C)	0	0	0	0	3.688	5.63	5.62
17 (C)	0	0	0	0	4.374	4.98	5.47
17 (C)	0	0	0	0	4.652	7.43	5.56
17 (C)	0	0	0	0	5.020	4.29	5.59

[a] Responses obtained with each run are shown as emulsification activity (AE) estimated at an absorbance rate of 540 nm.

[b] Biomass is expressed in g/liter.

Table 4. Full 2^3 factorial design, excluding ammonium sulfate and urea.

Coding as given in table 1.

	Factor level			Response[a]		
Run	Yeast extract	Phosphate	Babassu	AE (540 nm)	Biomass[b]	pH
1	-1	-1	-1	3.744	4.00	5.28
2	+1	-1	-1	4.250	4.51	5.12
3	-1	+1	-1	3.720	2.96	5.19
4	+1	+1	-1	3.220	8.21	5.37
5	-1	-1	+1	3.512	2.98	4.90
6	+1	-1	+1	4.484	3.34	4.99
7	-1	+1	+1	4.120	6.91	5.30
8	-1	+1	+1	4.822	3.1	5.14
9 (C)	0	0	0	4.418	5.1	5.22
9 (C)	0	0	0	4.714	6.26	5.24
9 (C)	0	0	0	4.230	4.6	5.25
9 (C)	0	0	0	4.376	5.29	5.28

[a] Response surface of biosurfactant production by *Candida lipolytica* in emulsification activity (AE) estimated at an absorbance rate of 540nm.

[b] Biomass determination is expressed in g/l^{-1}

Table 5. Model fitting results for production of biosurfactants by *Candida lipolytica*.

Effect Estimates; Var.:ABSORVAN; R-sqr=.99693; Adj:.98058
2**(5-1) design; MS Pure Error=.0019227
DV: ABSORVAN

		Std.Err.			-95.%	+95.%		Std.Err.	-95.%	+95.%
	Effect	Pure Err	t(3)	p	Cnf.Limt	Cnf.Limt	Coeff.	Coeff.	Cnf.Limt	Cnf.Limt
Mean/Interc.	4.512625	.010962	411.6586	.000000	4.477739	4.547511	4.512625	.010962	4.477739	4.547511
Curvatr.	-.025250	.049024	-.5151	.642061	-.181266	.130766	-.012625	.024512	-.090633	.065383
(1)YEAST EXT.	.206750	.021924	9.4303	.002527	.136978	.276522	.103375	.010962	.068489	.138261
(2)AMMONIUM	-.205750	.021924	-9.3846	.002563	-.275522	-.135978	-.102875	.010962	-.137761	-.067989
(3)UREA	.166250	.021924	7.5830	.004758	.096478	.236022	.083125	.010962	.048239	.118011
(4)PHOSPHATE	.221250	.021924	10.0916	.002072	.151478	.291022	.110625	.010962	.075739	.145511
(5)BABASSU	.165750	.021924	7.5602	.004799	.095978	.235522	.082875	.010962	.047989	.117761
1 by 2	.152750	.021924	6.9672	.006067	.082978	.222522	.076375	.010962	.041489	.111261
1 by 3	.209750	.021924	9.5671	.002423	.139978	.279522	.104875	.010962	.069989	.139761
1 by 4	.021750	.021924	.9921	.394299	-.048022	.091522	.010875	.010962	-.024011	.045761
1 by 5	-.195750	.021924	-8.9285	.002964	-.265522	-.125978	-.097875	.010962	-.132761	-.062989
2 by 3	.126250	.021924	5.7585	.010406	.056478	.196022	.063125	.010962	.028239	.098011
2 by 4	-.202750	.021924	-9.2478	.002675	-.272522	-.132978	-.101375	.010962	-.136261	-.066489
2 by 5	-.312250	.021924	-14.2423	.000750	-.382022	-.242478	-.156125	.010962	-.191011	-.121239
3 by 4	-.114750	.021924	-5.2340	.013572	-.184522	-.044978	-.057375	.010962	-.092261	-.022489
3 by 5	-.063250	.021924	-2.8850	.063273	-.133022	.006522	-.031625	.010962	-.066511	.003261
4 by 5	-.041250	.021924	-1.8815	.156464	-.111022	.028522	-.020625	.010962	-.055511	.014261

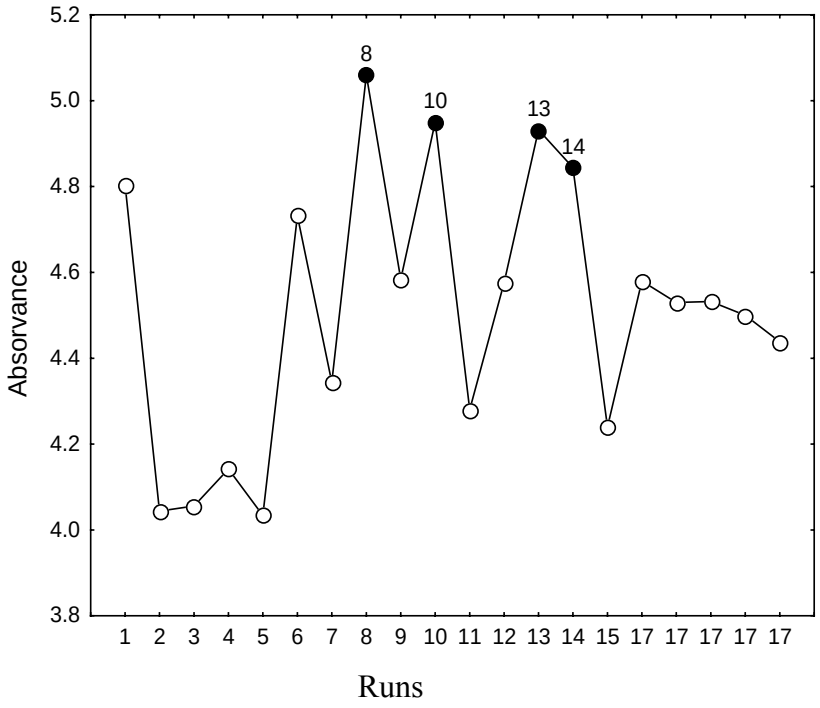


Figure 1. Response surface of biosurfactant production by *Candida lipolytica* in emulsification activity (AE) estimated at an absorbance rate of 540 nm for the $2^{(5-1)}$ design experiments. Symbol: ● shows the runs that obtained the high emulsification activity (AE).

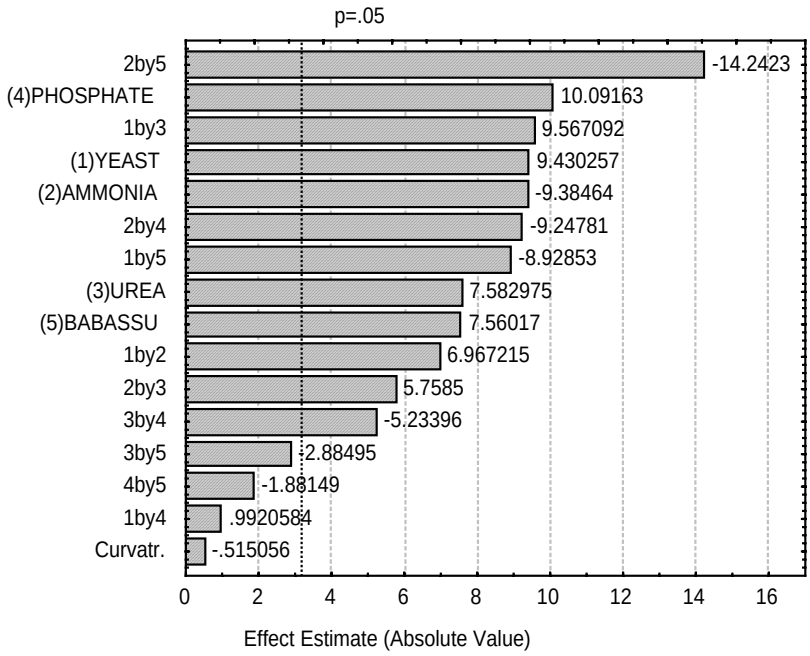


Figure 2. Pareto chart of standardized estimated effects for the five factors tested in the first design for biosurfactant production by *Candida lipolytica*. The point at which the effect estimates were statistically significant (at P= 0.05) is indicated by the vertical solid line.

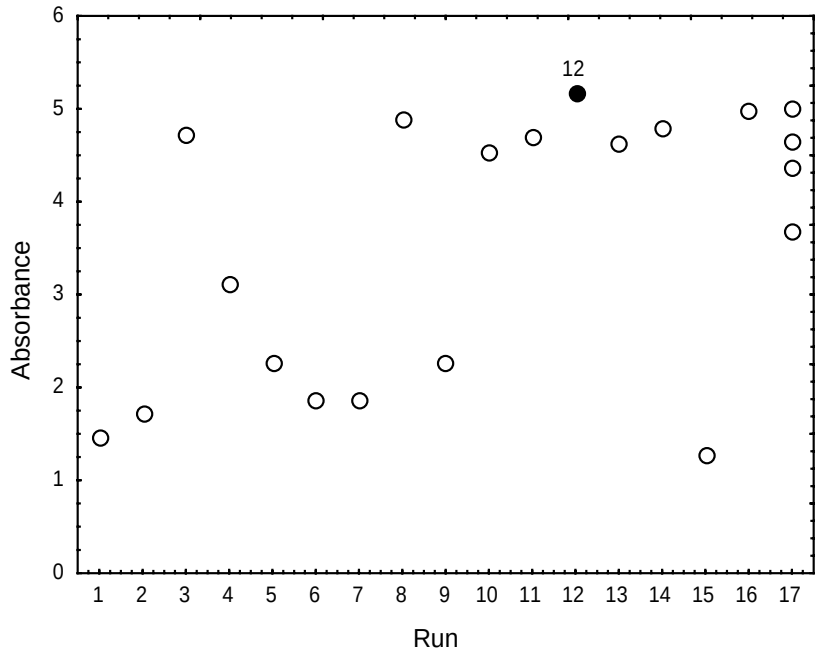


Figure 3. Responses for the full 2^4 design of experiments, estimated at an absorbance rate of 540 nm, for emulsification activity (AE). The symbol: ● shows run 12 as the high AE.

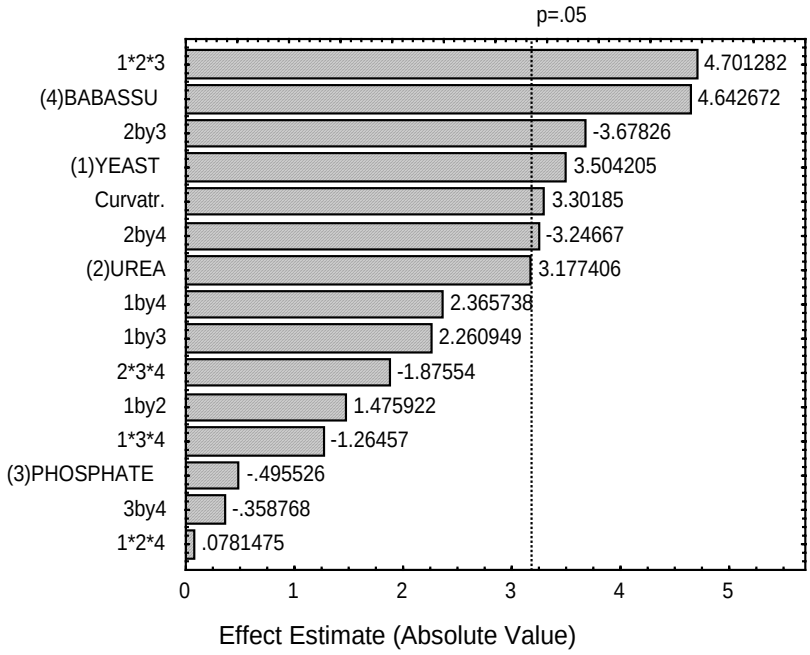


Figure 4. Pareto chart of the effects calculated form the responses in Figure 3 of the full factorial design (2^4) for biosurfactant production by *Candida lipolytica.* The point at which the effect estimates were statistically significant (at P=0.05) is indicated by the vertical solid line.

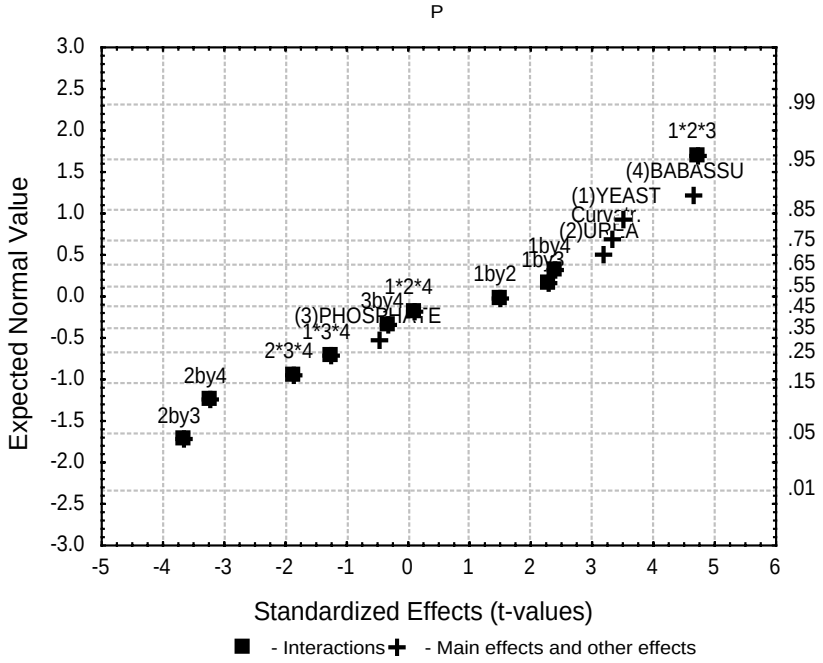


Figure 5. Normal probability plot of the effects calculated for the full 2^4 design of experiments for biosurfactant production by *Candida lipolytica.*

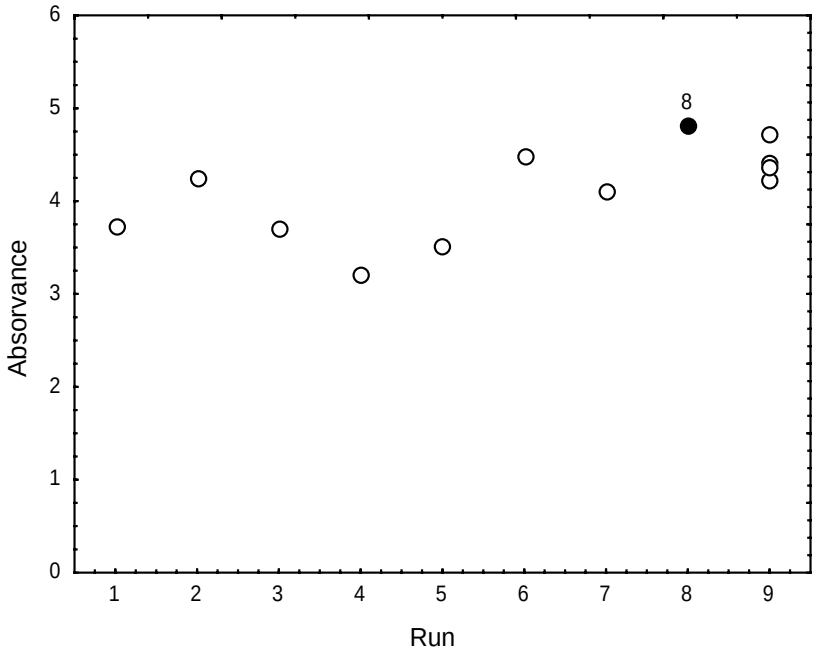


Figure 6. Responses for the full 2^3 design of experiments, for the biosurfactant production by *Candida lipolytica* estimated at an absorbance rate of 540 nm for emulsification activity (AE). Symbol: ● shows run 8 as the high AE.

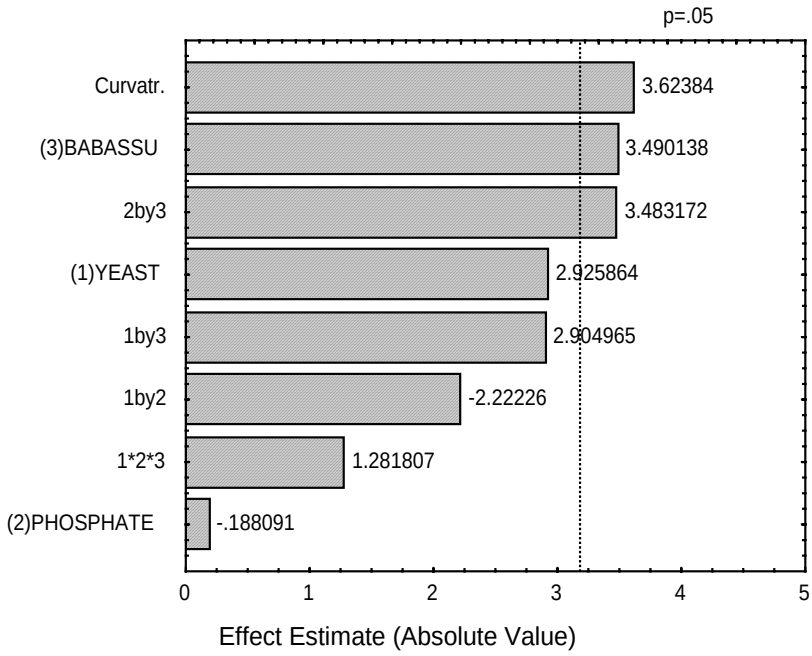


Figure 7. Pareto chart of the effects calculated from the responses in Figure 6, of a full 2^3 design for biosurfactant production by *Candida lipolytica* .The point at which the effect estimates were statistically significant (at p= 0.05) is indicated by the vertical solid line.

CAPÍTULO III

Remotion of Pyrene by *Candida lipolytica* under Mixed Substrates Conditions

Manuscrito submetido ao:
FEMS Yeast Research

Remotion of Pyrene by *Candida lipolytica* under Mixed Substrates Conditions

Vance-Harrop, M.V [1]; Shiosaki, R. K [2]. & Campos-Takaki, G. M [3].

[1] Doutorado em Biologia de Fungos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brasil

[1] LAPA/Recife, Ministério da Agricultura,Pecuária e do Abastecimento.

[2] Doutorado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brasil

[3] Departamento de Química e Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais,
Universidade Católica de Pernambuco, 50050-590 Recife-Pernambuco, Brasil

Abstract

Candida lipolytica has shown an organism suitable for the biosurfactant production and degradation of hydrophobic substrates. Alternative treatments were carried out using *Candida lipolytica* to degradate the polycyclic aromatic hydrocarbon pyrene, derivative from petroleum, using five different culture media. The mixed substrates consisted of glucose and sucrose as soluble carbon sources and babassu oil and pyrene as insoluble sources. The results suggested that biosorption and co-metabolism occurred during the *Candida lipolytica* growth in substrate interactions in the mixture of the sources. The remotion procedures consisted of cultivation in sucrose, glucose and babassu oil substrates, added of 10 mgl^{-1} of pyrene during 5 days. The results demonstrated a high removal rate of pyrene in media I and IV with 99.02% and 97.51% respectively.

Keywords: *Candida lipolytica*, Biosorption, Remotion, Pyrene.

1. Introduction

Polycyclic aromatic hydrocarbon (PAHs) are ubiquitous persistent environmental contaminants, occur as common constituents of petroleum, coal tar and as by-products of industrial activities. PAHs are of concern because some of them are known or suspected carcinogens and mutagens and exposure to them may be represent a significant risc to human health populations [1]. Their physical-chemical properties, which include hidrophobicity and high adsorption coefficient, combine to make soils and sediments environmental sinks for PAHs [2]. The oil industry is responsible for the generation if high amounts of oily residues. In Brazil, it is estimated that approximately 1% of the total oil processed in a refinery is discarded as oily sludge [3].

Pyrene, a PAH with four fused aromatic rings, has been detected in environmental samples and used as indicator for PAHs-contaminated wastes monitoring [4].

Bioremediation technologies have increasingly been proposed to decontaminate those sites polluted by PAHs [5]. However, polluted sites with PAHs frequently resist a fast and complete clean up. For an efficient remediation process it is important that the microorganisms involved have a potential degradation pathway so that no toxic degradation products accumulate in soil [6]. Biological processes have been received special attention, principally because is an economical and environmentally attractive solution for removing toxic compounds from contaminated sites [7].

Microbial degradation is a major factor affecting the persistence of PAHs in environment [8]. Several known bacterial PAHs degraders have been mediated by *Pseudomonas* [9,10]; *Mycobacterium* [8,11]. The ability of fungi to transform a wide variety of hazardous chemicals have aroused interest in using them in bioremediation process [12]. Among other fungi used in bioremediation, the yeasts are important in cleaning industrial effluents of unwanted chemicals.

A study related with nine yeasts strains, *Candida lipolytica* showed the highest ability for remove toxic dyes [13]. Co-metabolism process has recently emerged as an important technique for the biotreatment of many recalcitrant compounds [14]. Co-metabolism is the fortuitous biotransformation of a non-growth-supporting compound by a microorganism. The biotransformation process is catalysed by a non-specific enzyme or cofactor. Co-metabolism also requires that these transformations be concurrent with the metabolism of a growth-supporting substrate or another transformable compound [15].

In this work, we investigated the abilities of *Candida lipolytica* to co-metabolize the hydrocarbon pyrene at low concentration (10 mgl^{-1}). It is observed that this yeast readily degraded pyrene. The residual concentration of PAH was measured and the effects of growth substrates on yeast co-metabolism were described.

2. Materials and Methods

2. 1. Microorganism *Candida lipolytica* strain UCP 00065 used in this work was obtained at culture collection, Universidade Católica de Pernambuco. During the present investigation this organism was routinely maintained at 4^0C on Yeast Mold Agar (YMA) slants [16].

2. 2. Chemicals Pyrene hydrocarbon was obtained from Wako Pure Chemical Industries, Ltd. All chemicals were analytical grade. All organic solvents were glass-distilled grade or HPLC grade.

2. 3. Media and culture conditions

The inoculum for each experiment was prepared in Yeast Mold Broth (YMB). All cultivations were performed with the mineral salts medium previously described [17] and enhanced by a factorial design, by these authors (to be submmited) and modified for a remotion of pyrene experiments, by supplementation with desired carbon sources: soluble- glucose and sucrose and insolubles- pyrene and babassu oil (Table 1).

Candida lipolytica was grown in the media as indicated in Table 1; the pH were adjusted to 5.3 and distributed 300 ml by flasks of 1000 ml of capacity and autoclaved at 121^0C for 20 min. The babassu oil and pyrene were added directly from stock solutions to give the final concentrations of 62.5ml l^{-1} and 10 mgl^{-1} respectively. Controls flasks as abiotic conditions were used.

The flasks were incubated in dark conditions on a rotary shaker at 150 rpm and 28^0 C for 5 days. Aliquots were collected for growth profile and pH measurements. Growth of organisms in the media was monitored by viable cells enumeration as CFU by quintuplicate spread plating of serially diluted samples on YMA. Plates were incubated at 28^0 C for approximately 5 days prior to colony counting. The pH was measured using a pH meter Orion, model 310.

2. 4. Estimation of kinetics parameters Specific rate coefficients, (μ) were estimated by log transformed CFU-versus-time profiles.

2. 5. Analytical methods

2. 5. 1. Measurement of pyrene remotion The pyrene remotion was accompanied by monitoring the disappearance of pyrene in the media versus abiotic controls**.**

2. 5. 2. Chromatography evaluation After 5 days of incubation, the cultures were centrifuged to remove cells and the supernatants were extracted three times with ethyl acetate (1:1, v/v). The extracts were dried over anhydrous sodium sulfate and evaporated to partial dryness with a rotary evaporator. After dissolved in acetone the extracts were applied to Thin Layer Chromatograph plates (Silica gel plates $60F_{254}$ Merck). The plates were developed in benzene and then exposed to UV light. Bands that fluoresced strongly under UV light (254nm) were scraped off the plates, redissolved in acetone, and filtered through a Millipore 0,02μm-pore-size filter. The filtrates were evaporated and the residue was dissolved in acetonitrile and analysed by High Performance Liquid Chromathography (HPLC).

2. 5. 3. High Performance Liquid Chromathography Reverse-phase HPLC was performed on a Varian liquid chromatograph system comprising a solvent delivery system, and a variable-wavelength UV-visible light detector; and this system was controlled by Varian Star chromatographic software (version 4.01). Acetone-dissolved extracts of tests and controls were appropriately diluted and injected onto a C_{18} column. The mobile phase consisted by acetonitrile and the flow rate was 1.0 ml $min^{-1.}$ Compounds in the eluate were detected at 254 nm. The results are expressed as the percentage of pyrene remaining relative to abiotic controls after 5 days of incubation.

3. Results

3. 1. Growth on liquid media

In previous work, media for surfactant production by *Candida lipolytica* were evaluated. The best and economic medium was choose in a factorial design study performed and this medium was modified to observed the growth and ability to remove pyrene at concentration of 10 mgl^{-1} by yeast *Candida lipolytica* UCP 00065. The medium which consisted of yeast extract 5,5 gl^{-1}, urea 3,75 gl^{-1}, and potassium phosphate 5,5 gl^{-1}, was used as the basal medium. Five different media have been used in order to obtain the most efficient conditions in substrate interactions involving co-metabolism of this recalcitrant compound (Table1). *Candida lipolytica* has showed ability to degrade water immiscible compounds like edible oils and surfactants production [17] and was the best conditions of degradated crude oil [18]. The babassu oil is a food grade without preservatives utilized in culinary of the north region of Brazil and it is a substrate inexpensive and plentiful for use as insoluble carbon source.

In the medium I, the basal medium was supplemented with babassu oil as carbon source, added of 10 mgl^{-1} of pyrene (Table 1), the yeast showed an inhibition of growth, by a killing curve (Fig. 1). With these substrate there was no microbial growth over the course of the transformation, that decaying over time. The exponential 'death' rate was not calculated.

When growth in medium II with glucose as a primary substrate and babassu oil as carbon sources and pyrene the non-growth substrate, the yeast showed normal batch kinetics and attained a cell density of approximately $1.8x10^{8}$ $cells/ml^{-1}$ at 72 hours of fermentation. Microbial growth on 10 mg l^{-1} of pyrene had specific growth rate (μ) of 0.051 h^{-1} and generation time (g) of 13.5 hours. The cell growth and pH profile of the yeast in medium II utilizing glucose together with babassu oil on pyrene removal were shown in (Fig 2).

Figure 3 demonstrated the growth curve of *Candida lipolytica* utilizing sucrose and babassu oil as carbon sources in pyrene removal in medium III. In this experiment, two distinct exponential growth phases were clearly observed. During the first exponential growth period when sucrose was utilized the medium had specific growth rate (μ) of 0.04 h^{-1} and generation time (g) of 17.32 hours. In the second exponential phase growth the values were μ = 0.014 h^{-1} and generation time (g) of 49.5 hours. The pH of the medium increased to 7.3 after 24 hours and was decreasing at the end to 6.8 (Fig. 3).

In medium IV, added of glucose and babassu oil and non-growth substrate pyrene. The cells numbers were decreasing from the inicial period of fermentation until 72h indicated that lag phase increased. After this time, the number of viable cells increased during a 24 h period after that decreased at the end of experiment (Fig. 4).

In this growth period was observed a specific growth rate of μ= 0.032 h^{-1} and generation time (g) of 21.5 hours. The growth profiles show a lag phase (defined as the time during which the cells numbers does not increase) of several days.

The medium V had been supplemented with sucrose, babassu oil and pyrene (Table 1). After the inoculation of experiments the growth of *Candida lipolytica* demonstrated a decrease in cells viable numbers until 72 hours like medium IV. After this time, the cell growth increased until at the end of fermentation (5 days). The specific growth rate μ = 0.048 h^{-1} and generation time (g) of 14.4 hours (Fig. 5).

3. 2. Remotion of pyrene in liquid culture

The pyrene remotion rate at the end of the linear-decrease of growth curve was 99.02% for the medium I, this rate was the best attained in this work. In medium II the rate of pyrene removed was 95.78%, after the 5 days of incubation. The pyrene remotion rate at the of fermentation of medium III indicated a percentage of 91.78 of remotion in supernatant of the culture. In media IV and V the percentage of pyrene remaining in liquid culture were 2.49 and 3.13 and the pyrene remotion were 97.51 and 96.87, respectively (Table 2).

4. Discussion

During the growth in medium I was observed the highest rate of pyrene remotion in comparison with the others media. The percentage of pyrene remotion was 99.02 in a exponential 'death' curve (Fig. 1), indicating that resting cells of the yeast promoted adsorption of the hydrocarbon onto cell surface. Cells walls of yeasts contain polysaccharides as basic building blocks which have ion exchange properties, and also proteins and lipids that can accentuate the biosorption process by proffering active sites of functional groups to binding pyrene molecules [13]. In this medium the non-growth substrate (pyrene) itself exerts an inhibitory effect on this own transformation in the presence of the growth substrate (babassu oil).

Thus, it has been reported that the immediate 4-chlorophenol (4-CP) by phenol-assimilating resting cells of yeast *Candida maltosa* and ascribed it to absorption onto cell surface [19]. However, the exact reason(s) is unclear. The ability of yeast biomass to remove and accumulate heavy metals [20], and reactive dyes that are typically azo-based chromophores, has been recognize. Batch studies were conduced with different kinds of yeasts, and *Candida lipolytica* exhibited the highest dye uptake capacity, indicating the adsorptive properties of this microorganism [13]. Nevertheless, adsorption of hazardous organic compounds by

microorganisms has been rarely studied, the results obtained in a work [21], showed that dead biomass of microorganisms could remove 1,2,3,4-tetrachlorodibenzo-p-dioxin and polychlorinated dibenzofurans molecules from the medium more effectively than live cells. The biosorption of various hazards organic pollutans by inactive biomass of *Rhizopus arrhizus* has been studied [22]. Our results are similar to obtained by others authors [23], that observed in a kinetic study of phenanthrene that rapid decrease of phenanthrene concentration in medium was due to its assimilation by the cells or its adsorption to the cell wall. It was further confirmed that the assimilated or adsorbed phenanthrene was completely utilized by the *Pseudomonas mendocina* cells after 60 h of incubation. In the same study, the microbial growth on 20mgl^{-1} had a specific growth rate (μ) of 0.038 h^{-1} and a generation time of 18.3 hours, in a mineral basal medium supplemented with phenanthrene as carbon sources. This results shows a similar numbers of growth kinetics of medium III, in this first phase of exponential growth (Fig. 2). In the experiment with medium II with glucose as a primary substrate and babassu oil as carbon sources and pyrene the non-growth substrate, the yeast removed 95.78% of pyrene (Table 2). In this conditions the yeast shows a higher cell growth in a minor generation time because used the two carbon sources. In this medium the pyrene a toxic compound do not show inhibition effects in yeast growth behavior, but exhibit a prolonged exponential phase. We attributed this effect to the toxicity of non-growth substrate or its transformation products, that may be resulted in the injury of some cellular components. These observations were corroborated in intensive studies of co-metabolism of trichloroethylene (TCE). It has been found that co-metabolism of TCE lead to cells inativation, but the oxidation of growth substrate can facilitate the recovery from cell inativation by providing energy for 'de novo' protein synthesis [15].

In the medium III, *Candida lipolytica* grows utilizing sucrose and babassu oil as carbon sources soluble and insoluble, respectively. Here, in this experiment, two distinct exponential growth phases were clearly observed. During the first exponential growth period when sucrose was utilized the yeast growth shows a specific growth rate (μ) higher than the second phase, and a minor generation time (g). In contrast, the second exponential phase growth the values of (μ) were decrease and generation time (g) of 49,5 hours. The results of this batch culture shows that the presence of pyrene has a negative impact over the growth of the yeast, the lag phase increased and the growth rate decrease. This was probably due to adaptation of the insoluble substrates babassu oil and pyrene remotion and enzymatic synthesis. As demonstrated in Fig. 3, the pH medium increased to 7.3 after 24 hours and was decreasing at the end of fermentation to 6.8. The remotion rate of pyrene was 91.78%. Here, we observed that glucose as soluble carbon source used in medium II demonstrated more efficiency in pyrene remotion than sucrose, used in medium III. In a study on co-metabolism of 4-chlorophenol (4-cp) by *Pseudomonas putida* ATCC 49451 in a presence of phenol and a conventional carbon source, sodium glutamate, was demonstrated a new biphasic cell growth pattern characterized by two exponential growth phases separately by an intermediated lag phase [14]. The authors believes that this biphasic growth pattern results from the toxicity disparity of 4-chlorophenol-degrading enzyme and sodium glutamate-degrading enzymes activities. They concluded that this growth processes involves inhibition among substrates, inactivation of the cells due to the toxicity of 4-cp, and the recoverability of the cells in response to inactivation. Based on this, we ascribed that the prolongated lag phase exhibited by the medium IV was probably similar mechanisms of degradation of insoluble substrates, babassu oil and pyrene.

A set of experiments on the toxicity of polycyclic aromatic hydrocarbons on microorganisms demonstrated that amounts of naphthalene, 2-methylnaphthalene, pyrene and others result in an increased lag phase and lowered growth rate of two marine bacteria growing on these compounds confirming our results [24]. However, the polycyclic aromatic hydrocarbons are expected to have a specific toxic effects on cells, although this effect may be negligible in comparison with the toxic potential of oxidized derivatives of these compounds [25]. Recent studies on the specific toxicity of naphthalene, biphenyl, anthracene, phenanthrene and others, performed with liposomes as a model system, showed that in the absence of mass transfer limitation, and these compounds do affected the energy transduction throught the membranes [26].

About the medium V, have been supplemented with the soluble substrate sucrose and insoluble babassu oil and pyrene (Table 1). After the inoculations of experiments the growth of *Candida lipolytica* demonstrated a decrease in cells viable numbers until 72 hours like occurred as medium IV (Fig. 4). After this time, the cells numbers increased until at the end of experiments (Fig.5). The pyrene removal rate was 96.87% (Table 2), a inferior value in comparison with medium IV, that presented a mixture of subtrates: soluble, sucrose and insoluble the babassu oil. Similary, both media exhibit a prolongated lag phase, after that the yeast growth increased at the end of assays, in contrast with medium IV, that exhibit only a phase of growth of 24 hours (Fig. 5). In respect to the growth kinetics, medium V, shows a higher specific growth rate (μ) and generation time of 14.43 hours, best condition of growth than medium IV, but the remotion rate of pyrene was inferior .

In some previous studies about this subject, the results are similar to ours. The extent of lag phase exhibit by the yeast possible is due to adaptation period that involve the synthesis ‘de novo’ of enzymes of the cells in presence of pyrene [27]. Recently, some studies have focused about the

ability of yeasts to grow and transformed aromatic compounds is common [28,29], and the cleavage of aromatic structure of the dioxin-like compound dibenzofuran, was characterized by yeast *Trichosporum mucoides* [30]. The use of edible oils such as corn, soy bean, safflower and sunflower oils were used to growth and biosurfactant production by yeast *Torulopsis bombicola* [31] and babassu and corn oil were used as carbon source by *Candida lipolytica* to biosurfactant production [17,32]. Thus, this oils are considered by us a growth substrate. The cells using both substrates, oil and sugar simultaneously, evidently by mutually exclusive mechanisms, thereby achieving increased growth and productivity of antibiotics. The use of oils as carbon sources was for economics reasons, was described in a experiment [33].

However, because the fate of pollutants in the environment is a concern, is important to describe that these are affected by the presence of easily degradable carbon sources and microorganisms utilize a variety of carbon and energy substrates simultaneously: a phenomenon referred to as mixed substrate growth. It is generally considered that a step towards understanding these complex interations: the degradation of mixtures of glucose (an easily degradable substrate) and 3- phenylpropionic acid (3-ppa) (a model pollutant) by *Escherichia coli* ML30. The results indicated that two substrates were always consumed simultaneously [34]. This results are similar to others authors cited in this work. Results previously described, that biosurfactants were produced by *Pseudomonas aeruginosa* 19SJ growing on naphthalene or phenanthrene. This production was observed when cells grown on soluble substrates, such as mannitol or dextrose or on poorly soluble PAHs. The results indicated that an accumulation of naphthalene degradation metabolites was observed when concentrations of biosurfactants in the medium started to increase abruptly. This can be explained by the increasing amount of available naphthalene due to the solubilizing effect of biosurfactants in medium [35]. Similar effects observations in presence

of synthetic surfactants have been reported [36]. We suggest that the high rate of pyrene removal could also be explained by the solubilizing effect of biosurfactants that probably were produced by *Candida lipolytica* in this substrates.

A recent research was to investigate polycyclic aromatic hydrocarbons sorption by bacterial biomass and examine the relationship between PAH biosorption and biodegradation. In this study phenanthrene was used for biosorption studies and pyrene and fluoranthene were used in biodegradation studies. The results suggested that although biosorption can decrease the rate of PAH biodegradation in short term, it can also result in the removal of PAHs. The PAH sorption by the tested bacteria involves a surface adsorption phenomenon rather that a non-specific partitioning into the bacterial cell [37].

However, the use of multiple-substrate utilization by anthracene-degrading *Mycobacterium frederiksbergense* LB501T, were evaluated. The results revealed that this bacteria degrades anthracene and forms biomass from it even in the presence of more readily available dissolved glucose. The capacity of this bacteria to utilize available substrates besides the poorly available PAHs favors the buildup of PAH-degrading biomass. Feeding of supplementary carbon substrates may therefore promote bioremediation, provided that it sustains the pollutant-degrading population rather than other members of the microbial community [38]. The medium I show the higher rate of pyrene removal in cells in decaying phase of growth suggesting that probably occurred the biosortion of this compound by the yeast cells. The yeast biomass may be used as a low-cost, natural and abundant source biosorbent of pollutants compounds. Another works corroborate our results [22,39]. Because the importance of maximing rates of degradation/ remotion in the bioremediation of contaminated sites, further research is required to determine

the relatives roles of biosorption and biodegradation and the microbial physiology of those processes. The strong correlation between carbon sources in the media and the rate of pyrene remotion suggests improved monitoring techniques in future bioremediation applications.

ACKNOWLEDGEMENTS The authors are gratefully to Brazilian agencies CNPq, CNPq/CTPETRO, FINEP/CTPETRO UNICAP and LAPA, for financial support.

References

[1] White, K. L. (1986) An overview of immunitoxicology and carcinogenic polycyclic aromatic hydrocarbons. Environ. Carcinog. Rev. C4: 163-202.

[2] Dean-Ross, D., Moody, J. and Cerniglia, C. E. (2002) Utilization of mixtures of polycyclic aromatic hydrocarbons by bacteria isolated from contaminated sediment. FEMS Microbiol. Ecol. 41, 1-7.

[3] Ururahy, A. F. P., Marins, M. D. M., Vital, R. L., Gabardo, I. T. and Pereira Jr. N. (1998) Effect of aeration on biodegradation of petroleum waste. Rev. Microbiol. 29, 254-258.

[4] Ravelet, C., Krivobok, S., Sage, L. and Steiman, R. (2000) Biodegradation of pyrene by sediment fungi. Chemosphere 40, 557-563.

[5] Vila, J., López, Z., Sabaté, J., Minguillón, C., Solanas, A. M.and Grifoll, M. (2001) Identification of a novel metabolite in the degradation of pyrene by *Mycobacterium* sp. strain AP1: actions of the isolate on two-and three-ring polycyclic aromatic hydrocarbons. Appl. Environ. Microbiol. 67, 5497-5505.

[6] Kazunga, C. Aitken, M. D., Gold, A. and Sangaiah, R. (2001) Fluoranthene-2,3- and –1,5- diones are novel products from the bacterial transformation of fluoranthene. Environ. Sci. Technol. 35, 917-922.

[7] Herwijnen, R.van, Wattiau, P., Bastiaens, L., Daal, L., Jonker, L., Springael, D., Govers, H. A. J. and Parsons, J. R. (2003) Elucidation of the metabolic pathway of fluorene and cometabolic pathways of phenanthrene, fluoranthrene, anthracene and dibenzothiophene by *Sphingomonas* sp. LB126. Res. Microbiol. 154, 199-206.

[8] Heitkamp, M. A.; Freeman, J. P.; Miller, D. W. and Cerniglia, C. E. (1988) Pyrene degradation by a *Mycobacterium* sp.: identification of ring oxidation and ring fission products. Appl. Environ. Microbiol. 54, 2556-2565.

[9] Dagher, F., Déziel, E., Lirette, P., Paquette, G., Bisaillon, J. G. and Villemur, R (1997) Comparative study of five polycyclic aromatic hydrocarbon degrading bacterial strains isolated from contaminated soils. Can. J. Microbiol. 43, 368-377.

[10] Stringfellow, W. T. and Aitken, M. D. (1995) Competitive metabolism of naphthalene, methylnaphthalenes, and fluorene by phenanthrene-degrading Pseudomonads. Appl. Environ. Microbiol. 61, 357-362.

[11] Boldrin, B., Tiehm, A. and Fritzsche, C. (1993) Degradation of phenanthrene, fluorene, Fluoranthene, and pyrene by a *Mycobacterium* sp. Appl. Environ. Microbiol. 59, 1927-1930.

[12] Alexander, M. (1994). Biodegradation and Bioremediation. Academic Press. p. 302.

[13] Aksu, Z. and Dönmez, G. (2003) A comparative study on the biosorption characteristics of some yeasts for Remazol Blue reactive dye. Chemosphere 50, 1075-1083.

[14] Wang, S-J., Loh, K-C. and Chua, S. S. (2003) Prediction of critical cell growth behavior of *Pseudomonas putida* to maximize the cometabolism of 4-chlorophenol with phenol and sodium glutamate as carbon sources. Enzyme Microb. Technol. 32, 422-430.

[15] Hyman, M.R., Russell, S. A., Ely, R. L., Williamson, K. J. and Arp, D. J. (1995) Inhibition, inactivation, and recovery of ammonia-oxidizing activity in cometabolism of trichloroethylene by *Nitrosomonas europaea.* Appl. Environ. Microbiol. 61, 1480-1487.

[16] Cirigliano, M. C. and Carman, G. M. (1984) Isolation of a Bioemulsifier from *Candida lipolytica.* Appl. Environ. Microbiol. 48, 747-750.

[17] Vance-Harrop, M. H.; Gusmão, N. B. and Campos-Takaki, G.M. (2003) New bioemulsifiers produced by *Candida lipolytica* using D-Glucose and babassu oil as carbon sources. Brazilian J. Microbiol. 34, 120-123.

[18] Zinjarde, S. S. and Pant, A. A. (2002). Hydrocarbon degraders from tropical environments. Mar. Pollut. Bull. 44, 118-121.

[19] Polnisch, E., Kneifel, H., Franzke, H. and Hofmann, K. H. (1992) Degradation and dehalogenation of monochlorophenols by the phenol-assimilating yeast *Candida maltosa.* Biodegradation 2, 193-199.

[20] Dönmez, G. and Aksu, Z. (2001) Bioaccumulation of Copper(II) and Nickel(II) by the non-adapted and adapted growing *Candida* sp. Water Res. 35, 1425-1434.

[21] Hong, H-B., Hwang, S-H., Chang, Y-S. (2000). Biosorption of 1,2,3,4-tetrachlorodibenzo-p-dioxin and polychlorinated dibenzofurans by *Bacillus pumilus*. Water Res. 1, 349-353.

[22] Tsezos, M. and Bell, J. P. (1989) Comparison of the biosorption and desorption of hazardous organic pollutants by live and dead biomass. Water Res. 5, 561-568.

[23] Tian, L., Ma, P. and Zhong, J-J. (2002) Kinetics and key enzymes activities of phenanthrene degradation by *Pseudomonas mendocina.* Process Biochem. 37, 1431-1437.

[24] Calder, J. A. and Lader, J. H. (1976) Effect of dissolved aromatic hydrocarbons on the growth of marine bacteria in batch culture. Appl. Environ. Microbiol. 32, 95-101.

[25] Cerniglia, C. E. and Gibson, D. T. (1980) Fungal oxidation of benzo[a]pyrene and (±)-trans-7,8-dihydroxy-7,8-dihydrobenzo[a]pyrene. J. Biol. Chem. 255, 5159-5163.

[26] Sikkema, J., de Bont, J. A. M. and Poolman, B. (1994) Interactions of cyclic hydrocarbons with biological membranes. J. Biol. Chem. 269, 8022-8028.

[27] Guerin, W. F. and Boyd, S. A. (1995) Maintenance and induction of naphthalene degradation activity in *Pseudomonas putida* and an *Alcaligenes* sp. under different culture conditions. Appl. Environ. Microbiol. 61, 4061-4068.

[28] Middelhoven, W. J. (1993) Catabolism of benzene compounds by ascomycetous and basidiomycetous yeasts and yeastlike fungi. Antoine Leeuwenhoek 63, 125-144.

[29] Hofmann, K. H. and Schauer, F. (1988) Utilization of phenol by hydrocarbon assimilating yeasts. Antoine Leeuwenhoek 54, 179-188.

[30] Hammer, E., Krowas, D., Schäfer, A., Specht, M., Francke, W.and Schauer, F. (1998) Isolation and characterization of a dibenzofuran-degrading yeast: identification of oxidation and ring cleavage products. Appl. Environ. Microbiol. 64, 2215-2219.

[31] Cooper, D. G. and Paddock, D. A. (1984) Production of a biosurfactant from *Torulopsis bombicola.* Appl. Environ. Microbiol. 47, 173-176.

[32] Vance-Harrop, M. H.; Sarubbo, L. A.; Carneiro da-Cunha, M. G.; Buarque de Gusmão, N., and Campos-Takaki, G. M. (1999) Produção de biossurfactante em meio de cultura de baixo custo suplementado com óleo de milho por *Candida lipolytica.* Rev. SymposiuM 2, 23-27.

[33] Peacock, L., Ward, J., Ratledge, C., Dickinson, F. M. and Ison, A. (2003) How *Streptomyces lividans* uses oils and sugars as mixed substrates. Enzyme Microb. Technol. 32, 157-166.

[34] Kovářová, K., Käch, A., Zehnder, A. J. B. and Egli, T. (1997) Cultivation of *Escherichia coli* with mixtures of 3-phenylpropionic acid and glucose: steady-state growth kinetics. Appl. Environ. Microbiol. 63, 2619-2624.

[35] Déziel, E.; Paquette, G. Villemur, R.; Lépine, F. and Bisaillon, J-G. (1996) Biosurfactant production by a soil *Pseudomonas* strain growing on polycyclic aromatic hydrocarbon. Appl. Environ. Microbiol. 62, 1908-1912.

[36] Tiehm, A. (1994) Degradation of polycyclic aromatic hydrocarbons in the presence of synthetic surfactants. Appl. Environ. Microbiol. 60, 258-263.

[37] Stringfellow,, W.T. and Alvarez-Cohen, L. (1999) Evaluation the relationship between the sorption of PAHs to bacterial biomass and biodegradation. Water Res. 33, 2535-2544.

[38] Wick, L. Y., Pasche, N., Bernasconi, S. M., Pelz, O. and Harms, H. (2003). Characterization of Multiple-Substrate Utilization by Anthracene-Degrading *Mycobacterium frederiksbergense* LB501T. Appl. Environ. Microbiol. 69, 6133-6142.

[39] Shiosaki, R. K., Okada, K., Albuquerque, C.D., Barros Neto, B., and Campos-Takaki, G.M. (2003) Remotion of pyrene by *Rhizopus arrhizus* using a factorial design. Proc. Eur. Biorem. Conf. 2, 107-110.

Table 1. Composition of media used for biodegradation of pyrene by *Candida lipolytica.*

Compounds[a]	g/l	Media				
		I	II	III	IV	V
Yeast extract	5.5	X	X	X	X	X
Urea	3.75	X	X	X	X	X
Potassium phosphate	5.5	X	X	X	X	X
Glucose	10.0	-	X	-	X	-
Sucrose	10.0	-	-	X	-	X
Babassu oil	62.5	X	-	-	X	X
Pyrene	0.01	X	X	X	X	X

[a] X denotes the presence of the compound.

Table 2. Remotion of pyrene by *Candida lipolytica* during the growth in different media.

	Pyrene (%)[a]		Growth kinetics	
Medium	Remaining	Remotion	$\mu\ h^{-1}$ [b]	g (hours)[c]
I [e]	0.98	99.02	[d]	[d]
II [f]	4.22	95.78	0.051	13.58
III [g]	8.22	91.78	0.040	17.32
IV [h]	2.49	97.51	0.032	21.65
V [i]	3.13	96.87	0.048	14.43

[a] Percentage remaining was calculated relative to uninoculated controls after 5 days of incubation.

[b] Specific growth rates (μ) expressed in hours.

[c] generation time (g) expressed in hours.

[d] The exponential 'death' rate was not calculated.

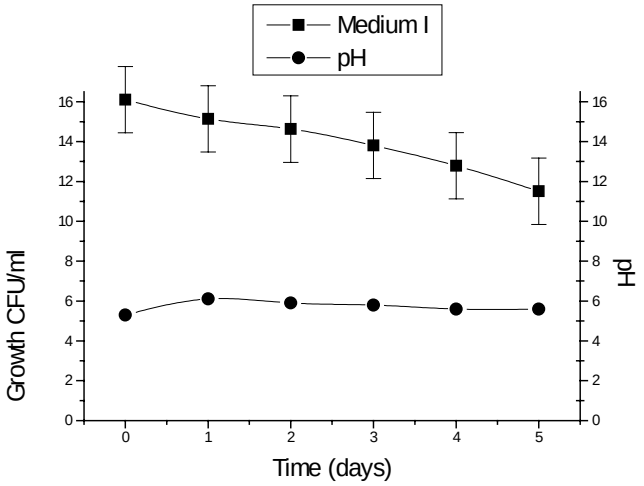
[e] Basal medium supplemented with babassu oil and pyrene.

[f] Basal medium supplemented with glucose and pyrene.

[g] Basal medium supplemented with sucrose and pyrene.

[h] Basal medium supplemented with glucose, babassu oil and pyrene.

[i] Basal medium supplemented with sucrose, babassu oil and pyrene.



. **Figure 1.** Profile of cell growth and pH of *Candida lipolytica* in medium I (yeast extract 5,5 gl^{-1} , urea 3,75 gl^{-1}, potassium phosphate 5,5 gl^{-1}) supplemented with babassu oil 62,5 ml l^{-1} , and pyrene 10mg l^{-1}.
Symbols: ● pH determinations. ■ The growth studies were performed by colony forming units per ml^{-1} . Errors bars indicate the standard deviation on three independent experiments.

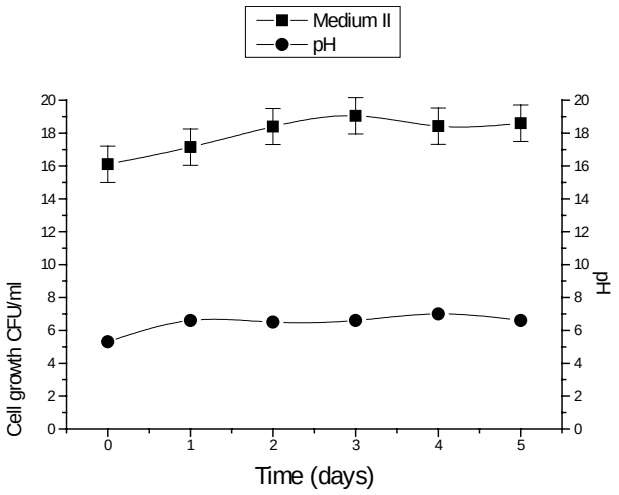


Figure 2. Profile of cell growth and pH of *Candida lipolytica* in medium II (yeast extract 5,5 gl^{-1}, urea 3,75 gl^{-1}, potassium phosphate 5,5 gl^{-1}) supplemented with D-glucose 10 gl^{-1}, and pyrene 10mg l^{-1}.
Symbols: ● pH determinations. ■ The growth studies were performed by colony forming units per ml^{-1}. Errors bars indicate the standard deviation on three independent experiments.

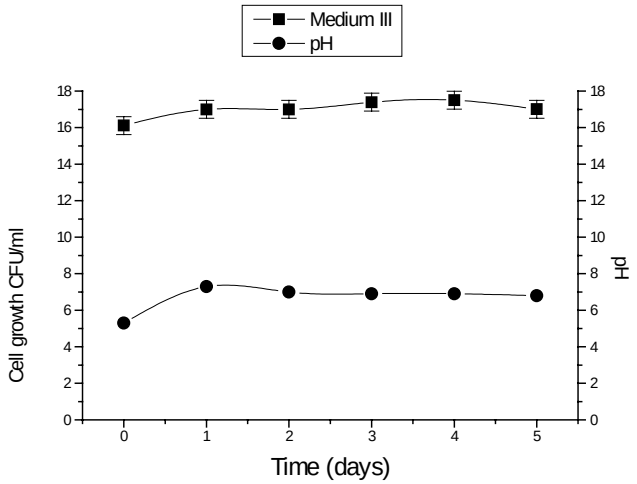


Figure 3. Profile of cell growth and pH of *Candida lipolytica* in medium III (yeast extract 5,5 gl^{-1} , urea 3,75 gl^{-1}, potassium phosphate 5,5 gl^{-1}) supplemented with sucrose 10 gl^{-1} , and pyrene 10mg l^{-1}.
Symbols: ● pH determinations. ■ The growth studies were performed by colony forming units per ml^{-1} . Errors bars indicate the standard deviation on three independent experiments.

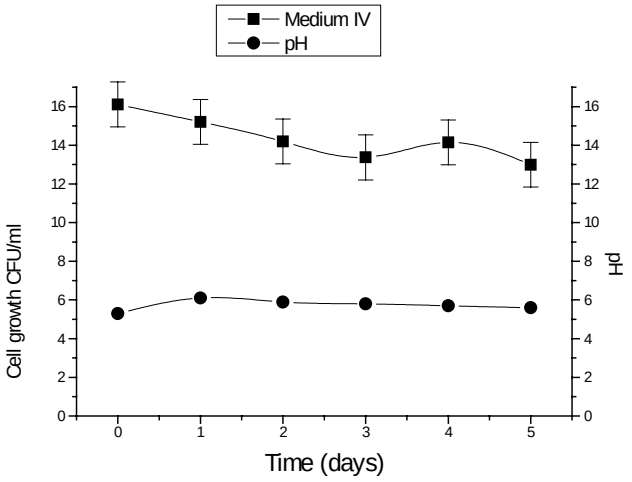


Figure 4. Profile of cell growth and pH of *Candida lipolytica* in medium IV (yeast extract 5,5 gl^{-1} , urea 3,75 gl^{-1}, potassium phosphate 5,5 gl^{-1}) supplemented with D-glucose 10 gl^{-1} , babassu oil 62,5 ml l^{-1} and pyrene 10mg l^{-1}.
Symbols: ● pH determinations. ■ The growth studies were performed by colony forming units per ml^{-1} . Errors bars indicate the standard deviation on three independent experiments.

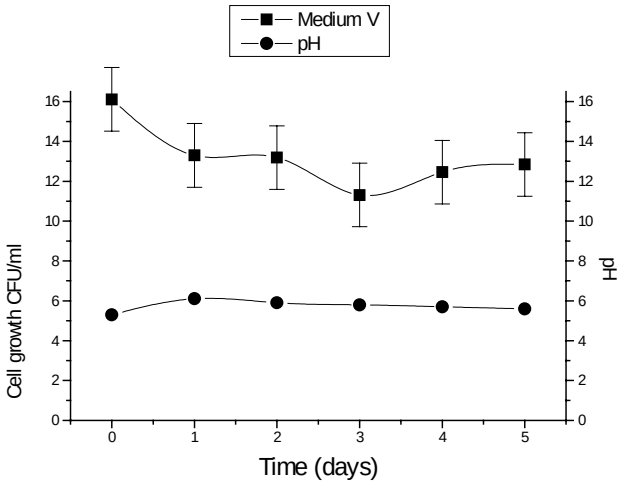


Figure 5. Profile of cell growth and pH of *Candida lipolytica* in medium V (yeast extract 5,5 gl^{-1} , urea 3,75 gl^{-1}, potassium phosphate 5,5 gl^{-1}) supplemented with sucrose 10 gl^{-1} , babassu oil 62,5 ml l^{-1} and pyrene 10mg l^{-1}.
Symbols: ● pH determinations. ■ The growth studies were performed by colony forming units per ml^{-1} . Errors bars indicate the standard deviation on three independent experiments.

CAPÍTULO IV

Biossorção do Pireno por *Candida lipolytica* Imobilizada

Manuscrito a ser submetido para publicação no:
Brazilian Journal of Microbiology, Sociedade Brasileira de Microbiologia.

Biossorção do Pireno por *Candida lipolytica* Imobilizada

Vance-Harrop, M.V [1]., Gusmão, N. B[2]., Shiosaki, R. K[3]., Ambrosio, S.T. [4] ,& Campos-Takaki, G. M.[5]

[1] Doutorado em Biologia de Fungos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brasil

[1] LAPA/Recife, Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento.

[2] Departamento de Antibióticos, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brasil

[3] Doutorado em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco, Brasil

[4] Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 50670-420 Recife-Pernambuco

[5]Departamento de Química e Núcleo de Pesquisas em Ciências Ambientais,
Universidade Católica de Pernambuco, 50050-590 Recife-Pernambuco, Brasil

Resumo

A biossorção do pireno (derivado do petróleo) foi estudada, utilizando biomassa de *Candida lipolytica* imobilizada em álcool polivinil como matriz inerte. A biomassa imobilizada correspondeu a três concentrações (100, 200, e 300 mg) e o pireno teve como concentração inicial 10mg l^{-1}. A biomassa imobilizada foi empacotada em coluna de vidro e a taxa de eluição foi de 3ml min^{-1}. As frações obtidas foram analisadas por cromatografia em camada delgada e por cromatografia líquida de alta eficiência. A capacidade máxima de biossorção do pireno foi de 86,91, 44,62 e 29,43 mg g^{-1}, respectivamente, para 100mg, 200mg e 300mg de biomassa.

Palavras-chave: Biossorção, Imobilização, *Candida lipolytica,* Pireno.

Introdução.

Biossorção é um termo freqüentemente usado para descrever a sorção e acumulação de produtos químicos por microrganismos. Os mecanismos envolvidos neste processo de acumulação são possivelmente a adsorção na superfície celular ou a absorção por vários componentes intracelulares (8). Nas sociedades modernas, vem aumentando o número de compostos orgânicos danosos eliminados no ambiente, entre estes os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, que são potencialmente mutagênicos e carcinogênicos. A maioria destes compostos está principalmente em resíduos de indústrias, como as de papel, borracha sintética, refinarias de petróleo, tecidos, plásticos e medicamentos (13).

Entre estes compostos estão metais pesados, corantes e derivados aromáticos do petróleo, tratados por métodos de degradação biológica, como adsorção por carbono ativado, extração por solventes, que são tratamentos técnicos de alto custo e impraticáveis, devido à utilização de outros produtos químicos, que também pode causar danos ambientais (2). Microrganismos, como bactérias, fungos e algas podem ser utilizados para remover estes poluentes em soluções aquosas, através da biossorção. No entanto, a biossorção de compostos aromáticos por microrganismos tem sido pouco estudada. Alguns trabalhos realizados sugerem que este processo está associado a alterações nas estruturas da membrana celular pelos compostos e pela interferência nas funções biológicas da membrana (20).

O principal interesse por este processo de biossorção é o baixo custo e a possibilidade de altas taxas de remoção. Devido ao fato de que os poluentes orgânicos hidrofóbicos demonstrarem uma alta tendência a sua acumulação sobre as células microbianas, a biomassa pode ser utilizada como um adsorvente de origem biológica para a remoção de baixas concentrações de compostos orgânicos danosos a saúde (4).

Células vivas e mortas podem ser usadas na remoção de poluentes orgânicos tóxicos. No entanto, a manutenção da biomassa viável durante este processo, apresenta algumas dificuldades, como a necessidade de suplementação com nutrientes e a prevenção de sua toxicidade para os microrganismos. O uso de células mortas na biossorção é mais vantajoso visto que a biomassa não será afetada por resíduos tóxicos e poderá ser regenerada para reutilização (16).

Foi observado anteriormente (17), que a quantidade de poluentes orgânicos acumulados por biomassa microbiana morta foi maior que a acumulação por células vivas. Contudo, o uso de biomassa inativada em forma de pó apresenta alguns problemas como a dificuldade na separação da biomassa após a biossorção e a perda de massa após a adsorção. Portanto, torna-se necessária a utilização de uma matriz polimérica como material de suporte (3). Quando a biomassa é imobilizada, os números de sítios de ligação são facilmente acessíveis aos poluentes em solução, os quais são removidos. O uso de álcool polivinil (PVA) como suporte para imobilização foi iniciado há cerca de 10 anos. O PVA é uma matéria prima de vinylon que é produzido industrialmente com facilidade e em grande quantidade. O PVA oferece também varias vantagens sobre os métodos de imobilização convencionais, como baixo custo, alta durabilidade, estabilidade química e, principalmente, não é tóxico para células viáveis (7,12). Poucos trabalhos a respeito da degradação de compostos tóxicos em resíduos industriais, em células imobilizadas, têm sido encontrados na literatura (11, 19). Entre as leveduras, *Candida utilis* foi estudada quanto a sua habilidade na sorção de vários metais pesados, em células intactas e desidratadas, revelando resultados diferentes para cada tipo de metal e tratamento celular (14).

Este trabalho descreve a remoção do hidrocarboneto aromático policíclico pireno, pela biomassa de *Candida lipolytica* imobilizada em álcool polivinil.

Materiais e métodos

Microrganismo

Candida lipolytica UCP 0065, utilizada neste trabalho, foi mantida em tubos de ensaio contendo Yeast Mold Agar (YMA) , a 4^0C, durante a realização deste trabalho (9).

Meio de cultura e condições de cultivo para o preparo da biomassa

O inóculo para a produção da biomassa foi obtido a partir do YMA. A levedura foi inoculada em Yeast Mold Broth (YMB) e incubada a 28^0C, sob agitação orbital de 150 rpm, durante 24 horas. O meio utilizado para a produção de biomassa foi extrato de malte a 3%. Foram utilizados frascos de Fernbach com capacidade para 2.800 ml contendo 500 ml do meio. O pH foi ajustado em 5.3 e esterilizado. Após a inoculação de 5% de uma suspensão de células com concentração de 10^7 cél./ml os meios foram incubados sob agitação orbital de 150 rpm. Após 48 horas quando as células alcançaram o fim da fase exponencial do crescimento, foram separadas por centrifugação a 1.200x g durante 15 minutos e lavadas 3 vezes em água destilada deionizada. Após este procedimento as células foram liofilizadas.

Imobilização da biomassa

Dois gramas de álcool polivinil foram dissolvidos em 20 ml de água deionizada, a 80^0C logo após 3-5 ml de álcool etílico foram adicionados. A solução do polímero foi resfriada a temperatura ambiente, colocada em agitador magnético durante 16 horas para facilitar a polimerização. Em seguida, a biomassa da levedura foi adicionada em concentrações de 100, 200, e 300mg e homogeneizadas. A solução foi colocada em placas de Petri para secar e em seguida foi triturada em gral, até formar um pó. O pó foi colocado em água durante 3 horas e empacotada em colunas de vidro de 2.2x6 cm. Uma solução de pireno na concentração de $10mgl^{-1}$, foi eluída através da coluna com um fluxo de $3ml\ min^{-1}$. Após a adsorção completa da solução, foram adicionados 35 ml de água deionizada. Uma coluna com PVA foi utilizada como controle.

Extração líquido-líquido e análise em cromatografia em camada delgada (CCD) e cromatografia líquida de alta eficiência (CLAE)

As frações obtidas foram extraídas 3 vezes com acetato de etila. Em seguida, foi adicionada sulfato de sódio anidro para remover qualquer resíduo de água; filtrados e evaporados em roto-evaporador. O extrato obtido foi pré-purificado por CCD em placas de sílica gel (G Merck) utilizando-se como padrão uma solução de pireno. Os compostos foram visualizados através de luz UV (254 nm). Para as análises quantitativas, os compostos identificados nas placas de CCD foram raspados com o auxílio de uma espátula e solubilizados em 20 ml de acetona com pureza para CLAE, centrifugados e concentrados para análise. As amostras foram analisadas para a determinação da concentração residual do pireno, em CLAE, fase reversa, em um sistema Varian de cromatografia líquida consistindo de: coluna C_{18}, detector de UV-VIS modelo 320, sistema de liberação de solvente modelo 210. Este sistema foi controlado pelo software Varian Star (versão 5.31). A fase móvel utilizada foi a acetonitrila e os resultados foram expressos como o percentual de pireno residual.

Determinação da dessorção do pireno

A dessorção do pireno foi conduzida pela extração a partir da biomassa imobilizada utilizando acetato de etila por 3 vêzes. Em seguida os extratos obtidos foram analisados por CCD e CLAE para determinação da concentração do pireno residual e dessorvido.

Determinação da capacidade de biossorção do pireno (mg g^{-1})

A capacidade de biossorção do pireno pela biomassa de *Candida lipolytica* imobilizada em álcool polivinil, foi determinada pela medição da concentração do composto na fase aquosa antes e após o contato com o biosorvente e foi expressa de acordo com Jeon et al. (2002), através da seguinte fórmula:

$Q = C_i V_i - C_f V_f / m,$

onde Q é capacidade de sorção do pireno (mg g^{-1}), C_i é a concentração inicial do pireno (mg l^{-1}), V_i é o volume inicial (l^{-1}), C_f é a concentração final do pireno (mg l^{-1}), V_f é o volume final (l^{-1}), e m = a biomassa imobilizada inicial (g). Após a completa eluição da solução do pireno, o efluente da coluna foi coletado para as análises.

Resultados e Discussão

Em estudos previamente realizados, *Candida lipolytica* demonstrou alta capacidade de biossorção sob diferentes condições de cultivo (1). A presença do composto no eluente foi detectada em pequenas quantidades. A eficiência da coluna demonstrada nas figuras 1 e 2, onde a capacidade máxima de biossorção do pireno foi 86,91 mg g^{-1}, com a coluna preparada com 200mg de biomassa imobilizada mostrou a biossorção de 44,62 mg g^{-1} e a coluna contendo 300 mg apresentou uma capacidade máxima de 29,43 mg g^{-1}. Os valores em percentagem do pireno residual foram os seguintes, na coluna contendo 100 mg de biomassa imobilizada, apresentou 13,19% de pireno residual, a coluna com 200 mg, 10,85% e a coluna contendo 300 mg mostrou o percentual de 11,81. A dessorção do pireno apresentou um percentual de cerca de 2% indicando que ocorreu uma forte sorção pela biomassa. Trabalhando com biossorção de metais, alguns autores descreveram resultados similares aos deste estudo, encontrando a capacidade máxima de biossorção, na menor concentração de biomassa (18). A concentração do biosorvente tem sido descrito como um fator importante no processo de biossorção. Os resultados obtidos sugerem que a capacidade máxima de biossorção diminuiu quando a concentração de biomassa foi aumentada e este fenômeno parece ocorrer aos valores mais baixos de concentração de biomassa. Alguns autores, esclareceram este processo, hipotetizando que um aumento na concentração da biomassa, leva a uma interferência entre os sítios de ligação (10).

Estudos sobre a biossorção de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos em biomassa imobilizada não foram encontrados na literatura. No entanto, alguns autores relatam estudos utilizando a sorção com sorventes não biológicos, como bentonita ativada, para poluentes orgânicos nocivos, como compostos fenólicos (5).

Experimentos de biossorção foram conduzidos biomassa coletada em poço arenoso poluído por consecutivos derramamentos acidentais de fenol, 2-monoclorofenol, 2,4,6-triclorofenol e pentaclorofenol sob condições de biorremediação. Os resultados demonstraram que a biossorção destes compostos pela biomassa selvagem foi processada rapidamente em um período de aproximadamente duas horas (6). Contudo, estudos relataram que a biomassa morta de *Rhizopus arrhizus* alcançou uma alta biossorção de pentaclorofenol em relação a biomassa viva deste fungo. Células imobilizadas de *Trichosporon cutaneum* R57 em um sistema de resina (Amberlite HAD-4) mostraram grande habilidade em degradar compostos tóxicos em comparação com as células livres (2). Experimentos realizados com biomassa de *Bacillus insolitus* em alginato de sódio, demonstraram que em baixas concentrações de 2,4-diclorofenol (10-50 mg l^{-1}), a biomassa imobilizada mostrou uma alta remoção do composto do que as células de *B. insolitus* em suspensão (19). A investigação da biossorção do fenol por biomassa de *Aspergillus niger* em solução aquosa, foi realizada em uma coluna de polisulfona com uma concentração inicial de 1000 μg l^{-1} de fenol. Os resultados descritos, indicaram que aproximadamente 66% do fenol foi removido pela coluna, e a dessorção deste composto foi de aproximadamente 5% (15).

Os resultados destes experimentos demonstram que a biomassa de *Candida lipolytica* apresenta grande potencial de utilização como um biosorvente para a remoção de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, como o pireno. A aplicação de biomassa da levedura apresenta grande potencial por ser natural e abundante podendo ser utilizada para a remoção de compostos orgânicos tóxicos, em baixas concentrações ou após o tratamento físico-químico convencional.

AGRADECIMENTOS. Os autores agradecem as agências financiadoras CNPq, CNPq/CTPETRO, FINEP/CTPETRO, UNICAP, PRONEX e LAPA pelo suporte financeiro.

Referências.

1. Aksu, Z. and Dönmez, G. A comparative study on the biosorption characteristics of some yeasts for Remazol Blue reactive dye. Chemosphere 50: 1075-1083, 2003.
2. Aksu, Z.; Gönen, F. Biosorption of phenol by immobilized activated sludge in a continuous packed bed: prediction of breakthrough curves. Process Biochem., 39: 599-613, 2004.
3. Aksu, Z.; Gönen, F.; Demircan, Z. Biosorption of chromium (VI) ions by Mowital® B30H resin immobilized activated sludge in a packed bed: comparison with granular activated carbon. Process Biochem., 38: 175-186, 2002.
4. Aksu, Z.; Yener, J. Investigation of the biosorption of phenol and monochlorinated phenols on the dried activated sludge. Process Biochem., 33; 649-655, 1998.
5. Al-Asheh, S.; Banat, F.; Abu-Aitah, L. Adsorption of phenol using different types of activated bentonites. Sep. Pur. Technol., 33: 1-10, 2003.
6. Antizar-Ladislao, B.; Galil, N. I. Biosorption of phenol and chlorophenols by acclimated residential biomass under bioremediation conditions in a sandy aquifer. Water Res., 38: 267-276, 2004.
7. Ariga, O.; Yamakawa, T.; Fujimatsu, H.; Sano, Y. Immobilization of β-galactosidase with polyvynil alcohol. J. Ferment. Bioeng., 68: 293-295, 1989.
8. Bell, J. P.; Tsezos, M. The selectivity of biosorption of hazardous organics by microbial biomass.Water Res., 10: 1245-1251, 1988.
9. Cirigliano, M. C.; Carman, G. M. Isolation of a Bioemulsifier from *Candida lipolytica*. Appl. Environ. Microbiol., 48: 747- 750, 1984.
10. Gadd, G. M.; White, C.; Removal of thorium from simulated acid process streams by fungal biomass. Biotechnol. Bioeng., 33: 592- 597, 1989.
11. Godjevargova, T.; Ivanova, D.; Alexieva, Z.; Dimova, N. Biodegradation of toxic organic components from industrial phenol production waste waters by free and immobilized *Trichosporon cutaneum* R57. Process Biochem., 38: 915-920, 2003.
12. Jeon, C.; Park, J. Y. Yoo, Y. J. Novel immobilization of alginic acid for heavy metal removal. Biochem. Eng. J., 11: 159-166, 2002.

13. Kapoor, A., Viraraghavan, T. Fungal Biosorption- An Alternative Treatment Option for Heavy Metal Bearing Wastewaters: A Review. Bioresource Technol., 53: 195- 206, 1995.
14. Muter, O.; Lubinya, I.; Millers, D.; Grigorjeva, L.; Ventinya, E.; Rapoport, A. Cr(VI) sorption by intact and dehydrated *Candida utilis* cells in the presence of other metals. Process Biochem., 38: 123-131, 2002.
15. Rao, J. R.; Viraraghavan, T. Biosorption of phenol from an aqueous solution by *Aspergillus niger* biomass. Bioresource Technol., 85: 165-171, 2002.
16. Texier, A. C.; Andres, Y.; Faur-Brasquet, C.; LeCloirec, P. Fixed-bed study for lanthanide (La, Eu, YB) ions removal from aqueous solutions by immobilized *Pseudomonas aeruginosa*: experimental data and modelization. Process Biochem., 47: 333-342, 2002.
17. Tsezos, M.; Bell, J. P. Comparison of the biosorption and desorption of hazardous organic pollutans by live and dead biomass. Water Res., 23: 561-568, 1989.
18. Veglió, F.; Beolchini, F.; Gasbarro, A. Biosorption of toxic metals: an equilibrium study using free cells of *Arthrobacter* sp. Process Biochem., 32: 99-105, 1997.
19. Wang, C.C.; Lee, C. M.; Kuan, C. H. Removal of 2,4-dichlorophenol by suspended and immobilized *Bacillus insolitus*. Chemosphere, 41: 447-452, 2000.
20. Wolfaardt, G. M.; Lawrence, J. R.; Robarts, R. D.; Caldwell, D. E. Bioaccumulation of the herbicide diclofop in extracellular polymers and its utilization by a biofilm community during starvation. Appl. Environ. Microbiol., 61: 152-158, 1995.

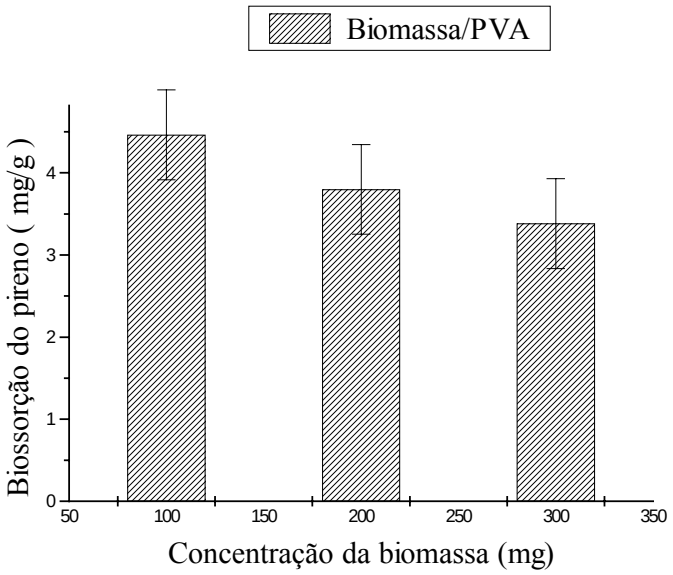


Figura 1. Capacidade máxima de biossorção do pireno por *Candida lipolytica* imobilizada em mg g^{-1}.
Os dados são valores da média de determinações em duplicata.

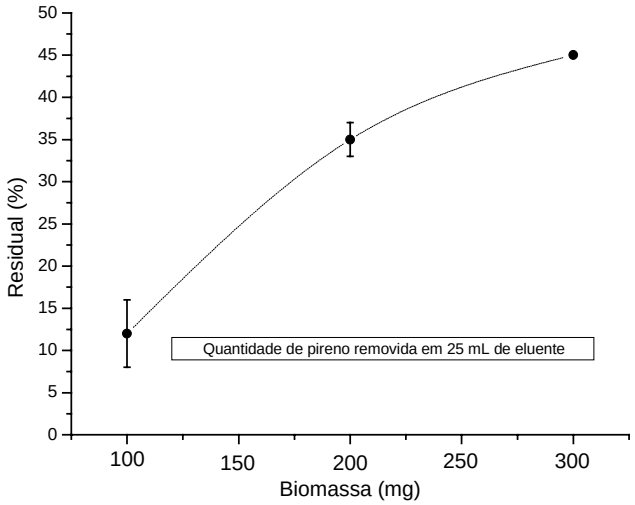


Figura 2. Concentração residual do pireno em percentual, em 25 ml de eluente; de colunas com 100, 200, e 300 mg de *Candida lipolytica* imobilizada.

CONCLUSÕES GERAIS

CAPÍTULO I

- *Candida lipolytica* produz novos bioemulsificantes extracelulares com atividade de emulsificação em fermentação por batelada utilizando óleo de babaçu e D-glicose como fontes de carbono.
- O meio basal, constituído por uréia, sulfato de amônio e fosfato de potássio, tendo como base mineral a água do mar natural diluída a 50%, demonstrou excelente condições de produção de biopolímeros e baixo custo.
- A produção dos novos biopolímeros não é afetada em meio de cultura com salinidade de 13% e suas moléculas são constituídas por carboidratos, proteínas e lipídeos.

CAPÍTULO II

- A composição de meios de cultura para a produção de biossurfactantes por *Candida lipolytica*, através de planejamento fatorial em três etapas, mostrou um aumento na produção de surfactantes com atividade de emulsificação em relação aos meios utilizados no capítulo I.
- Extrato de levedura, uréia, e fosfato de potássio em suas concentrações mais altas são mais eficientes na produção de biossurfactantes.
- O sulfato de amônio é indicado em seu nível mais baixo e o óleo de babaçu é independente quanto ao seu nível, no aumento da produção de surfactantes com atividade de emulsificação.

CAPÍTULO III

- A remoção e biossorção do pireno ocorrem em condições de interações de substratos mistos, solúveis (glicose e sacarose) e insolúveis (óleo de babaçu e pireno).
- A taxa de remoção do pireno mais alta (99,02%) ocorre pelo processo de biossorção por células em fase de declínio, no meio contendo apenas substratos insolúveis como fonte de carbono.
- A condição de crescimento em substratos mistos solúvel (glicose) e insolúvel (óleo de babaçu) foi mais eficaz quanto ao crescimento celular, alcançando também uma alta taxa de remoção (97,51%) de pireno.

CAPÍTULO IV

- *Candida lipolytica* imobilizada em álcool polivinil como matriz inerte apresenta grande capacidade de biossorção do hidrocarboneto aromático policíclico pireno.
- O pireno foi removido pela biomassa, cuja capacidade máxima de biossorção deste composto foi de 86,91 mg g^{-1} na coluna com 100 mg de biomassa sendo este o melhor resultado.
- A dessorção do pireno foi de aproximadamente 2% , indicando uma forte biossorção pela biomassa.

ANEXOS

Normas utilizadas

CAPÍTULO II

Bioresource Technology

Guide for Authors

Submission of Papers

Authors are requested to submit their original manuscript and figures with two copies as follows: Papers from Europe: Dr Julian A.S. Goodwin, Chemical Engineering, School of Engineering and Physical Sciences, Heriot-Watt University, Riccarton, Edinburgh, EH14 4AS, UK; Papers from the Rest of the World: Dr S. C. Ricke, Department of Poultry Science, 101 Kleberg Center, Texas A&M University, College Station, TX 77483-2472, USA.
Submission of a paper implies that it has not been published previously, that it is not under consideration for publication elsewhere, and that if accepted it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the publisher. All papers should be written in English.

Types of Contributions

Original papers; review articles; case studies; short communications; reports of conferences and meetings; book reviews; letters to the editors, forthcoming meetings.

Manuscript Preparation

General: Manuscripts must be typewritten, double-spaced with wide margins on one side of white paper. Good quality printouts ***with a font size of 12 or 10 pt*** are required. The corresponding author should be identified (include a fax number and e-mail address). Full postal addresses must be given for all co-authors. Authors should consult a recent issue of the journal for style if possible. An electronic copy of the paper should accompany the final version. The Editors reserve the right to adjust style to certain standards of uniformity. Authors should retain a copy of their manuscript since we cannot accept responsibility for damage or loss of papers. Original manuscripts are discarded one month after publication unless the Publisher is asked to return original material after use.
Abstracts: Each paper should be provided with an Abstract of about 100-150 words, reporting concisely on the purpose and results of the paper. Abstracts should include no more than 10 keywords which reflect the entries the authors would like to see in an index.
Text: Follow this order when typing manuscripts: Title, Authors, Affiliations, Abstract, Keywords, Main Text, Acknowledgements, Appendix, References, Vitae, Figure Captions and then Tables. Do not import the Figures or Tables into your text. The corresponding author should be identified with an asterisk and footnote. All other footnotes (except for table footnotes) should be avoided.
Units: The SI system should be used for all scientific and laboratory data; if, in certain instances, it is necessary to quote other units, these should be added in parentheses. Temperatures should be given in degrees Celsius. The unit 'billion' (10^9 in America, 10^{12} in Europe) is ambiguous and must not be used.

Symbols: Abbreviations for units should follow the suggestions of the British Standards publication BS 1991. The full stop should not be included in abbreviations, e.g. m (not m.), ppm (not p.p.m.), '%' and '/' should be used in preference to 'per cent' and 'per'. Where abbreviations are likely to cause ambiguity or not be readily understood by an international readership, units should be put in full.
References: All publications cited in the text should be presented in a list of references following the text of the manuscript. In the text refer to the author's name (without initials) and year of publication (e.g. "Since Peterson (1993) has shown that..." or "This is in the agreement with results obtained later (Kramer, 1994)"). For three or more authors use the first author followed by "et al.", in the text. The list of references should be arranged alphabetically by authors' names. The manuscript should be carefully checked to ensure that the spelling of authors' names and dates are exactly the same in the text as in the reference list.
References should be given in the following form:
Deka, G.C., 1987. Physical, chemical and pulping characteristics of hybrid *Salix* clones. PhD thesis, Faculty of Forestry, University of Toronto.
Gandini, A., 1992. Polymers from renewables resources. In: Aggraval, S. L., Russo, S. (Eds.), Comprehensive Polymer Science. Pergamon Press, Oxford, (Chapter 10).
Hobson, P.N., 1969. Growth of mixed cultures and their biological control. In: Meadow, P.M., Pirt S.J. (Eds.), Microbical Growth. Proc 9th Symp Soc Gen Microbiology. Cambridge University Press, London, pp. 43-64
Vassileva, M., Azcon, R., Barea, J.-M., Vassilev, N., 1999. Effect of encapsulated cells pf Enterobacter sp on plant growth and phosphate uptake. Bioresource Technol 67 (3), 229-232.
Zakis, G., Neiberte, B., 1993. Amines derivatives of lignin - a method for obtaining an acid sorbent. LV Patent 5213.
Illustrations: All illustrations should be provided in camera-ready form, suitable for reproduction (***which may include reduction***) without retouching. Photographs, charts and diagrams are all to be referred to as "Figure(s)" and should be numbered consecutively in the order to which they are referred. They should accompany the manuscript, but should not be included within the text. All illustrations should be clearly marked on the back with the figure number and the author's name. All figures are to have a caption. Captions should be supplied on a separate sheet.
Line drawings: Good quality printouts on white paper produced in black ink are required. All lettering, graph lines and points on graphs should be sufficiently large and bold to permit reproduction when the diagram has been reduced to a size suitable for inclusion in the journal. Dye-line prints or photocopies are not suitable for reproduction. Do not use any type of shading on computer-generated illustrations.
Photographs: Original photographs must be supplied as they are to be reproduced (e.g. black and white or colour). If necessary, a scale should be marked on the photograph. Please note that photocopies of photographs are not acceptable.
Colour: Where colour figures are required the author will incur the costs at the current colour printing prices.
Tables: Tables should be numbered consecutively and given a suitable caption and each table typed on a separate sheet. Footnotes to tables should be typed below the table and should be referred to by superscript lowercase letters. No vertical rules should be used. Tables should not duplicate results presented elsewhere in the manuscript, (e.g. in graphs).

Disk submission

Authors should submit an electronic copy of their paper with the final version of the manuscript. The electronic copy should match the hardcopy exactly. Always keep a backup copy of the electronic file for reference and safety. Full details of electronic submission and formats can be obtained from http://authors.elsevier.com.
For assistance on how to prepare your artwork for electronic submission visit: http://www.elsevier.nl/locate/authorartwork

Proofs

Proofs will be sent to the author (first named author if no corresponding author is identified of multi-authored papers) and should be returned within 48 hours of receipt. Corrections should be restricted to typesetting errors; any others may be charged to the author. Any queries should be answered in full. Please note that authors are urged to check their proofs carefully before return, since the inclusion of late corrections cannot be guaranteed. Proofs are to be returned to the Log-in Department, Elsevier Science, Stover Court, Bampfylde Street, Exeter, Devon, EX1 2AH, UK.

Offprints

Twenty five offprints will be supplied free of charge. Additional offprints and copies of the issue can be ordered at a specially reduced rate using the order form sent to the corresponding author after the manuscript has been accepted. Orders for reprints (produced after publication of an article) will incur a 50% surcharge.

Copyright

All authors must sign the "Transfer of Copyright" agreement before the article can be published. This transfer agreement enables Elsevier Science Ltd to protect the copyrighted material for the authors, without the author relinquishing his/her proprietary rights. The copyright transfer covers the exclusive rights to reproduce and distribute the article, including reprints, photographic reproductions, microfilm or any other reproductions of a similar nature, and translations. It also includes the right to adapt the article for use in conjunction with computer systems and programs, including reproduction or publication in machine-readable form and incorporation in retrieval systems. Authors are responsible for obtaining from the copyright holder permission to reproduce any material for which copyright already exists.
Author Enquiries:
Authors can also keep a track on the progress of their accepted article, and set up e-mail alerts informing them of changes to their manuscript's status, by using the "Track a Paper" feature of Elsevier's Author Gateway.
For specific enquires on the preparation of electronic artwork, consult http://www.elsevier.com/locate/authorartwork/.
Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, are provided when an article is accepted for publication.

CAPÍTULO III

FEMS Yeast Research

GuideforAuthors

The Editors aim to ensure efficient publication of high-quality papers that are original and provide a significant contribution to the field of yeast research. The journal contains Research papers and MiniReviews on fundamental and applied aspects of all areas of yeast research, including yeast physiology, biochemistry, molecular biology, genetics, functional genomics, taxonomy, medical aspects, diagnostics, food spoilage, industrial applications, fermentation and biotechnology. Scientists using yeast as a model organism are welcome to submit their paper, in particular if this article has direct relevance to the yeast community.
Papers can deal with any yeast or yeast-like organism. Descriptions of new yeasts will be considered. Papers should be complete in themselves and adequately supported by experimental detail; they should not be preliminary versions of communications to be published elsewhere. Descriptions of new methods are acceptable, and the Editors are also prepared to consider papers that put forward new hypotheses. However, papers that provide confirmatory evidence or merely extend observations firmly established in one species or field site to another will not be accepted unless there are strong reasons for doing so.

SUBMISSION PROCEDURES

Manuscripts should be submitted to the Chief Editor through Manuscript Central®, which is a web-based manuscript submission, reviewing and tracking system in use by FEMS. This system allows authors to submit a new manuscript or check the status of one already submitted. Manuscript Central shortens the time needed for processing and peer reviewing manuscripts and so leads to an improved service to authors. To submit a manuscript through this system go to Manuscript Central and check the Instructions and Forms icon for detailed submission instructions.

It is possible to submit manuscripts in a variety of ways through our submission interface. However, FEMS Yeast Research strongly recommends that you compile your manuscript in MS Word and save it in Word format, using the following lay-out.
1. Start with the main body of the manuscript followed by the references.
2. Next add the tables within the same document, starting each new table on a separate page.
3.Follow the tables with the figure legends.
4. Finally add the figures, putting each figure on a separate page ensuring that the figure is at least the size it will be in the printed document and preferably at twice the final size. Add the figure number (e.g. Fig. 1) to each page well outside the boundary of the space occupied by the figure. Check that the incorporated figures can be printed at close to the original resolution of the figures in the package in which they were generated.
5. Turn on line numbering so that every line is numbered. At this stage also check that pages are numbered.
If you do not use MS Word then save in MS Word format in the word processor that you use.
6. If you are using non-standard fonts, you must embed them into your MS Word document to ensure the symbols are converted correctly.

When you submit your manuscript you will be able to submit it as an MS Word document with embedded figures. The system will convert it to a PDF file and you will have an opportunity to check it has been converted accurately. You should keep a copy of both the original document and the PDF file generated by the system. There is an option for submitting a PDF file for authors who have the necessary software. If you have any difficulty with this process, contact the FEMS Publications Office, at: submission@fems-microbiology.org. Authors who do not have the technology to submit papers in this way should submit three paper copies of their manuscript and a disk with all files to: FEMS Publications Office, c/o Chief Editor FEMS Yeast Research, Poortlandplein 6, 2628 BM Delft, The Netherlands.

Members of the Editorial board or other appropriate experts will referee the papers, Editors handling papers will make decisions on acceptance/revision/rejection independently based on the referees reports received.

During the log-in process authors can select submission to FEMS Yeast Research. A first-time user can generate a user account by creating one through the appropriate icon on Manuscript Central.
Manuscript Central will intuitively guide authors through the submission process. Fill in the boxes in each screen you come to with the appropriate information. You can cut and paste large amounts of text like the title and abstract to save time. Use the "Save and continue" button to move from screen to screen, backtrack to correct errors under the "previous" button. At the last screen (number 12), after you have checked the PDF conversion, you must use the large "Submit your Manuscript" button to activate submission to the Chief Editor. If you do not receive e-mail confirmation of your submission within 24 hours contact submission@fems-microbiology.org. Authors submitting manuscripts must include their name, address, telephone number, e-mail address, names of co-authors, title of the manuscript, abstract and keywords. Postal and e-mail addresses of co-authors can be supplied if all co-authors require e-mail notification of the status of their paper.

Authors should also indicate four persons (including e-mail addresses) who possibly could act as reviewers of their manuscript.

A manuscript number will be assigned to each submitted manuscript, which will be used in all correspondence. Authors will receive an e-mail confirming submission of the manuscript. Although authors will be kept informed of the status of their paper, they can also check the submission website for information themselves.

MINIREVIEWS

MiniReviews are concise articles covering topics of current interest or controversial aspects of subjects within the scope of the journal. The style for MiniReviews is the same as for the rest of the journal with the following amendments: the maximum length of the text is about 12 printed pages; a combined total of six Figures and Tables is allowed. The number of references should not normally exceed 50. Colour figures or diagrams are encouraged and will be printed in the journal free of charge providing the Editor believes that the use of colour adds value to the MiniReview. There is no rigid format for MiniReviews but they should generally include an *Abstract* and a brief *Introduction* in which the background to the article is presented. It is then

helpful if the remainder of the text is arranged under a single, or a maximum two levels of subheading, finishing with a *Conclusion* or *Outlook* section.

MiniReviews are normally invited but prospective authors are encouraged to contact the Chief Editor to discuss possible contributions. Contributions of colour pictures serving as cover illustrations for the journal are also welcome.

PREPARATION OF MANUSCRIPT

A recent issue of FEMS Yeast Research should be consulted for guidance on format and style. Up-to-date Notes to Authors are also available via the drop-down menus on the Journals page of the FEMS Website (http://www.fems-microbiology.org/).

1.*Language*
Papers should be in English (either British or American spelling). Authors who are unsure of correct English usage should have their manuscripts checked by someone proficient in the language; manuscripts that are deficient in this respect may be returned to the author for revision before scientific review.

Authors in Japan please note: Upon request, Elsevier Science Japan will provide authors with a list of people who can check and revise the English of their paper (before submission). Please contact Elsevier's office in Tokyo: Elsevier Science K.K. 1-9-15 Higashi-Azabu, Minato-ku, Tokyo 106; Tel.: (03) 5561 5032; Fax: (03) 5561 5045.

2.Presentation of manuscripts
Manuscripts must be prepared as clearly printed computer output. With word-processed text the right-hand margin justification should be switched off. Artificial word breaks at the end of lines must be avoided. The manuscript should be double-spaced (including references, Tables and legends for Figures) with wide margins. The beginning of each new paragraph must be clearly indicated by indentation. All pages should be numbered consecutively. Even though our online submission procedure is electronic, peer reviewing will often be based on a print-out. It is therefore essential that page and line numbering are both active in the submitted document.

3.*Length*
There is no maximum length for papers, but the length should be consistent with the original content and authors are urged to be concise. Excessively long reference lists should be avoided. Repetition of information in the text and illustrations should not occur. Very short papers should not be submitted. Short communications should normally be submitted to FEMS Microbiology Letters. Occasionally, short papers may be published in FEMS Yeast Research if they offer a significant, though small, increase in knowledge or understanding of the field.

4.*Revision*
Papers may be returned to authors for modification of the scientific content and/or for shortening and language corrections. Revised versions must be submitted through our online system Manuscript Central, and must be accompanied by an e-mail listing the changes that have been made. For this purpose you will find a short-link already created in your Submitting Author Center - you have to click the title of the manuscript identified with (article-id).R1. We need a source file(MS Word or RTF format) to be uploaded, to be able to use your files for production. You must submit one file for each figure at sufficient resolution for publication at this stage.

Suggestions by the Editors about resubmission do not imply that a revised version will necessarily be accepted. If a paper that is returned to the authors for amendment is not resubmitted within two months it will be regarded as having been withdrawn and any revised version received subsequently will be treated as a new paper and the date of receipt will be altered accordingly. Authors who feel that there are substantial grounds for disagreement with an Editor's decisions should contact the Chief Editor, whose decision will be final.

5.*Title,authors and keywords*
The paper should not form part of a numbered series but should be headed by a concise, informative title. Authors are reminded that titles are widely used in information-retrieval systems. The title should be followed by the name(s) of the author(s) (with first or middle names in full and including all initials) and by the name(s) and address(es) of the institute(s) where they worked during the study. For multiple authors with different affiliations, please indicate the relevant affiliations. The name and full postal address, telephone and fax numbers, as well as the e-mail address of one corresponding author should be provided in a footnote.
A list of three to six keywords must be included on the first page. Authors are requested to consult the subject indices of FEMS Yeast Research or the list of subject headings from *Index Medicus* for preferred synonyms and standard abbreviations. Plural terms should be avoided. The title is not used for preparing the index, so important words and phrases may appear in both the title and keywords. General terms such as `Enzyme', `Membrane', `Transport', etc should be avoided or qualified, e.g. `Enzyme activation', `Membrane phosphorylation', `Ion transport'.

6. *General arrangement of papers*
Papers should be written mainly in the past tense, but the present tense can be used to convey authors' ideas and generally accepted information. Hence, *Materials and methods* and *Results* are normally written in the past tense and the present tense is occasionally used in the *Introduction* and *Discussion*.
(a) *Abstract*. This should be about 100 words and only one paragraph. Some abstracting services use authors' summaries without modification so this section must be able to stand independently. References should not be cited. Abbreviations should be avoided, but if they have to be used they must be defined.
(b) *Introduction.* This should state the objectives but should not contain a summary of the results. Sufficient information should be given to explain the background to non-specialists but there is usually no need for a comprehensive literature survey.
(c) *Materials and methods*. Sufficient detail must be provided to allow the work to be repeated. Suppliers of materials and a brief address should be mentioned if this might affect the results.
(d) *Results* (the presentation of data is given below).
(e) *Discussion*. This should not simply recapitulate the Results. Combined Results and discussion sections are encouraged when appropriate.
(f) *Acknowledgements* to funding agencies, colleagues who assisted with unpublished data or reading the review, members of a laboratory who provided data previously unpublished, etc.
(g) *References* (the style and format are given below).

7. *Presentation of data*
Tables and Figures should be selected to illustrate specific points. Do not tabulate or illustrate points that can be adequately and concisely described in the text. Do not repeat information in both Tables and Figures. They should together with the legend be understandable on their own

without reference to the text.
(a) *Tables*. Tables and legends should be typed double-spaced. Explanatory footnotes should be related to the legend or Table using superscript, lower-case letters. All abbreviations should be defined after the footnotes below the Table or by reference to a previous Table in the same paper.
(b) *Line art is an artwork type commonly used for graphs and charts containing scientific data as well as handdrawn images.* Figures should be designed for maximum clarity, to economise on space and to take account of the dimensions of the column or page. Columns are 8.5 cm wide and pages are 17.8 cm wide. Line art must be drawn following these specifications:
- Figures should be 17 cm in width (twice their final size) with wide margins.
- All lines should be drawn at 1.5 point (0.5 mm wide), broken line styles may be used to differentiate multiple plot lines if desired.
- Letters and numbers should be 16 point (capitals 4 mm high) non-serif .
- Symbols should be 3 mm in diameter; lines drawn to accompany the points should not go through hollow symbols.
- Grid lines should not be used.
- Numbers used as axis labels should have minimum significant figures; amounts less than unity must carry a preceding zero (e.g. 0.5 not .5).
- The use of concise explanatory labels aids interpretation and so is encouraged instead of incorporating symbols in the typed legend printed below the Figure or as a separate drawn legend within the Figure.
- Larger composite Figures may be designed to occupy 2 columns when this can achieve an overall saving in space. The character, line and symbol sizes should be adjusted accordingly to achieve the same sizes on the printed page. For example, with a 24 cm wide Figure the sizes would be: characters, 12 point, capitals, 3 mm high; lines, 1 point, 0.35 mm; symbols, 2.3 mm in diameter.
(c) *Half-tone and colour Figures*. Half-tone illustrations should be very sharp with maximum contrast. Magnification should be indicated where appropriate by inclusion of a bar marker. Non-essential areas of photographs should be cut off. Photographs of electrophoretograms etc. in which there is poor contrast may be better replaced by line drawings, but in this case the photographs should be submitted for scrutiny by the Editors. If photographs have been digitally processed to enhance their quality, this should be stated. **Colour illustrations will be published free of charge provided colour is essential for the understanding of the information**. Authors are encouraged to make optimal use of this feature.
(d) *Electronic submission of Figures*. High quality figures are required when the final version of the manuscript is uploaded through Manuscript Central, and should be prepared using the following guidelines.
- Please use quality graphic programs such as Adobe Photoshop, Adobe Illustrator, Corel Draw, or Freehand to create your figure.
- Please make sure your electronic figure is at the desired size for the printed article.
- For halftones you need a minimum of 300 dpi; combination artwork a minimum of 500 dpi; and for line figures preferably 1000 dpi to 1200 dpi.
- Combination artwork is artwork containing halftone and line art elements (e.g. electrophoresis gels or Southern blots with lane and fragment sizes labeled) must be in EPS. In case the combination artwork is scanned the preferred format is TIFF with a resolution of minimal 500 dpi using LZW compression for black & white figures and no compression in case of colour.
- The following figure formats are acceptable for our publisher (as long as they are created with the instructions given above):

- TIFF and EPS (please make sure to embed all used fonts)
- DOC, XLS, PPT
- Illustrator (AI) or Photoshop files (PSD)
- For each figure one file must be submitted.

You will find some more helpful and simplified guidelines by clicking the "Preferred FEMS format for revised manuscripts" icon, which can be reached via the "Instructions and Forms" button at the top right of all Manuscript Central pages. Further detailed information can be found at http://authors.elsevier.com/artwork. In principle the electronic files will be used for producing the final publication, but to ensure short production times, it is still essential to provide the publisher Elsevier with a set of high quality print-outs of your figures upon acceptance.
(e) *Figure legends*. Legends for both line-drawings and half-tones must be given on a separate page. The legends should consist of a preliminary sentence constituting a title, followed by a brief description of the way the particular experiment was carried out, and any other necessary material describing the symbols or lines. All abbreviations must be defined.

8*Reproducibility of results and statistical tests*
Authors should state how many times experiments were repeated and whether mean or representative results are shown. Variability should be indicated statistically wherever possible as part of, but not in place of, a proper statistical analysis. If results are expressed as percentages, the absolute value corresponding to 100% must be stated. Avoid values with unjustified numbers of significant figures; in most cases three significant figures is consistent with the accuracy attained in micro-biological experiments.
Results of statistical tests should be presented wherever possible as evidence for conclusions reached. Such information must be presented concisely to illuminate the results, but not to dominate them. The tests used should be briefly described in the Materials and methods section. Details of the diagnostic checks made for the assumptions of the statistical tests and for the validity of any transformations used should be stated clearly. Further information can be found in the following references: (a) Sokal, R.R. and Rohlf, F.J. (1981). Biometry. W.H. Freeman, San Francisco; (b) Fry, J.C. (1993). Biological Data Analysis: A Practical Approach. IRL Press, Oxford.

9. *Nomenclature, abbreviations and units*
Authors should follow internationally accepted rules and conventions. Authors should provide evidence for the thorough identification of new isolates and use the most recent acceptable name.
Microorganisms. The spelling of bacterial names should follow the *Approved Lists of Bacterial Names* http://www.bacterio.cict.fr/. If there is a reason to use a name that does not have standing in nomenclature, the name should be enclosed in quotation marks and an appropriate statement concerning the nomenclatural status of the name should be made in the text (for an example, see Int. J. Syst. Bacteriol. (1980) 30, 547-556).
Viruses. Names used for viruses should be those approved by the International Committee on Taxonomy of Viruses (ICTV) http://www.ncbi.nlm.nih.gov/ICTV/. If desired, synonyms may be added parenthetically when the name is first mentioned. Approved generic (or group) and family names may also be used.
Enzymes. For enzymes, use the recommended (trivial) name assigned by the Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry as described in Enzyme Nomenclature http://www.chem.qmw.ac.uk/iubmb/enzyme/.
Genes. Genetic nomenclature should essentially follow the recommendations of Demerec et al.

(Genetics (1966) 54, 61-76), and those given in the instructions to authors of the *Journal of Bacteriology and Molecular and Cellular Biology* (January issues).
Biochemical compounds. Consult the European Journal of Biochemistry for Nomenclature Committee of the International Union of Biochemistry. (http://www.chem.qmw.ac.uk/iubmb/)
Abbreviations. Abbreviations should only be used as an aid to the general reader and their use should be strictly limited. Define each abbreviation and introduce it in parentheses the first time it is used: e.g. `cultures were grown in Eagle minimal essential medium (MEM)'. Eliminate abbreviations that are not at least ten times in the text (including Tables and Figure legends).
In addition to abbreviations to the international system of units of measurements, other common units (e.g., bp, kb, Da), chemical symbols for the elements, and the standard biochemical abbreviations (see Eur. J. Biochem.) should be used without definition.
It is often possible to use pronouns or to paraphrase a long word after its first use (e.g. `the drug', `the substrate'). Standard chemical symbols and trivial names or their symbols (folate, Ala, Leu, etc.) may be used for terms that appear in full in the neighbouring text.
Abbreviations other than those recommended by the IUPAC-IUB (Biochemical Nomenclature and related Documents, 1978) should be used only when a case can be made for necessity, such as in Tables and Figures.
Reporting numerical data. The international system of units (SI) should be used; ml is acceptable in place of cm^3 for liquid measures. The form for units is $\mu g\ ml^{-1}$ and not $\mu g/ml$, parentheses should be used to improve clarity, e.g. ml (g dry wt soil) $^{-1}$ h^{-1}. Multiplication of numbers should be indicated by a multiplication sign with spaces either side (e.g. 6.2×10^8) and of units by a space (e.g. mg l^{-1}).
The prefixes k, m, μ, n, and p should be used in combination with the standard units for reporting length, weight, volume and molarity for 10^3, 10^{-6}, 10^{-9}, and 10^{-12}, respectively. Use "$\mu g\ ml^{-1}$" or "$\mu g\ g^{-1}$" instead of the ambiguous ppm. Units of temperature are presented as follows: 37°C or 324 K.

10. *References*
These should be numbered sequentially in the order of their citation in the text and inserted between square brackets, e.g. [1], [16-21]. The list of references should follow the order of their citation and should be double-spaced. References to journals should contain the names and initials of all authors, year of publication in parentheses, title of the paper, and the abbreviation of the title of the periodical according to *Index Medicus*. These should be followed by the volume number and first and last page numbers. References should not be given to work `in press' unless it has been accepted for publication and two copies are enclosed along with the submitted manuscript. References to books should include the title of the book, the year of publication, the publishing company and the place of publication.
Examples:
[1] Stambuk, B.U. and Araujo, P.S. (2001) Kinetics of active a-glucoside transport in Saccharomyces cerevisiae. FEMS Yeast Res. 1, 73-78.
[2] Dinter, Z. and van Morein, B. (1990) Virus Infections in Ruminants, 592 pp. Elsevier, Amsterdam.
[3] McCarthy, A.J. (1989) Thermomonospora. In: Bergey's Manual of Systematic Bacteriology (Williams, S.T., Sharpe, M.E. and Holt, J.G., Eds.), Vol. 4, pp. 2552-2572. Williams and Wilkins, Baltimore, MD.
Unpublished results and personal communications may be mentioned in the text provided that (a) the names and initials of all the persons involved are listed, and (b) they have all granted

permission for the citation. Unpublished accession numbers for nucleotide sequences and similar information must be accompanied by sufficient details to allow the relevant information to be retrieved.

11. *Nucleotide and amino acid sequences*
Nucleotide sequences should be fully determined in both senses of the DNA. Sequence information will be accepted for publication only if: (a) it is relevant to a question of more general interest, (b) there is additional, complementary information, or (c) there is some particular, explicit reason for publication.
All nucleotide and amino acid sequences must be deposited in an appropriate data bank. An accession number must be obtained before submission to the Editors and this fact should be mentioned in the covering letter. Authors are encouraged to use the EMBL Data Library but can also use other archives, such as GenBank. Authors should include the accession number in the appropriate Figure legend.
Nucleic acid and amino acid sequences submitted as Figures should be as sharp and clear as possible and retain perfect legibility after reproduction. This means they should be printed with a letter-quality computer printer. There should be no confusion between G and C. The width should be (close to) that of the typesetting area (i.e., 178 mm) or column width (85 mm). Any additional markings should be clearly added in black ink or with a computer drawing package.

12. *Careful checking*
Manuscripts should be carefully checked before submission since alterations made at the `proof' stage may be charged for by the Publishers.

13. *Enquiries and alterations*
Queries will be referred back by e-mail to the corresponding author. The Editors reserve the right to make minor alterations to the text without altering the scientific content.

PROOFS

Proofs will be sent to the corresponding author only to check for typesetting accuracy. Any changes from the original manuscript, if allowed at this stage, may be charged for by the Publisher. If the Publishers have not heard from the authors by the date noted on the proof, they will assume that the authors have no corrections to suggest.

OFFPRINTS

The corresponding author will receive an Order Form, together with the page proofs, on which to indicate the address to which the free offprints are to be sent and to order additional offprints. **Twenty-five free** offprints are available for each paper.

NO PAGE CHARGES

There is no page charge for publication in any of the FEMS publications.

ETHICAL AND RELATED ASPECTS

The editors expect that new and variant organisms, viruses and vectors described in FEMS journals will be made available, under written request and for their own use, to all qualified members of the scientific community. If delays in strain or vector distribution are anticipated or if

they are available from sources other than the authors this should be indicated. The Editors encourage authors to deposit important strains in publicly accessible culture collections and to refer to the collections and strain numbers in the text. In the case of materials that have been distributed by individuals, authors should indicate the laboratory strain designations and name and address of the donor as well as the original culture collection identification number, if any.

Papers describing experimental work with humans must include a statement that the Ethical Committee of the institution in which the work was done has approved it, and that the subjects gave informed consent to the work. Experiments with animals or with genetically manipulated organisms must have been done in accordance with the legal requirements of the relevant local or national authority. Procedures should be such that experimental animals do not suffer unnecessarily.

Submission of a manuscript implies that the work described has not been published before (except in the form of an abstract or as part of a published lecture, review or academic thesis, in which case reference should be made in a footnote to the title) and that it is not under consideration for publication elsewhere. The corresponding author must ensure that its publication has been approved by all the authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities in the laboratories where the work was carried out and that all persons entitled to authorship have been so named. If accepted, the article must not be published elsewhere in the same form in either the same or another language, without the consent of the Editors and Publisher. Each named author must be responsible for at least the part describing his or her contribution and must have seen (i) before submission, the entire final text and (ii) any substantial subsequent revisions. The Editors must be notified in writing by the corresponding author of any deviation from these rules. The articles published in FEMS Yeast Research represent the scientific findings and opinions of the authors. Whilst the Editors and Publishers make every effort to ensure the accuracy of all published matter, they can accept no responsibility or liability, collectively or individually, for any erroneous, misleading or unintentionally damaging statements, which may appear in the journal. Authors must draw attention to chemical or biological hazards that may be involved in materials and methods used in experiments.

REQUESTS FOR PERMISSION TO REPRODUCE MATERIAL FROM PUBLISHED ARTICLES

Individuals wishing to reproduce Figures, Tables and excerpts of text (not exceeding 250 words) from articles published in FEMS Yeast Research for non-commercial purposes may do so providing the original publication is acknowledged accordingly and the authors' approval is obtained, and in this case no special permission is needed from either the Publisher or the Editors. Authors may also include the article in a Thesis without special permission. In all other cases, permission may be sought directly from the Elsevier Global Rights Department in Oxford (e-mail: permissions@elsevier.co.uk) or better, by filling in the form on the Elsevier web site; see Author Gateway and click on "Copyright information" to obtain a Permission Form.**INFORMATION FOR AUTHORS AND READERS**
The Editors and Publishers are always willing to hear from authors and readers and to consider their views sympathetically. Please note the following contact details:

- Simplified guidelines regarding electronic submission of figures can be found by clicking the "Preferred FEMS format for revised manuscripts" icon, which can be reached via the

"Instructions and Forms" button at the top right of all Manuscript Central pages. Further detailed information can be found at http://authors.elsevier.com/artwork

- Queries relating to submission: e-mail submission@fems-microbiology.org
- Manuscripts under review: consult the Submitting Author Center at http://mc.manuscriptcentral.com/fems
- Status of accepted articles: consult the Author Gateway from Elsevier Science at http://authors.elsevier.com
- Questions arising after acceptance of an article: e-mail authorsupport@elsevier.com

CAPÍTULO IV

BRAZILIAN JOURNAL OF MICROBIOLOGY

GUIDELINES TO AUTHORS

SCOPE OF THE JOURNAL

Brazilian Journal of Microbiology, published by the Brazilian Society of Microbiology, publishes original research papers, research notes and, occasionally, reviews, covering all aspects of Microbiology.

The following categories of papers are acceptable for publication in Brazilian Journal of Microbiology:

***Research paper*:** the research paper reports results of original research, which has not been published elsewhere. It consists of 12 to 15 double-space typewritten pages **including references, tables and figures.** An abstract with title (Resumo) and three to five key-words (Palavras-chave) in Portuguese must be provided.

***Short Communication*:** a Short Communication is a concise account of new and significant findings. It should be written according to the guidelines given for the research papers (see above) but without heading divisions. It's abstract and resumo (in Portuguese) should not exceed 50 words. Figures and tables should be restricted to a maximum of two figures or two tables, or one table and one figure. The author should state that the manuscript is a short communication so that it can be properly evaluated during the review process.

***Mini-review*:** Review articles should deal with microbiological subjects of broad interest. Specialists will be called upon to write the reviews. In addition to the Abstract in English and in Portuguese (Resumo), they may contain a list of contents.

SUBMISSION OF A MANUSCRIPT

Submission of a manuscript to Brazilian Journal of Microbiology is understood to imply that it has not previously been published (except in an abstract form) and that it is not being considered for publication elsewhere.

All manuscript should be typewritten in English and submitted in triplicate to the Editors. Manuscripts submitted by fax or e-mail will not be accepted.

PUBLICATION OF A MANUSCRIPT

Manuscripts are accepted for publication after having been critically reviewed. Referees are indicated by the Editors. The manuscript will be returned to the nominated author for revision according to suggestions made by the reviewers. The author should return the reviewed manuscript to the Editors within the stipulated date. The author is notified when a manuscript is received and also when it is accepted or rejected for publication.

On acceptance of a paper, the nominated author will be requested to send the text in a computer disquete. Galley proofs will be sent to the author for correction. They should be checked carefully and handed promptly according to instructions which are attached.

Membership in Brazilian Society for Microbiology is not a prerequisite for submission of a manuscript for publication. Nonmember scientists from Brazil and other countries are invited to submit papers for analysis.

Submission of a manuscript implies that all authors and their institutions have agreed with its publication. Responsibility for the accuracy of the manuscript content lies entirely with the author.

PREPARATION OF A MANUSCRIPT

General

1. All manuscripts should be typed double-spaced with wide margins. Pages should be numbered sequentially. Research papers should be restricted to 15 printed pages, **including references, tables and figures.** Short Communications should be restricted to 6 printed pages.

2. All manuscripts must be written in English. The Editors recommend that a manuscript should be critically read by someone fluent in English before submission. Manuscripts written in poor English will not be accepted.

3. The paper should be organized in topics, as described in the next paragraph. The name of the topics should be typed in capital letters (e.g. ABSTRACT, INTRODUCTION, etc). Citation of tables and figures should initiate with capital letters (e.g. as shown in Table 1..., as presented in Fig.2..., etc)

4. Abbreviations of terms and symbols should follow the recommendations of IUPAC-IUB Commission and the Metric System is to be used throughout.

5. As a rule, the references in the text should be cited by their numbers. Exceptionally, when authors are mentioned in the text, the mention should be done according to the following

examples: Bergdoll (number) reported that..., Bailey and Cox (number) observed that..., or Smith *et al*. (number) mentioned that... Do not use capital letters.

6. Authors of accepted papers will be requested to send a 31/2"disquete containing the text prepared in a P.C. based word processor. Authors may also send this material by e-mail.

ORGANIZATION

TITLE PAGE: A separate page should be used to give the title of the paper, complete name (including first name and middle initials) and affiliation of each author. An asterisk should be placed after the name of the author to whom correspondence about the paper should be sent. The telephone and fax numbers and e-mail address (when available) of this author should be given in the bottom of the page. No text of the manuscript should appear on the title page. The title should be a brief as possible, contain no abbreviations and be truly indicative of the subject of the paper. Expressions like "Effects of", "Influence of", "Study on", etc, should be avoided. Care should be exercised in preparing the title since it is used in literature retrieval systems.

ABSTRACT: The abstract should be typed in a separate page and should not exceed 250 words. It should summarize the basic content of the paper. The abstract should be meaningful without reference to the text. An abstract should not contain references, tables or unusual abbreviations. Abstracts are reprinted by abstracting journals and therefore will be read by persons who do not have access to the entire paper. Three to five key-words should be provided.

RESUMO: *Resumo* is the abstract written in Portuguese. Its preparation should follow the same recommendations for the Abstract in English. The *resumo* should also contain a title in Portuguese. The rules for the title in Portuguese are the same as for the title in English (see above). Three to five *palavras-chave* (key-words) have also to be included. The *resumo* and the title in Portuguese should also be typed in a separate page.

INTRODUCTION: The introduction should begin on a new page and provide the reader with sufficient information so that the results reported in the paper can be properly evaluated without referring to the literature. However, the introduction should not be an extensive review of the literature. The introduction should also give the rationale for and objectives of the study that is being reported.

MATERIALS AND METHODS: This section should provide enough information for other investigators to repeat the work. Repetition of details of procedures which have already been published elsewhere should be avoided. If a published method is modified, such modification(s) must be described in the paper. Sources of reagents, culture media and equipment (company, city, state, country) should be mentioned in the text. Names that are registered trade marks should be so indicated. Subheading often make this section easier to read and understand.

RESULTS: This section should, by means of text, Tables and/or Figures, give the results of the experiments. If a *Discussion* section is to be included, avoid extensive interpretation of results but do so in the *Discussion* section. If *Results* and *Discussion* are combined, then results should be discussed where, in the text, is the more appropriate. Tables should be numbered independently

of the figures using Arabic numerals. All tables and figures must be mentioned in the text. The approximate location of tables and figures in the text should be indicated.

DISCUSSION: This section should discuss the results in relation to the literature cited.

ACKNOWLEDGMENTS: This section is optional and follows the Discussion. It acknowledges financial and personal assistance.

REFERENCES: Should be numbered consecutively and in alphabetical order, by last name of the author. All authors must be cited. References should be cited in the text by their numbers. Journal names should be abbreviated according to *Biological Abstracts* or *Chemical Abstracts*. All references given in the list should be cited in the text and all references mentioned in the text should be included in the list. Examples:

a. Journal article
Campos, L.C.; Whittam, T.S.; Gomes, T.A.T.; Andrade, J.R.C.; Trabulsi, L.R. *Escherichia coli* serogroup 0111 includes several clones of diarrheagenic strains with different virulence properties. *Infect. Immun.* , 62:3282-3288, 1994.

b. Paper or chapter in a book
Nelson, E.B. Current limits to biological control of fungal phytopathogens. *In*: Arora, D.K.; Rai, B.; Mukerji, K.G.; Knudsen, G. (eds). *Handbook of applied mycology: soils and plants*. Marcel Dekker, New York, 1991, p.327-355.

c. Book
Salyers, A.A.; Whitt, D.D. *Bacterial pathogenesis. A molecular approach.* ASM, Washington, 1994, 418p.

d. Patent
Hussong, R.V.; Marth, E.H.; Vakaleris, D.G. Manufacture of cottage cheese. *U.S. Pat. 3,117,870*. Jan.14, 1964.

e. Thesis
Calzada, C.T. Campylobacter jejuni *e* Campylobacter coli – *caracterização em sorogrupos e biotipos das cepas isoladas no município de São Paulo no período de 1983-1989*. São Paulo, 1991, 131p. (Ph.D. Thesis. Instituto de Ciências Biomédicas. USP).

f. Publication with no identifiable author or editor
Anonymous. The economy of by-products. *Álcool Alcoolquim.*, 2: 33-40, 1985.

g. Communications in events (Symposia, Conferences, etc)
Simões, G.S.; Silva, J.; Toledo, A.S.; Gontijo Filho, P.P. *Micobactérias não tuberculosas isoladas de pacientes com síndrome da imunodeficiência adquirida*. XVII Congresso Brasileiro de Microbiologia, Santos, 1993, p.41.

References citing "personal communication" or "unpublished data" are discouraged, although it is recognized that sometimes they must be used. In these cases, they should be cited in the text and

not in the list of references. References consisting of papers that are "accepted for publication" or "in press" are acceptable. However, references of papers that are "submitted" or "in preparation" are not acceptable.

Tables

Tables should not be included in the text. Each table must be typed in a separate sheet and numbered sequentially in Arabic number. The title of a table should be placed in the top of it and should be brief but fully descriptive of the information contained. Headings and subheadings should be concise with columns and rows of data carefully centered below them.

Figures

Arabic numbers should be used to number the figures. Data presented in the tables should not be repeated in the figures. The legend of the figures should be placed at their bottom.

Photographs and line drawings

Should be kept to a minimum strictly necessary for the understanding of the paper. Photoprints should be of sufficient quality to ensure good reproduction. They should be numbered on the back and identified with the nominated author's name. Legends of line drawings and photographs should not exceed the printing area. All elements in the drawing should be prepared to withstand reductions. Drawings and line figures should be drawn or printed in black and should be prepared as indicated for the photographs. Colored illustrations are not accepted.

Reprints

Ten reprints of each paper will be mailed to the nominated author, free of charge. Additional reprints may be ordered and will be charged.